

Iracema, mon amour

Diego Braga Norte



Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> ou envie um pedido por escrito para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

*Em uma história, os fatos não importam. Como realmente aconteceu é irrelevante.
O importante é como ela merece ser lembrada. E contada.*

Esse diário foi escrito entre os dias 28 de dezembro de 2004 e 18 de janeiro de 2005. Eu e meu amigo Anselmo partimos de Campo Grande rumo à Machu Picchu. Com pouco dinheiro e muita vontade, conseguimos completar nossa empreitada. Valeu. Na transcrição do diário, tentei manter a linguagem oral e despojada com que ele foi escrito. Portanto, não se assustem com frases que começam num tempo verbal e terminam com outro. Gramaticalmente incorreto, porém compreensível. Espero que gostem. A viagem, nós adoramos.

1º Dia – Partida

Campo Grande, 28/12/2004.

Sob um sol incandescente e com atraso, o Anselmo chegou na precária rodoviária campo-grandense. Precária é até elogio. Precisamente uma hora e 30 minutos antes, eu chegara lá, com as pernas bambas. No caminho, quase bati o fuscão do meu avô. Foi por pouco. Muito pouco mesmo. Estava desenvolvendo uma velocidade boa, digamos um pouco acima do limite permitido, que era de 60 km/h. Ansioso para dar tudo certo. O farol à minha frente fechou. Brequei, lógico. Os freios recém trocados precisavam ainda de uma amaciada. O fuscão tinha um bom arranque, mas não gostava muito de frear. Pisei fundo e os pneus começaram a gritar. Um carro estava à minha frente, já parado no sinal. Patinei até quase chapar a bunda do carrão, ainda bem que a pista ao lado estava vaga, pois eu desviei à direita, tirando tinta. Parei já em cima da faixa de pedestres, ou seja, não iria evitar a batida de maneira alguma. Quase foi.

Cheguei à rodoviária às 7h00 e esperei até o ônibus chegar. A rodoviária de Campo Grande não prima pela beleza arquitetônica, muito menos pela limpeza e praticidade. É uma vergonha para uma capital estadual que foi planejada. O resto da cidade é bem organizado, com ruas largas e avenidas amplas. E rotatórias. Muitas rotatórias. Adianto que o Pepe não pôde viajar por problemas profissionais e o Eduardo não foi por ser um profissional em criar problemas.

Já na casa dos meus avós, o Anselmo me presenteou com um exemplar sensacional do *Sin City*, do Frank Miller. Desde pequeno eu admiro este cara. Adorei o livro. Botamos a conversa em dia, tomamos um café e saímos para andar e suar um pouco. Andamos até a casa dos meus tios. Acordamos meu primo André e antes mesmo dele se levantar, já estávamos na sua piscina. Tive que sair da piscina para atender ao telefone, era a minha querida Marina me desejando boa viagem. Depois da piscina e de alguma conversa à toa, voltamos para a casa dos meus avós. Banho, almoço e saímos para a rodoviária. Nosso bumba estava marcado para o meio-dia, o calor do sol a pino é assustador e ainda bem que entramos logo no busão, que inclusive, era muito bom, com vidros fumê para amenizar a claridade e ar condicionado para amenizar o calor. Notamos que havia mais uma turma de mochileiros no mesmo ônibus. Ainda não sabíamos quantos eram e nem para onde iam.

A tão esperada viagem estava começando. Não estava nem um pouco nervoso, tampouco ansioso. Não estava nada. Peguei o busão como se estivesse pegando um Lapa – Penha ou um Butantã/USP – Heliópolis. Assim, sem mais nem menos, como se fosse algo absolutamente trivial. Sem emoção alguma e sem remorso. A estrada era bem plana, como quase todo o estado de Mato Grosso do Sul. O ônibus praticamente não fez curvas, era uma reta só. A primeira e única parada foi num posto próximo da cidade de Miranda, na entrada do Pantanal. Compramos um sorvete e conversamos sobre a diversidade do Brasil. Pararam outros ônibus e no posto tinha gringos indo ao Pantanal, mestiços, índios, negros, brancos e japoneses. Com exceção dos gringos, todos os outros

eram brasileiros. É por esta diversidade que o passaporte brasileiro é um dos mais visados para roubo e posterior falsificação, todo mundo pode se passar por brasileiro. Peço perdão por essa última observação manjada, suada e gasta.

De volta ao ônibus e iniciamos os contatos com os outros mochileiros. Um dos caras estava lendo um panfleto sobre Machu Picchu e eu pedi emprestado. Estavam viajando em quatro pessoas, três homens (João, Edwin e Douglas) e uma mulher (Lígia). João e Edwin eram residentes da medicina de Ribeirão Preto, o Douglas era irmão do Edwin e era também o guia do grupo. E a Lígia era uma amiga deles todos. Chegamos a Corumbá e logo chamamos a atenção dos guias locais. Os hotéis e as agências de turismo da cidade colocam funcionários na rodoviária para abordar os turistas. Quem nos abordou foi um sujeito chamado Junior. Foi educado e prestativo. Explicou-nos que já não havia mais tempo de pegar o Trem da Morte na Bolívia. Falou dos perigos do país vizinho e das “taxas” cobradas pelo pessoal da fronteira boliviana. Ofereceu-nos carona até sua pousada. Fomos. Todos numa Kombi velha e barulhenta. A pousada do Junior chamava-se Green Trek e custava R\$10,00 por pessoa. Os serviços oferecidos e as instalações eram todos bem R\$10,00. Não havia segurança, o banheiro coletivo era muito ruim e os quartos apertados não eram nem um pouco confortáveis. Agradecemos, pegamos informações sobre a cidade e saímos para procurar outro lugar. Corumbá fica nas margens do rio Paraguai, que é maior do que eu imaginava e menor do que sua fama.

Depois de consultar e negociar uns três hotéis diferentes, nós acabamos ficando no Hotel Premier, que nos ofereceu um serviço justo por R\$20,00 cada um. O calor continuava forte e mais um banho antes de sair para jantar foi necessário. Eu queria comer peixe, o pessoal queria rodízio. Venceu a maioria. No restaurante a Lígia encontrou um conhecido de São Paulo. Ela é chinesa e mora no Brasil desde pequena, acabou encontrando com uma turma de mais de 50 turistas chineses radicados em São Paulo. E o guia do povo todo era justamente seu conhecido. Os dois conversaram em chinês e o guia tirou várias fotos nossas. Foi muito estranho. Senti-me numa vitrine. Ou num museu. Somente eu e o Anselmo bebemos cerveja para ajudar a empurrar as carnes e depois da refeição o pessoal foi fazer uma hora de internet e nós fomos dar um rolê por Corumbá. A praça central é bacana, a única coisa que estragava era a decoração de natal. Paramos em um boteco para espantar o calor e tomar umas cervejas “nana neném”. Mesmo à noite, o calor nos fazia transpirar. Sentia-me em constante banho-maria. Num caldeirão sob o fogo. As cigarras fazendo uma algazarra lembraram-me a minha infância. Como é que um inseto tão pequeno pode fazer um barulho tão alto? Inesperadamente, o Anselmo dirigiu-se ao balcão e comprou cigarros e fogo. Acendeu. Naquele momento descobri que tinha voltado a fumar. Disse-me que era “de vez em quando”. Voltamos ao hotel e dormimos. Ainda bem que tínhamos deixado o ar condicionado ligado.

2º Dia – Anselmo e Diego na terra do sol

Corumbá/Puerto Quijaro, 29/12/04.

Acordamos cedo. Tomamos um banho para conter o forte calor e para ter certeza que estávamos realmente acordados. Eram 6h30 e o sol já ardia em brasa. Tivemos um café da manhã modesto e justo, compatível com o preço da estadia. Não encontramos o pessoal, porém, o Anselmo, sempre prevenido, já havia escrito um bilhete para eles. Deixou-o na portaria. Depois de pagar e conversar com um sujeito muito caricato que aparentemente era o dono do hotel, nós fomos para o terminal de ônibus urbano. No caminho quase que eu tropeço no Gregor Samsa. Sério. Uma barata gigantesca estava no nosso caminho, de barriga para cima e pernas para o ar. No chão ardente de Corumbá, até o personagem kafkiano morre de insolação. Sem dúvida nenhuma, foi a maior barata que eu já vi em minha vida. Agora, escrevendo este relato, olho para uma régua, e digo que a barata tinha algo entre 15 e 17cm de tamanho. Sem exagero. Era maior que um maço de cigarros.

Esperamos no terminal por uns bons 10 minutos e pegamos o “Fronteira”. Depois, outros 10 minutos atravessando Corumbá e vendo a bela paisagem pantaneira proporcionada pelo rio Paraguai e pelas áreas alagadas próximas ao leito do rio. Atravessamos a fronteira caminhando e foi mais tranquilo do que imaginávamos. Ganhamos um visto para 30 dias e negociamos um táxi até a estação de trem. A porra táxi estava do avesso! Explico. Na Bolívia, não há indústria automobilística, mas há leis que permitem importação de carros usados. Portanto, boa parte dos carros velhos da Ásia, do Brasil e Argentina estão na Bolívia. O táxi que pegamos era de marca japonesa, país onde a direção era do lado direito, como nos carros britânicos. Simplesmente havia uma gambiarra monstro e o carro estava do avesso. O painel era na direita, e a direção foi colocada num buraco, à esquerda. As marchas ficaram todas invertidas, óbvio, pois eram feitas para serem trocadas com a mão esquerda. Mas o nosso lacônico motorista parecia não se importar com este pequeno detalhe conceitual, tocou em frente.

As primeiras imagens e impressões da Bolívia me decepcionaram. Era muito mais pobre, muito mais suja, muito mais carente e muito mais caótica que eu pintava em minha imaginação. Puerto Quijaro revelou-se um dos locais mais pobres e feios que eu já passei. Trabalhando, eu já estive em favelas paulistanas em Sapopemba e Guaianases na zona leste, estive também em Heliópolis e Engenheiro Marsilac, na zona sul; mas nunca havia passado por alguma coisa parecida com Puerto Quijaro. A pobreza e a carência são ultrajantes. A quantidade de lixo acumulado nas ruas e em todos os estabelecimentos é absurdamente exagerada. Tudo isto sob um sol de mais de 35º, sete e pouco da manhã. Como sabemos, lixo orgânico exposto ao calor, se deteriora e fede. Fede muito. A cidade fedia a lixo, esgoto a céu aberto, suor e poeira. A maldita garrafa PET merece um capítulo à parte. São visíveis em todos os lugares e direções possíveis. Como uma verdadeira praga bíblica, elas infestam e contaminam tudo, se alastrando por todos os cantos da Bolívia. E o saldo desta equação macabra é gente. O que

sobra é gente. A gente é o resto. Sim, apesar de todas as condições desfavoráveis há proliferação da espécie humana, há muita gente nas ruas da cidade. Pior, boa parte desta gente é responsável pelo estado deplorável da cidade em que eles próprios moram. Muitos bolivianos jogam todos os dejetos e sobras no chão. A quantidade de crianças que há na Bolívia também chama a atenção. São muitas mesmo, a maioria menor que 12 anos. São muitos os jovens casais que viajam com seus filhos pequenos, e são muitas as mães que andam nas cidades carregando suas crianças. Hoje a Bolívia tem em torno de 8 milhões de habitantes. Certamente este número vai crescer rapidamente, e muito. As ruas das cidades transbordam crianças.

No parágrafo que vocês acabaram de ler e no parágrafo abaixo, iniciei o que eu porcamente chamo de “sociologia sensorial empírica”. Chamo-a assim, com este nome idiota e pretensioso, admito, por falta de outro termo adequado. Peço licença ao impaciente leitor e à ávida leitora para tecer estes comentários tão pobres quanto a própria Bolívia. Vendo, ouvindo, cheirando, comendo, bebendo, sentindo e pensando. É assim que eu pretendo desenvolver as percepções que permearão a narrativa da viagem. Enfim. Relendo o trecho acaba de me ocorrer uma correção ao termo, lá vai: “sociologia sensorial empírica de fundo de quintal”. Reparem na rima da sílaba “al” e no eco que ela provoca. Assim fica um termo mais próximo do real, ainda que conserve a pretensão.

Começo então falando do povo boliviano. Parafrazeando Caetano, diria que eles são todos índios. Ou quase índios. A maioria do povo é de baixa estatura. A mesma maioria também parece estar acima do peso. Sim, são baixinhos e gordinhos. Não era de se estranhar, dado ao estado crônico que o país se encontra, proporcionando ao seu povo uma alimentação muito fraca em proteínas e fibras, e muito abundante em gorduras e carboidratos. Cultivam mais de 20 tipos de tubérculos, as batatas. Vocês podem achar muito, eu também achei; mas os incas cultivavam mais de 200 tipos de tubérculos. Hoje este número foi reduzido a praticamente 10% do total. De uma maneira geral, os bolivianos se alimentam muito mal. Mesmo em restaurantes caros a variedade oferecida é pouca. Praticamente não comem verduras e legumes. Há correntes históricas e antropológicas que defendem que os incas e outros povos pré-colombianos eram altos, maiores que os europeus que aqui chegaram. Encolheram depois de séculos de fome, humilhação e escravidão. Os bolivianos me pareceram um povo muito triste. Digo isto de uma maneira geral, é claro que há exceções. Os bolivianos apresentaram-se para mim como um povo muito desterrado, pois eles não são espanhóis, europeus. Também tampouco são índios; haja visto que mudaram radicalmente seus modos de viver em sociedade. Ou seja, eles aparentemente têm raízes muito fracas, tênues. Não sabem mais o que são. O clima de pessimismo é notório em toda a Bolívia, e a baixa auto-estima parece impregnada à alma e ao caráter do povo boliviano. É uma tragédia. Falo isto com mea-culpa, visto que nós brasileiros também somos um povo ainda em formação, também estamos em busca de uma identidade e um caráter genuinamente nacional, por mais fragmentado e fugaz que isto possa ser ou soar. Entretanto, os bolivianos me pareceram ainda mais perdidos neste labirinto coletivo em busca de

seus valores perdidos. E também ainda mais perdidos na epopéia pátria de forjar e identificar-se com novos valores, algo que nós brasileiros, para mim, estamos conseguindo, mesmo que seja a passos de tartaruga trôpega e bêbada.

Em frente à debilitada estação de trens de Puerto Quijaro, havia dezenas de cambistas. Todos sentados em cadeiras nas ruas. Ou melhor, todas. Só vi mulheres trabalhando de cambistas. O câmbio estava de 8 bolivianos (B\$) para 1 dólar (US\$). Na Bolívia toda, nós não achamos nada superior a B\$8,04 para US\$1,00. Trocamos uma grana e nos dirigimos para a imensa e tumultuada fila que se juntava no portão principal da estação. Os guardas tinham uma lista com alguns nomes e só entrava quem estivesse nome na lista. Disseram-nos que a lista era feita com um dia de antecedência, mas se rolasse uma propina, seria possível botar nossos lá. Bom, quase tudo na Bolívia é possível apressar com uma propina. E quase todos são passíveis de aceitar a, digamos, gorjeta. Qualquer semelhança com o nosso país não é mera coincidência. Mas nós não pagamos nada e ninguém, a viagem estava sendo feita com poucos recursos financeiros. A saída foi esperar no tumulto, junto com uma multidão gritando e sob o sol mais forte que já castigou meu couro. Um calor sem precedentes. Já haviam me informado que a região de Corumbá é muito quente, mas eu nunca poderia imaginar que fosse uma filial do inferno. Em pé, suando mais que tampa de cuscuta, fizemos amizade com quatro caras de Florianópolis, todos estudantes da Federal de lá. Dois gaúchos, Otávio e Flávio, e dois catarinenses, João e Gabriel.

A temperatura era capaz de derreter a catedral da Sé, forçando-nos a organizar um revezamento entre a fila ao sol, e protegido à sombra. Revezamos também para ir comprar água. Liberaram o portão e depois da já esperada correria, compramos passagens para a classe Pullman. Havia apenas duas classes disponíveis, a primeira classe e a Pullman. A primeira, apesar do nome, é a última. Os locais não são numerados e o banco duro não reclinava. Além disso, a empresa sempre vende lugares a mais e o excedente de gente se acomoda no chão mesmo. Um salve-se quem puder. Na classe Pullman, os bancos são um pouco mais macios, numerados e reclináveis. Mas isto não garante o conforto, como viemos saber depois. Apesar das passagens estarem marcadas para 13h00, o trem só saiu depois das 17h30. Depois de garantir nossos lugares no famoso e temido Trem da Morte, ainda tínhamos um tempo para comer e tomar um banho. O banho foi improvisado numa espelunca que alugava canos com água como chuveiros. Mesmo não sabendo a procedência, pelo menos a água estava gelada. E o almoço foi um PF num restaurante empoeirado e quente, regado a um refrigerante chamado boliviano Simbia, com cor e sabor de detergente com açúcar. Somente depois do almoço nós ficamos sabendo que o trem iria atrasar, e com tempo à disposição, eu e o Anselmo fizemos uma hora de internet. Resolvemos então experimentar a cerveja Paceaña. É uma boa cerveja, não fica devendo em nada para as nossas marcas. Aproveitamos o sol para secar nossas toalhas. Com o calor que estava fazendo, o processo não consumiu mais que cinco minutos. Estávamos na sombra, bebendo cerveja gelada e mesmo assim eu continuava despejando suor. Limpava meu rosto a cada dez minutos. Bebemos o suficiente para nos amolecer. Enquanto bebíamos, um funcionário do bar ao lado,

varria o chão do estabelecimento. Ao invés de colocar o lixo num saco, ou numa lata, ele simplesmente atirava-o na rua mesmo, ao lado do seu bar. Esta imagem ficou na minha cabeça como uma triste lembrança de Puerto Quijaro. Juntamente com a imagem dos inúmeros cachorros alaranjados de tanto pus e feridas espalhados pelo corpo. Pareciam panos de chão. Esqueletos sobre quatro patas, já quase sem pêlo, com olhos tristes e rabos entre as pernas, amarelos e laranjas. Pus e podridão. Amarelo manga.

Voltamos à estação e nos acomodamos sentados no chão, num canto com sombra. Ficamos o tempo suficiente para nos aborrecer, nos desanimar e conhecer uma família de cuiabanos que viajava em 10 pessoas. Conhecemos também um boliviano jovem e simpático que estudava enfermagem em São Paulo e um casal, provavelmente de Ubatuba, não me lembro. Encaramos outra fila e finalmente embarcamos no trem. Eu, o Anselmo e o pessoal de Floripa ficamos todos próximos, com assentos do lado direito do trem. Eram filas duplas de assentos e, tirando nós seis, todos os outros passageiros do vagão eram bolivianos. Muitas famílias e casais. Nesta época de festas de fim de ano, muitos bolivianos que moram e trabalham no Brasil, voltam para rever seus parentes. O trem estava tomado, não havia lugar para mais nada. Notei que todos os estrangeiros e mochileiros estavam acomodados do lado direito do trem. É lógico que é uma escolha deliberada, pois é neste lado que chegam os vendedores ambulantes e os turistas são todos potenciais bons consumidores. O cheiro do vagão era algo morno, viciado. Uma mistura de suor, desodorante barato, lixo e calor. Os banheiros eram buracos e a merda caía diretamente na estrada de ferro mesmo. Contudo, o recurso utilizado não livrava os banheiros do forte odor de urina e merda. A água da torneira era esbranquiçada e espessa, não inspirava a mínima confiança.

As primeiras horas de vigem foram muito excitantes. Para nós que não estamos familiarizados com trens, é sempre agradável o barulho e a cadência. Paisagens pantaneiras foram vistas apenas por instantes, pois a estrada é mal conservada e o mato toma conta de quase tudo, bloqueando os horizontes. Logo depois de uns 15 minutos, paramos em Puerto Suárez. Notamos que a estação de lá era muito melhor e pela janela nós avistamos os nossos chapas de Ribeirão Preto. Eles aguardavam o luxuoso trem das sete, o Ferrobús. Um trem que sai apenas três vezes por semana, conta com apenas dois vagões e faz o percurso todo sem paradas, em 12 horas. Nós demoraríamos mais de 21 horas. Mal sabíamos o calvário que nos aguardava. O Trem da Morte não anda mais que meia hora sem interrupção. É sério, eu fiz o teste e a cada parada eu olhava no relógio. Aparenta não fazer mais que 40 ou 50 km/h. À medida que a noite foi caindo, os insetos foram entrando. Insetos de todos os tipos e todos os tamanhos. Escurecia e eles iam aumentando em número, grau, gênero e tamanho. Pernilongos gordos e patuscos picavam por sobre camisetas bermudas. As luzes acesas no interior do trem e as constantes paradas faziam de nós um banquete para os bichos. Ainda bem que tínhamos repelente. Ajudou muito, mas não o suficiente para eliminar as mariposas que batiam em nossos rostos, e os besouros que grudavam em nossos cabelos e tentavam entrar nos nossos ouvidos e bocas.

Durante toda a viagem havia ambulantes vendendo água, limonada, refrigerante e todo o tipo de comida. A cada parada os ambulantes se abasteciam e ganhavam reforços. Os vagões eram invadidos por uma horda de crianças e mulheres que também vendiam bebidas e comidas. Durante todo o percurso, só vi apenas um homem trabalhando, e era um senhor de certa idade. O resto dos ambulantes eram todas mulheres e crianças. Notei uma hierarquia entre os gêneros que nos eram oferecidos. As crianças pequenas (abaixo dos 10 anos) vendiam limões, limonadas e refrescos típicos, os produtos mais baratos. As crianças mais velhas vendiam refrigerantes, chá, café e “água Lindóia” (eles chamam de “água Lindóia” todas as águas minerais industrializadas). As mulheres e senhoras ficavam responsáveis por vender os produtos alimentícios. Frangos fritos e assados, peixes fritos, sacos plásticos contendo arroz e ovo cozido, sopas, batatas assadas, espetinhos, e muitas outras coisas. Havia desde itens avulsos a pratos de isopor cuidadosamente montados. Penso que a hierarquia é feita seguindo critérios de preço e lucro. Vejam bem, se uma criança pequena (há ambulantes com quatro ou cinco anos!) for trapaceada ou assaltada dentro do trem, elas perderiam uma mercadoria de pouco valor e, conseqüentemente, perderiam pouco dinheiro. Segue o mesmo raciocínio com as crianças maiores que vendem refrigerantes e com as mulheres e senhoras que vendem comida. Sendo que a última categoria, de mulheres e idosas, é mais respeitada, podendo prevenir-se contra roubos e trapagens. É revoltante ver a quantidade de crianças que trabalham na Bolívia, é algo muito comum e diria até que elas são a base da economia de muitas famílias. Principalmente das famílias que vivem nos pobres e decadentes vilarejos à beira da estrada de ferro. Vilarejos que subsistem graças às paradas dos trens. O comércio no trem é constante e dinâmico. Todo instante há alguém vendendo ou comprando alguma coisa. Seja no interior, ou nas janelas, durante as freqüentes paradas. Antes de cairmos no sono (ou ao menos, tentar), ainda vimos algo marcante. Contrabandistas ou traficantes, sabe-se lá, pararam o trem no meio de uma clareira. Já estava muito escuro e houve uma intensa movimentação dos funcionários do trem. Alguns seguravam correntes de arma em punho. Lá nos vagões do fundo, na primeira classe, havia uma gritaria e uma zona geral. O pessoal que parou o trem jogava caixas e mais caixas para dentro do trem, todas embaladas com fitas adesivas, daquelas que a gente vê em reportagens de apreensão de drogas. Gritos. Alvorço. Luzes piscando. E um tiro. Caralho! Dispararam uma arma lá no fundo! Nós ficamos sem saber a autoria do disparo. Partiu de dentro, dos segurantes, ou de fora, dos contrabandistas? Não posso responder. Depois do tiro, os gritos se silenciaram por um instante. Eu, muito burro, me portava como alvo de bala perdida. Acompanhava a discussão com a cabeça para fora da janela. O trem prosseguiu e não se tocou mais no assunto. O pessoal conseguiu carregar boa parte das caixas na primeira (última, lembrem-se) classe, e lá os funcionários do trem não se arriscariam a procurá-las. Dormi ao som de crianças vendendo limonada “fria” (gelada, em espanhol).

3º Dia – Morte de tédio, morte de cansaço

Trem da Morte/Sta. Cruz de La Sierra, 30/12/04.

Acordei ao som de crianças vendendo limonada fria. Parecia um mantra, uníssono. Despertei num ambiente onírico, tempestuoso. Um pesadelo. Mais de 50 crianças entraram nos vagões e quase todas vendiam limonada. E todas tinham o mesmo timbre de voz. E todas repetiam no mesmo ritmo: “*limonada fría, limonada fría!*” Não tinha para onde fugir, não tinha como escapar. Foi um ataque psicológico que durou exatamente uma hora e quarenta minutos. Estávamos próximos de Roboré e eram três e pouco da madrugada. Só saímos de lá, uma hora e quarenta minutos depois. Todas as crianças despertadas como zumbis, movimentando-se e falando como tal. Não dormíamos um sono contínuo, eram cochilos a prestações. Os insetos, os ambulantes, o calor, as paradas, os trancos e os solavancos não nos deixavam pregar os olhos. Às 6h00 da manhã, o trem fez uma longa parada em San José de Chiquitos, uma das maiores cidades do percurso. Mas o tamanho da cidade não a livrava da pobreza crônica e da sujeira repugnante, pelo contrário, contribuía para a perpetuação dos males. Descemos e usamos os banheiros da estação. Juntamente com os figurinhas de Floripa, demos umas bandas por toda a estação. Chamávamos a atenção dos bolivianos, que teciam comentários entre si e riam muito. Principalmente quando o cabeludo e barbudo Otávio passava por eles. Otávio era uma espécie de reedição dos espanhóis que lá invadiram: baixinho, barbudo, cabeludo e fedido. Mas o mau cheiro não era privilégio exclusivo do falante e simpático Otávio. Todos nós fedíamos. Eu, particularmente, estava todo melado de suor misturado com repelente. Minha camiseta branca estava imunda. Minha cueca estava praticamente grudada ao meu corpo, de tão suado. Um flagelo.

A paisagem do caminho não era absolutamente nada atraente. Vilarejos paupérrimos, com moradias em condições precárias que aparentavam abrigar não mais que algumas centenas de pessoas. A sujeira e o lixo em demasia continuavam a me incomodar. Os bolivianos jogavam todo qualquer tipo de dejetos pela janela do trem. Garrafas, sacos, pacotes, escarradas, restos de comida, fraldas sujas de bebês, e tudo mais que possa ser atirado por uma janela. Terras inóspitas e não cultivadas contrastavam com as pequenas e densas aglomerações de pessoas que esperavam nas paradas do trem para poderem vender algo. Os rostos eram todos muito parecidos. Uma feição pedante, quase implorando para que comprássemos qualquer coisa que fosse. Crianças magras e visivelmente desnutridas, jovens envelhecidos precocemente, idosos já na casa dos 40 anos. Sorrisos incompletos e vozes sem esperança. Definitivamente estávamos atravessando as entranhas da Bolívia. Entramos pelo intestino do país. À proporção que o trem vai se aproximando do seu destino final, Santa Cruz de La Sierra, a paisagem vai levemente alterando seus tons. Fagulhas de urbanidade e espasmos de civilização vão surgindo aqui e acolá. O percurso até Santa Cruz foi penoso e entediante. Não mais agüentávamos nossa condição e nem nosso cheiro. Não conseguíamos ficar quietos nos assentos. O ar viciado era aspirado como se fosse um veneno letal. Li e descobri que há várias hipóteses para o nome Trem da Morte. Algumas são sobre os surtos de cólera que já acometeram os

viajantes. Outras falam sobre os perigosos traficantes que viajam no trem. Mas nenhuma mencionava o tédio que nos aniquila em precisas doses homeopáticas. É uma viagem muito densa e cansativa.

Já eram mais de 16h00 quando o trem felizmente encostou-se à estação final. Uma estação ferroviária e rodoviária de bom porte, barulhenta e desorganizada. Como não há muito para se fazer em Santa Cruz, a melhor opção seria pegar um ônibus direto para La Paz. As prioridades estavam bem definidas. Primeiro, comprar passagens. Rodoviária boliviana é como uma feira livre, com muitos vendedores gritando ao mesmo tempo. Dentre as dezenas de opções, que variavam de B\$100,00 à B\$180,00, compramos uma de B\$130,00 para as 17h30. Ou seja, sobrou-nos pouco menos de uma hora e meia para cumprir as outras duas prioridades restantes, banho e comida. Com o tempo escasso, corremos até o banheiro, e o banho inadiável aconteceu numa cabine pútrida e fétida. Não havia ralo e o buraco por onde deveria escoar a água estava entupido, formando assim uma piscininha de água suja com cabelos, *band-aid*, pentelhos e outras impurezas boiando. Fechei os olhos e tentei imaginar que estava debaixo de uma cachoeira. Não funcionou. Ainda que a estação/rodoviária fosse grande e movimentada, não existia sequer uma lanchonete descente. Vagamos por todas e tentando evitar comer frituras ou porcarias industrializadas, optamos por pães de queijo. Acabamos nos dando bem, pois os pães de queijo estavam recém saídos do forno, quentes e deliciosos. Mas para não falar só vantagens, comemos também empanadas duras e insossas. Enquanto estávamos aflitos na fila para pagar nossas taxas de embarque, encontramos dois caras de Ribeirão, João e o Edwin. Trocamos algumas frases e saímos correndo.

Montamos no bumba ainda com uns cinco minutos de sobra. Eram assentos reclináveis e um busão relativamente novo. Antes de sair eu ainda comprei um exemplar do La Nación. Um jornal bem estruturado, com textos bem escritos, mas com uma diagramação muito formal, bem careta mesmo. Impressionei-me com a facilidade com que eu li os editoriais e as notícias. Ler espanhol é mil vezes mais fácil que falar. Não estou preparado para ler os originais de Cervantes, Borges, ou Cortázar, mas jornais sim. Fiquei feliz por uns catorze segundos. Duas notícias me atraíram, a primeira era sobre a crise de combustíveis na Bolívia. A Argentina cortara o fornecimento de combustíveis por falta de pagamento. Há petróleo na Bolívia, porém não há estrutura para o refinamento. Por este motivo eles são forçados a exportar o óleo bruto e comprar combustível. Fazem este tipo de comércio com o Brasil, Argentina e sabe-se lá quem mais. Comecei a prestar atenção nas janelas e de fato havia filas enormes nos postos de gasolina. Pensei que isto poderia afetar nossa viagem. Não deu outra, o ônibus passou por uns três ou quatro postos antes de conseguir abastecer. A outra notícia foi a ida de Vanderlei Luxemburgo para o galáctico Real Madrid.

Pelo pouco que vi, conclui que Santa Cruz é uma cidade. Também é suja, mas ao menos é uma cidade. Descobri pelo jornal que a região explora petróleo e o ouro negro evidentemente reflete em Santa Cruz. Até o time da cidade chama-se Oriente Petrolero. Dá para perceber que é uma cidade mais rica, mas não é isenta de contrastes e pobreza. Por ter o maior aeroporto do país, por ter uma

malha ferroviária conectada com Brasil e Argentina, e por ter estradas asfaltadas na sua região; Santa Cruz tornou-se assim a principal porta comercial da Bolívia. Praticamente tudo que entra ou sai do país, passa por lá. Inclusive nós. Muitos caminhões cargueiros e contêineres podem ser vistos nos arredores. O ônibus fez duas paradas nas cercanias, ambas para a entrada de vendedores ambulantes. O emprego informal é dominante na Bolívia, e o trabalho infantil também. Faríamos ainda outra parada para o jantar. Dois restaurantes humildes e mais uma dezena de barraquinhas compunham o cenário do posto de parada. Reencontramos por lá o estudante boliviano de enfermagem. Mijei (quase escrevi: fiz xixi!), lavei o rosto e comi um abacaxi dulcíssimo. Açucarou até minha noite.

4º Dia – Antes da Paz, Andes

Estrada/La Paz, 31/12/04.

Acordei bem cedo, antes mesmo das 6h00. Espantei-me com a cordilheira dos Andes. Uma visão celestial, a união entre o céu e a terra. De tão maravilhado que estava, nem me dei conta que meus ouvidos doíam muito. Além do mais, tive um princípio de dor de cabeça. E foi tudo o que a mudança brusca de altitude causou em meu organismo. Na madrugada, à medida que o ônibus subia, a temperatura caía. Nada que minha jaqueta não agüentasse, além do fato de estar sentado em cima do aquecedor do ônibus. Mais uma vez aproveitamos o calor para secar nossas toalhas. Estávamos ficando bons na fina arte de secar toalhas durante viagens. A cordilheira dos Andes, no ponto em que estávamos, nada mais era do que um monstruoso e gigantesco aglomerado de rochas avermelhadas e terra também em tons rubros. Ainda assim, era espetacular. Os desenhos, as formas (ou a falta delas), as cores, a ausência de horizonte, as nuvens muito próximas; tudo compunha uma paisagem inédita para mim. Quase lunar. A estrada que percorríamos era de pista única, bem estreita e extremamente sinuosa. Passávamos por desfiladeiros enormes e eu não vi nenhum *guard rail*. Os bolivianos também conservam o macabro hábito de colocar cruzes e pequenos altares em locais de acidentes fatais. Pela quantidade de cruzes que eu vi e pela periculosidade da estrada, devem acontecer muitos. Depois de subirmos mais algumas centenas metros, apareceram vegetações irregulares e rasteiras, vimos também as primeiras lhamas e algumas parcas cabeças de gado.

No busão, nós conhecemos um goiano que atendia pelo equivocado nome de Cleudismar. Ou seria Claudismar? Não me lembro. Estava acompanhado de uma boliviana chamada Melvia. O cara estava na Bolívia há seis anos, fez medicina e estava já na residência, ou internato, como ele mesmo falou. Melvia disse ser carateca, vice-campeã mundial e o escambau. Com mil perdões, não sei que categoria ela lutava, mas seu físico gorducho estava mais para personagem de um quadro do Brotero. O goiano (chamá-lo assim era mais fácil) nos disse muitas coisas sobre a vida na Bolívia. Falou sobre petróleo, táxis, carros, rebocos de casa, La Paz, alimentação e tal. No caminho pelas alturas, passamos por alguns vilarejos andinos, com lhamas e mulheres envergando seus coloridos trajes típicos, as chamadas *cholitas*. O ônibus seguia parando constantemente. Ora para o pessoal mijar, ora para subirem mais pessoas. Mesmo lotado, as pessoas entravam e ficavam em pé, ou se acomodavam deitadas no corredor mesmo. Era um destes ônibus com uma parte térrea e um primeiro andar. Por sorte ficamos na parte de baixo, menor e sem possibilidade de alguém se acomodar no corredor. Lá em cima estava cheio de pessoas em pé, caindo uns por sobre os outros a cada tranco e a cada curva dos Andes. O compartimento superior também fedia a vômito e urina.

Paramos perto de Oruro para um *desayuno* (café da manhã). Era uma lanchonete apresentável que nos serviu um delicioso café com leite e pães. Leite de lhama, como nos informaram. Sinceramente, acho que era mentira. Inventaram essa história de leite de lhama para enganarem dois turistas bestas. Não importa,

preferi acreditar. A garçonete que nos serviu ficou feliz com nossa credulidade. Era um leite leve e saboroso, lembra muito o leite em pó. Voltamos ao bumba e, de barriga cheia, dormimos mais um pouco. Já estávamos muito próximos de La Paz quando despertamos. As primeiras visões da capital foram decepcionantes, para não dizer assustadoras. Chegamos pela Ciudad de El Alto, que fica na periferia de La Paz. Esta cidade fica a quase 4.000 metros de altitude, enquanto La Paz fica apenas a mais de 3.700. Constatamos que nas ruas não havia sequer um carro particular, somente lotações, táxis e microônibus. Um buzinaço infernal. Parecia que a Bolívia tinha ganhado uma Copa do Mundo. Se o trânsito fosse caótico, seria mais organizado. Não há meio de explicar o trânsito boliviano. Não respeitam faróis, sinalização, pedestres, nada. Os carros se jogam em todas as direções e vale a lei do mais forte. Muita poluição visual e, é claro, muita sujeira. Muita mesmo.

Depois de percorrer mais alguns quilômetros pelas periferias, avistamos La Paz. A cidade baixa, a parte mais antiga, fica num vale entre as montanhas. Geograficamente é um lugar muito bonito. Especialmente para nós brasileiros que não estamos habituados com montanhas altas. Ao fundo há o pico Illimani, que fica a mais de 5.000 metros de altura, e tem suas encostas cobertas pela neve. No entanto, ainda não o tínhamos visto, estava nublado.

Chegamos à rodoviária. Tão desorganizada quanto qualquer outra que encontramos na viagem. Táxi para a Plaza Eguino. Já alertados pelo Cleudismar (ou seria Claudismar?), combinamos o preço antes. E era um rádio táxi, pois qualquer outro era um potencial assaltante. E assaltos em táxi realmente ocorriam com frequência, como descobrimos conversando com outros turistas durante a viagem. Ficamos logo hotel que tínhamos uma referência da internet. Chamava-se Hotel Continental e tinha parceria com a Hostelling International, algo que barateou nossa estadia. Pegamos um quarto sem banheiro privado, mas este detalhe não influenciou muito, pois éramos os únicos hóspedes do andar, então o banheiro ficou sendo apenas nosso. Estava dominado. Saímos para almoçar e entramos num local chamado Palacio del Inka. Enquanto ainda esperávamos nossos pratos, eis que entra o pessoal de Ribeirão Preto. Sentamos todos juntos e começamos a conversar sobre as viagens. A nossa, no Trem da Morte; e a deles, no Trem da Sorte, por assim dizer.

Depois do almoço, saímos para andar pelo centro de La Paz. As ruas do centro são em parte paralelepípedo e em parte asfalto. Tomadas por camelôs e lonas azuis. Repletas de lojas de artesanato, roupas e outras quinquilharias. Há também muitas pousadas e hotéis, agências de turismo, restaurantes, *Lan houses*, casas de câmbio, pequenos armazéns, cafés e uns poucos botecos. Numa das estreitas ruas de paralelepípedo, há um mercado de bruxos. Deve ser chamado assim para atrair os turistas, porque não há nada de anormal. Somente algumas ervas medicinais, chás, corantes, muito artesanato, artigos esotéricos e fetos de lhama ressecados. Toda vez antes de iniciar alguma construção civil, os bolivianos têm o hábito de enterrar fetos de lhama para trazer proteção e boa sorte. Deve ser algo muito popular, a quantidade de lhamas secas é numerosa. O

peçoal de Ribeirão fez algumas compras. Coisas de turistas mesmo. Eu e o meu companheiro de viagem optamos por algumas Paceañas. Coisa nossa mesmo. Arrumamos um bar em um subsolo muito próximo ao nosso hotel. Era um bar sem o menor requinte, escondido e freqüentado somente por bolivianos. Gostei da fuça e do clima da espelunca. Fomos muito bem tratados, a cerveja era gelada e a trilha sonora de músicas latinas trouxe algumas pérolas, como versões de músicas sertanejas brasileiras para o espanhol, com um tempero de mambo, salsa e bolero. Impagável.

Depois de relaxar o corpo e desanuviar a mente, nós fomos dar umas bandas pela Avenida 16 de Julio (ou Paseo de el Prado). É a principal avenida da capital boliviana. É lá que estão as multinacionais, as empresas de comunicação, as embaixadas, os bancos, vários prédios do governo, cinemas, restaurantes, lojas mais refinadas, etc. Descemos caminhando até a Plaza Isabel La Católica. Ali perto ficava o Mongo's, um bar indicado pelo camarada Vitão. Antes de viajarmos, conversamos com algumas pessoas que já haviam feito o mesmo trajeto, o Vitão foi um deles. Entramos no tal do Mongo's (que nome!), sacamos o ambiente, trocamos umas idéias com os funcionários e já tínhamos um local para passar a virada de ano. Uma van. Lotação até a Plaza Eguino. Tentativas frustradas de ligar para minha família e para minha Marina. Hotel. Banho. Batemos novamente a pé até o Mongo's. Começou a balada.

O bar era maneiro, bem decorado e aconchegante. A luz baixa e as velas me agradavam. Odeio bares muito iluminados, tenho sempre a terrível impressão de estar bebendo em uma farmácia ou num hospital. As músicas que tocaram durante a noite eram quase todas do pior do pop americano. Houve uma sessão rock'n'roll, com bandas britânicas, uma sessão hip-hop e, no final, somente as terríveis músicas bolivianas. A maioria absoluta do público era estrangeira, quase todos jovens. Muitas turmas, muitas línguas e muita cerveja. A Bolívia tem algumas variedades de cervejas, sendo todas da mesma fábrica, a Cervezeria Boliviana Nacional fabrica a Paceaña, Huari, Pilsen, Centenário, Bock e Tropical Extra. Experimentamos todas, claro. E optamos por passar a noite com a Huari. Sentia falta da Marina e afogava minha saudade na minha caneca de cerveja. Conhecemos muitas pessoas. Três brasileiras cocotas de São Paulo. Uma turma de duas cariocas e dois paulistas. Um casal holandês, gente finíssima. Uma animada e rechonchuda turma de bolivianos. E um peruano que não gostou de uma brincadeira que eu fiz com ele. Em determinado momento da conversa, ele falou: "*Viva su puto carnaval!*" Eu respondi: "*Viva su puto Sendero Luminoso!*" O peruano mudou sua fisionomia e disse-me em tom reprovador que o Sendero Luminoso não era o Peru. Para quem não conhece, basta dizer que Sendero Luminoso é uma facção política de extrema esquerda que prega a revolução socialista por meio de atentados. A guerrilha do Sendero já foi mais forte nas décadas de setenta e oitenta, hoje está enfraquecida e aparentemente desarticulada. Os caras de Ribeirão apareceram por lá depois da uma da manhã, já no ano seguinte. Passamos a noite nos revezando para buscar cerveja. Bebemos muito e, se não me falhe a memória, os temidos efeitos do álcool na altitude não nos afetou. We've spoken english, falamos português e hablamos

español. Bebemos mais algumas e fomos embora com dia raiando. Táxi e cama.
Feliz 2005!

5º Dia – Primeiro dia do resto de nossas vidas

La Paz, 01/01/05.

A frase do título é bem velha, mas é irretocável. Definitiva.

Acordamos tarde, já se passavam das 13h00. Banho. Passeio pelo centro. Almoço numa rede de fast-food boliviana. Frango frito. Mais de 80% da carne consumida na Bolívia, e no Peru também, é de frango. O tal do *pollo* é dominante, muito vendido e muito consumido. Nas ruas, nas bodegas, nos restaurantes, nas feiras, no país inteiro. Após a refeição, andamos inutilmente até a rodoviária. Encontrava-se fechada no primeiro dia do ano. Estava bem gelado e caía uma chuva fina. O trajeto era composto por subidas longas e íngremes. Bendita seja a folha de coca. Sem muita perspectiva, pegamos um táxi até o Estádio Nacional Hernando Siles, o local onde a Bolívia manda seus jogos. É também o palco do maior derby local, Bolívar X The Strongest. Não pudemos entrar no estádio, mas por fora, andando por toda sua circunferência, deu para sacar que ele é bem imponente. Passamos também pela Plaza Tiwanaku, que nada mais é do que uma réplica de uma parte das ruínas de Tiwanaku. O sol deu o ar da graça e veio nos esquentar. O dia estava começando a ficar bonito.

Descemos a pé, passando por um bairro bem residencial chamado Miraflores. Era um pedaço bacana de La Paz, arborizado e limpo. Com casas bem cuidadas, rebocadas e com pintura externa. Na Bolívia, segundo o Claudismar (ou seria Cleudismar?), há um imposto para as casas e estabelecimentos que são rebocados e pintados. Com imposto ou não, o fato é que a maior parte das construções bolivianas é inacabada, sem reboco e sem pintura. Não são muito chegados em telhados também. A maior parte das casas, principalmente nas periferias, não têm telhados. Somente a laje do teto e mais nada. Os morros e montanhas tomados por habitações deste tipo de construções dão a La Paz um aspecto de uma gigantesca favela. O tom predominante, marrom tijolo, contribui para tornar o ambiente bem insalubre. Bem triste também. Andamos até o Parque Mirador Laikakota. É o Parque Ibirapuera de La Paz. Pela quantidade de famílias e pelo tamanho da fila para entrar, dava para concluir que o feriado, agora ensolarado, atraiu os bolivianos para o parque. Por fora o Laikakota era muito bonito, com jardins floridos e árvores frondosas. Pela primeira vez na viagem eu vi uma alegria sincera e contagiante nos rostos dos bolivianos. Muitos com seus trajes típicos, muitos jovens casais e uma infinidade de crianças. Senti-me bem. Era algo totalmente corriqueiro e banal, mas era algo genuíno e real. Não era encenação para turista ver. Na verdade, eu e o Anselmo éramos os únicos turistas, e nós nos sentimos muito confortáveis naquela situação. Até o presente momento, em La Paz, só tínhamos estado em locais turísticos, que conservam sempre um ar de distanciamento, e apresentam quase sempre um ambiente controlado.

O povo boliviano mantém aquela amabilidade latina. É uma cordialidade que muitas vezes chega a ser submissa e irritante. Mas são sempre educados e atenciosos. Aparentemente são pessoas de poucas palavras e pouquíssimos sorrisos. Até o passeio pelas cercanias do parque, em quase três dias de Bolívia,

ainda não tinha visto ninguém gargalhando. Como brasileiro, estranhei muito a ausência de risadas. Definitivamente, eles gostam de brasileiros. E amam o nosso futebol. Sempre que mencionávamos que éramos do Brasil, eles já puxavam o assunto futebol. E a conversa acabava agradando os dois lados.

Pegamos uma lotação para voltar ao hotel. A noite anterior ainda provocava estragos. Muito álcool e pouco sono. Combinação perfeita para uma ressaca. Na cama do hotel, eu iniciei a leitura de *Borracho estaba, pero me acuerdo*, um livro adquirido no dia anterior. Achei uma livraria, a única na viagem toda, e perguntei por um bom romancista ou contista boliviano. A minha vasta ignorância não me permitia saber o nome de nenhum escritor boliviano. Porém, meus espasmos de curiosidade são muito bem-vindos nestes momentos. O autor chama-se Vitor Hugo Viscarra. São contos memorialistas autobiográficos com tempero fictício. Naquela noite, li apenas os dois primeiros. Parece-me ser mais um destes muitos escritores latino-americanos de origem pobre e sofrida que encontram na literatura um modo de conviver com seus fantasmas do passado, pesadelos do presente, e desilusão do futuro. Não digo isto como crítica negativa, pelo contrário, antes escolher o caminho das letras, ao caminho da autodestruição e violência. Depois, já na metade do livro, posso dizer que a ausência de um rigor estético e um refinamento estilístico é compensada com altas doses de brutalidades urbanas e sinceridade cotidiana. O escritor narra como foi sua vida nas ruas de La Paz. Fugiu de casa muito cedo e passou a viver como indigente.

Para espantar a preguiça que se apoderava de nossos corpos, fomos dar umas bandas pelo crepúsculo. Caímos num lugar sensacional chamado Angelo's. A decoração era primorosa, e o clima muito acolhedor. Diversos móveis e objetos velhos ornamentavam os cômodos e as paredes do boteco. A trilha sonora ficou sob responsabilidade de um famoso quarteto de Liverpool, depois os rapazes deram espaço para músicas instrumentais. Violeiros bolivianos. Muito bom. Um ótimo local para um café. Um ótimo local para espantar a ressaca. Saímos e ainda pegamos o fim da missa da Igreja de San Francisco. Uma catedral enorme e maciça construída no século XVI. Os adornos e o suntuoso altar eram todos de ouro e prata. Saímos para mais outras bandas e mais outras cervejas. Antes de voltar para o nosso hotel, ainda passamos no hotel do pessoal de Ribeirão e ficamos conversando. Voltamos, escrevi algumas tortas letras no diário. Sono e tchau. *Hasta mañana*.

6º Dia – Uma ou duas voltas no tempo

La Paz/Tiwanaku, 02/01/05.

Fomos despertados a pedidos. Eram 8h00 em ponto quando tocou o telefone do quarto. Lá fora caía uma forte chuva. Bateu um desânimo forte. Frio até vai bem, mas chuva é foda. Banho. E começamos a cogitar a hipótese de fazermos um programa *indoor*, museus, igrejas, galerias, sei lá. O planejamento inicial era uma visita às ruínas de Tiwanaku. Saímos para um *desayuno* e a chuva foi perdendo sua intensidade. Foda-se, dissemos, vamos para lá.

Pegamos um microônibus até o cemitério. Lá, além de passagem para o céu (ou para o inferno), também havia passagens para muito outros lugares. As ruas do entorno serviam também de ponto de embarque e desembarque. Entramos numa lotação que fazia jus ao seu nome, simplesmente abarrotada. Parando a todo o momento para entrar e descer gente, encaramos 70 km até Tiwanaku. Havia mais três turistas na van, um casal de americanos e um italiano que falava espanhol perfeitamente. Sair da capital boliviana é uma experiência muito interessante, é uma subida constante e do caminho podemos ver perfeitamente o buraco onde a cidade foi construída. Passamos novamente pela Ciudad de El Alto. Vimos o Illimani pela primeira vez. Foi só o tempo abrir e as montanhas nevadas se apresentaram majestosamente. Como se alguém tivesse aberto uma cortina para o espetáculo começar. Já vi o Cristo Redentor, a Torre Eiffel, a estátua da Liberdade, o Maracanã, mas nenhuma primeira visão me arrebatou tanto quanto o Illimani. Emocionante.

O percurso passava por pequenos povoados pobres e por casas de agricultores. É impressionante como a terra é desértica. São raríssimas as plantações e escassas as criações de animais. Quando em vez deparamos com algumas roças de batatas e algumas poucas lhamas, ovelhas ou porcos. A estrada também tinha a macabra decoração de cruzeiros nas suas laterais. Chegamos a Tiwanaku e compramos o pacote completo, B\$25,00 por dois museus e três sítios arqueológicos. O local é patrimônio histórico mundial tombado pela Unesco e os museus foram construídos com grana do BID. Mas na Bolívia estas credenciais não significam necessariamente sinônimo de boa infra-estrutura. Os museus são pequenos, contêm poucas informações seus acervos são paupérrimos. Quase nada é bilíngüe. No entanto, a carência não tira o encanto da civilização soterrada pelos anos e pelo descaso histórico.

Tiwanaku hoje é uma cidade feia, suja e decadente. Todavia, há milhares de anos atrás, o local abrigou uma civilização pré-inca. Chegou a ser a maior cidade da América pré-colombiana, com mais de 60 mil habitantes. A civilização Tiwanaku, segundo alguns historiadores, pode ter originado todo o grandioso povo inca. Didaticamente, o museu dividiu a existência do povo em três fases: período de aldeia (1.500 a.C. – 45 d.C.), período urbano clássico (45 d.C. – 700 d.C.) e período expansivo (700 d.C. – 1.200 d.C.). Há indícios que uma devastadora seca por volta de 1.100 d.C. tenha iniciado a decadência da civilização. Antes da seca, a produção de alimentos dava para abastecer toda sua população e ainda havia

sobras para estocagem e comércio com outros povos. Tinham refinados conhecimento de matemática, engenharia, medicina e astrologia. Forjavam utensílios de bronze e outros metais, teciam suas próprias roupas. Dividiram o ano em 365,24 dias (exatamente como é hoje!) para melhor planejarem suas festas religiosas, seus plantios e suas colheitas. Durante nossa visita, deu para sacar que boa parte da cidade ainda está soterrada. Depois nós ficamos sabendo que apenas 5% está descoberta, à mostra, e faltam recursos técnicos e financeiros para continuar as pesquisas e escavações. Caía uma chuva muito fria, e o sistema de escoamento de água, com mais de 1.000 anos, ainda funcionava perfeitamente. Não resisti e tirei uma foto. É foda. É realmente curioso como sentimos nostalgia de um tempo que nunca vivemos e saudade de um povo que nunca conhecemos.

Voltamos de lá muito cansados. Descansamos um pouco no hotel e quando saímos para fazer nossa primeira refeição do dia, já eram mais de 20h00. No restaurante, nós experimentamos aquela que se revelou a melhor cerveja da viagem, a Bock. Uma cerveja mais forte, encorpada, saborosa e com um retrogosto acentuado. Era tão boa que tomamos mais algumas antes de irmos dormir. Uma hora de internet e cama.

7º Dia – Nas alturas, o sertão também vai virar mar

La Paz/Copacabana, 03/01/05.

Bem cedo acordamos, ou *muy temprano*, como dizem, 7h30 e já estávamos na rodoviária. Grande vacilo. Descobrimos que os ônibus para Copacabana saíam todos do cemitério. Outro táxi para lá. O bumba era uma carroça, uma jardineira velha que carregava as malas na parte de cima, expostas à garoa que caía de manhã. Comprei um exemplar do La Razón para ler durante a viagem. Assustei-me com o conteúdo conservador do jornal. Direitista ao extremo, fascista mesmo. Um artigo assinado por sujeito o qual não faço questão de lembrar-lhe o nome defendia o uso das forças armadas contra o MST boliviano. Dizia que só o exército era capaz de conter os “animais irracionais” que invadiam as propriedades privadas. Nem de relance o artigo mencionava as palavras “reforma agrária”, ou “igualdade”. Já em um subeditorial, portanto a opinião do jornal, o texto defendia o facinora chileno chamado Augusto Pinochet. Os argumentos eram rasteiros, dizia que a operação “Condor” acabara de descobrir milhões de dólares surrupiados do povo chileno em contas americanas do Pinochet e de pessoas muito próximas a ele. Dizia que a corrupção poderia ser aceitável (!), uma vez que Pinochet equilibrou as contas chilenas e alçou o Chile “para a modernidade”. Não mencionava os milhares de mortos assassinados pelo regime ditatorial. Deixei o libelo fascista de lado e, indignado, resolvi distrair-me com a estrada. No início a paisagem era bem parecida com a que pegamos no dia anterior, no caminho para Tiwanaku. Contudo, quanto mais nos aproximávamos do Titicaca, mais interessante ficava. Mais verde, mais árvores, mais agradável. Nem era tão longe, apenas 168 km, mas o ônibus velho, as estradas sinuosas e as muitas paradas esticaram nossa viagem para mais de quatro horas. Paramos no Estreito de Tikina e descemos do busão. Iríamos cruzar de barco, enquanto o ônibus cruzaria de balsa. O lago Titicaca é belíssimo. Imaginar um lago gigantesco é até fácil, mas imaginar um lago entre montanhas e a mais de 3.800 metros de altura, é bem improvável. Uma visão única.

Depois de novamente pongar no busão, tínhamos ainda que atravessar um mar de morros e montanhas; algo como cruzar a arrebentação em dia de águas traiçoeiras e ondas imprevisíveis. Muitas curvas perigosíssimas, desfiladeiros mortais e nós num ônibus mais velho que a Dercy Gonçalves. Adrenalina mesmo. O caminho é tão arriscado que o povo de Copacabana benze seus carros em um ritual muito colorido que pudermos acompanhar na cidade. E é claro, cruzeiros decoram toda a extensão da estrada. Quando, logo na entrada da cidade, eu vi uma placa dizendo que o asfalto era de 1997, fiquei imaginando como seria a mesma viagem feita em estrada de terra. Um verdadeiro rali nas alturas. Chegar a Copacabana é algo belíssimo, maravilhoso, indescritível. As montanhas cobertas por uma vegetação de vários tons de verde, a cidade de veraneio vista de cima, o lago Titicaca banhando os costados, as nuvens baixas; tudo parece se encaixar perfeitamente, uma harmonia renascentista. Faltou apenas uma moldura.

Arrumamos um hotel legal, melhor e mais barato que em La Paz. Mortos de fome, nós fomos comer um prato típico, trutas. Acompanhado de cerveja, é claro.

O peixe estava excelente e foi talvez a melhor refeição da viagem. Saímos para um passeio logo após o almoço tardio. A igreja de Nossa Senhora de Copacabana é impressionante. Imensa e com seu interior praticamente inteiro de prata. Se vocês estão perguntando se há alguma relação entre Copacabana na Bolívia e a praia homônima carioca, a resposta é sim. A praia foi batizada em homenagem a uma imagem que foi achada por pescadores. A virgem que acharam era uma Nossa Senhora de Copacabana e até hoje decora a charmosa igreja carioca que leva seu nome. Em frente à praça da matriz, uma procissão muito colorida se armava. Muitos carros estavam pintados e decorados com fitas. Havia padres e imagens de santos. Fogos de artifício e incensos. Perguntamos e descobrimos que se tratava do ritual mensal que o pessoal faz para benzer e proteger os carros da cidade. Voltamos ao hotel e puxamos um ronco durante uma hora e meia. Tempo suficiente para nos recompormos e sairmos novamente para caminhar pela cidade. Decidimos subir o calvário, uma morro dentro da cidade. Foi uma caminhada de uns 2 ou 3 km. Subindo, cansando, subindo, descansando, subindo. Depois de todas as passagens da via-crúcis, lá em cima há cruces, motivos católicos, velas e muita sujeira deixada pelos devotos bolivianos. O importante é a vista magnífica. É uma recompensa que vale o esforço da difícil subida na altitude. O sol já estava caindo e o frio foi apertando. Descemos as longas escadarias muito mais rápido. Para descer, todo santo ajuda. Eis um sábio ditado dispensável, mas verdadeiro.

Decididos a achar algum lugar onde poderíamos tomar um chá de coca para nos esquentar, fomos instintivamente guiados até o Waykis. Um boteco irado, todo grafitado por turistas. Desenhos e recados vindos de muitas partes do mundo. Reencontramos o casal de americanos que tinha estado em Tiwanaku conosco. Iniciamos uma longa e agradável conversa. Bruce e Laurin já estavam viajando há mais de 14 meses. Ambos já haviam virado a casa dos 50, mas conservavam uma jovialidade cativante. Ele, engenheiro de computadores e ela, professora infantil. Moravam em uma pequena cidade no Colorado, perto de Denver. Iniciei a conversa perguntando se eram de Littleton. Não eram, sorte deles. O papo fluiu legal e os gringos eram bem liberais, tinham opiniões fortes e sensatas. Nem pareciam americanos. Laurin, como professora primária, tinha o curioso e genial hábito de colecionar versões de *Parabéns a você*. Já tinha muitas versões, em diferentes línguas. Não tinha em português. Não tivemos como negar, eu e o Anselmo acabamos cantando e os gringos gravaram em uma câmera digital. Cantamos animados e constrangidos. Amistosamente patético. O simpático casal se foi, dando espaço para o funcionário do bar entrar em cena.

Ricardo, o atendente do Waykis, era jovem e comunicativo. Não hesitou em puxar assunto conosco. Estudante de arqueologia e antropologia, ele estava de férias e aproveitava para puxar um trampo e juntar uma grana. Bebendo e conversando com o Ricardo, acabamos recebendo uma verdadeira aula sobre os Incas, Tiwanaku, Manco Kapac, Mama Ocllo, Titicaca, etc. No decorrer do relato eu prometo que vou soltando um pouco das coisas que aprendi. Aproveitamos também para desenhar o primoroso e belíssimo símbolo do Sport Club Corinthians Paulista na parede do bar. O autor do desenho foi o Anselmo. Entrei na história

como co-autor intelectual da empreitada. Assinamos e deixamos nossa presença registrada. A trilha sonora do bar ficou entre o rock e o reggae, passando rapidamente por uma incendiária banda de rock mexicana chamada Molotov. O Waykis também era equipado com uma tevê e um aparelho de DVD. Quando entramos no bar, a tela exibia o *Cidade de Deus*.

Copacabana, como já disse anteriormente, é uma cidade de veraneio. Muito parecida, por causa do imenso lago, com uma cidade litorânea. O clima e o ritmo são de cidade de praia mesmo. É também a Meca boliviana dos hippies e bichos-grilos. A atmosfera e os freqüentadores remetem à Trindade, Visconde de Mauá, Arraial D'Ajuda, São Tomé das Letras; ou qualquer outra cidade do tipo. Desencanados, neo-hippies, bichos-grilos e malucos do mundo inteiro estão por lá.

Hotel. Banho. Janta. Reencontramos um casal que de paulistas que havíamos conhecido no embarque do Trem da Morte. Continuo sem saber o nome deles. Fomos fazendo uma peregrinação para encontrar um boteco firmeza. Paramos num tal de Buhos e por lá encontramos um grupo de brasileiros que trombamos no ano novo em La Paz. Conhecemos também um casal de Ribeirão Preto e outro casal de não sei onde, mas que moravam em São Paulo. Muito reggae e algumas cervejas depois, s caras do bar resolveram fazer uma sessão brasileira. Veio Garota de Ipanema, Rita Lee, Gilberto Gil e até Chico César. Caímos fora e tomamos a saideira no bom e velho Waykis. Tínhamos que despertar logo cedo. Caminhamos sob uma chuvinha minguada. Fazia muito frio. Hotel e cama.

8º Dia – Travessia

Copacabana/Yunguyu/Puno, 04/01/05.

Combinamos com o cara da recepção para sermos acordados às 7h30. Não fomos. Ainda bem que estou habituado a acordar cedo, eram 7h00 (ou 9h00 no Brasil, com duas horas de fuso) e já estava em pé. Caía uma tempestade lá fora e o tempo estava escuro. Tomamos banho enquanto os ventos encarregaram-se de limpar o tempo. Quando saímos do quarto, tinha até um arco-íris. Um não, dois arco-íris, algo raro. Um sol morno iluminava toda a bela visão que tínhamos do lago e da orla da cidade. Realmente, foi o melhor quarto que ficamos. Saímos para um rápido *desayuno*. Na bodega, combinaram um preço e queriam cobrar por outro. Por fim, perdemos uns 10 minutos na pendenga. Tínhamos um passeio marcado para a Isla del Sol. Ontem, fechamos o passeio de barco e também compramos passagens para Puno, no Peru. As passagens também nos davam direito a um passeio pelas Islas Flutuantes, também no Titicaca. São ilhas artificiais feitas de junco que abrigam algumas casas. Milhares de anos atrás, existiu um povo nômade em pleno Titicaca, viviam em barcos e ilhas flutuantes. O cara que nos vendeu o pacote foi um cara-de-pau profissional, 171 filho-da-puta. Tinha um jeito de songomongo, falava baixo e calmamente, foi atencioso e nos convenceu. Muitas agências ofereciam os mesmos passeios, só os preços variavam. Acabamos escolhendo a tal agência do tal Juan Carlos. Não gosto de fazer turismo com agências, eu prefiro fazer tudo por conta própria, mas o problema é que não tínhamos outra escolha, a não ser que tivéssemos um barco para navegar ao deus-dará no Titicaca.

Subimos no acanhado barco e fomos sentar no deque superior. Apesar do sol forte queimando nossos rostos e pescoços, ventava de uma forma glacial. Tivemos que botar gorros e usar protetor solar. Ainda no barco conhecemos aqueles que seriam nossos novos companheiros de viagem, Breno, Glória e Pedro. Breno era mineiro e estudava antropologia na Federal de Vitória, no Espírito Santo. Glória também morava em Vitória, e trabalhava num projeto com índios de lá. Ela era italiana, mas falava português fluentemente. Pedro era um carioca que estudava letras em Florianópolis, era amigo de Glória e tinha conhecido o Breno na viagem. O pessoal era muito gente fina e muito inteligente, nós cinco acabamos nos integrando muito bem. O lago Titicaca, juntamente com as montanhas, compõe uma paisagem improvável e incansável. Há ainda enormes rochas sobressalentes que formam ilhotas repletas de pássaros. A água verde-escura e a abóbada azul-celeste são muito próximas, em alguns pontos as alvas nuvens chegam a tocar a superfície do lago. Um sol majestoso iluminava toda esta beleza e sentia-me dentro de um cartão-postal. O guia nos falou que uma expedição liderada pelo francês Jacques Cousteau fez importantes descobertas no fundo do lago. Descobriram fósseis de cetáceos, animais tipicamente marinhos, denunciando uma remota ligação com o mar. Esta ligação também pode ser confirmada com a água salobra. Depois de intensos terremotos, o lago fechou-se, geleiras derreteram-se e a água ficou salobra. A expedição também confirmou a existência de civilizações antiqüíssimas submersas e este fato gerou a hipótese de Atlântida, a provável utopia de Platão, estar embaixo das

águas do Titicaca. Há estudiosos se debruçando sobre esta variante, mas como em toda a América Latina, a arqueologia do local carece de recursos técnicos e financeiros. Gastaram milhões para encontrar e filmar o Titanic, mas dificilmente fariam o mesmo com as civilizações do Titicaca. O Pedro soltou uma pérola definitiva: “Se for para tirarem as coisas do aí fundo e colocarem em museus de Nova Iorque, Londres ou Paris, é melhor que fique tudo embaixo d’água”. É bem por aí.

Na Isla del Sol há o Templo do Sol, e a Isla de la Luna abriga, adivinhem, o Templo da Lua. O primeiro foi construído para Manco Kapac e o segundo para sua irmã, Mama Ocllo. Ambos representam a origem mítica do povo inca. São filhos do deus Sol, o Inti, e foram mandados para a terra para iniciarem a civilização inca. Manco Kapac é o deus que representa o sol, a terra e o dia. Já sua irmã, representa a lua, a fertilidade e a noite. Aportamos na ilha e iniciamos nossa caminhada. Além de nós brasileiros, tinha também uma família de franceses, dois argelinos, um punhado de americanos e turistas bolivianos. Subimos uma longa escadaria inca que culminava numa fonte de água límpida e potável. As águas da fonte, mesmo após centenas de anos continuam escorrendo pelos encanamentos de pedras e outras engenhocas incas. Dizem que a água é mágica, e muita gente aproveita para encher suas garrafas, ou apenas beber um pouco. O guia nos disse que a água vinha diretamente de Machu Picchu. Sinceramente, eu não botei fé. Os incas eram muito bons em arquitetura e engenharia, mas espere aí, para tudo há limites. Há na ilha muitos terraços para plantação de gêneros alimentícios e também plantas e flores decorativas. Outrora existia ali um belo jardim inca, cuidadosamente destruído pelos espanhóis. Sobraram algumas árvores centenárias e pedras. Fomos subindo e ouvindo as explicações do guia, que aparentava não ter mais que 20 anos. Voltamos ao barco e partimos para o Templo do Sol, na parte sul da ilha. Descemos por lá e demos umas bandas no templo. Hoje ele não impressiona tanto, uma vez que os espanhóis roubaram todas suas estátuas de ouro e prata, e todos os outros possíveis adornos. Nada mais restou a não ser uma casa de pedra, curiosamente construída. Todas as portas são baixas para forçar quem entre a se curvar, fazendo assim uma reverência aos deuses. Há cômodos escuros e sem janelas, há também cômodos sem teto, onde possivelmente eram feitas observações dos astros. Caímos fora e fizemos o caminho de volta para Copacabana, mas desta vez contornando a Isla de la Luna. Não tínhamos comprado o pacote completo, de um dia inteiro, tivemos que optar por metade, pois já estávamos com passagens marcadas para Puno.

Quando chegamos à terra firme, nem deu tempo para almoçar, fomos direto pegar nosso ônibus. Vocês se lembram da crise dos combustíveis lá em Santa Cruz? Pois bem, para conseguir pagar a Argentina, o governo boliviano aumentou abusivamente os preços dos combustíveis. Vejam só, a incompetência do governo foi transferida para o bolso dos cidadãos, prática muito conhecida por nós brasileiros. Os bolivianos organizaram um protesto digno e necessário. Simplesmente pararam todas as principais estradas do país, e é claro que a nossa também estava bloqueada. Resultado, não havia meio de ir de ônibus para o Peru ou para qualquer outro destino. A saída que as agências arrumaram era cruzar o lago de barco e descer do outro lado, já na costa peruana. Até aí tudo bem, se não

fosse necessário pagar novamente. Não foi muito, mas o caso todo não era problema nosso, as agências não deviam ter transferido para nós um problema interno deles. Voltamos ao mesmo barco do passeio e juntamente com mais uma porrada de mochileiros nos acomodamos para cruzar a fronteira. O barco estava pesado devido ao excesso de bagagens e pessoas, não vi um extintor, um colete salva-vidas, ou uma bóia. Se ocorresse algum chabu, muita gente iria morrer. Uma tragédia anunciada. Saímos em dois barcos, ambos superlotados, transbordando turistas. Rumamos por mais de duas horas sob um sol ardido e traiçoeiro. Paramos perto da costa e quando pensávamos que o pior já tinha passado, uns seis barcos a remo encostaram e fizeram muitas viagens para levar o povo todo para a margem. Não havia píer e tivemos que enfiar os pés nas águas do Titicaca. Entramos nos Peru pelas portas do fundo e caímos numa área agrícola nas margens do lago. Bom, pelo menos estávamos no Peru. E quando pensávamos que o pior já tinha passado, tivemos que caminhar por mais de uma hora até a cidade mais próxima, Yunguyu. Tudo bem se não fossem as pesadas mochilas e o forte calor que nos abatia. A região do Titicaca apresenta amplitudes térmicas enormes. Durante o dia, o calor é ardido e ficamos de bermuda e camiseta. Depois que o sol se põe, o vento aperta e o frio também. De madrugada então, já faz uma temperatura ainda mais baixa. Uma família de brasileiros carregava malas de mão e praguejavam contra os coitados dos peruanos que gentilmente os ajudavam. Que culpa tinham os peruanos? A referida família errou de destino, deviam ter ido para Disney.

Chegamos à cidade por volta das 13h30 e ainda tínhamos que voltar à Bolívia para carimbar nossas saídas em nossos passaportes. Deixamos nossas mochilas em uma casa de câmbio que nos acolheu. Muita gente deixou a mochila por lá. Cruzamos a fronteira e dirigimo-nos a *Migración* boliviana. E quando pensávamos que o pior já tinha passado, fomos forçados a pagar B\$20,00 para carimbarem nossos passaportes. Detalhe, somente os brasileiros tiveram que pagar. O lance foi o seguinte, quando entramos por Corumbá, o pessoal da fronteira deveria ter nos dado, além do visto, um papel de entrada e saída do país. Não nos deram justamente para poderem nos cobrar este papel na saída. Os gringos que chegaram de avião, ganharam o tal papel no aeroporto. Os argentinos e chilenos ganharam ao cruzarem a fronteira de seus países. Mas em Puerto Quijaro, eles querem te sacanear de qualquer jeito. Conseguiram.

E quando pensávamos que o pior já tinha passado, conversando com outros turistas, descobrimos que quase todos tinham comprado passagens com direito a uma parada e um passeio pelas Islas Flutuantes, mas como este passeio não iria mais acontecer, receberam parte da grana de volta. Em Copacabana nós tínhamos perguntado para o Juan 171 Carlos sobre a possibilidade de reaver parte da grana. Convenceu-nos que o ônibus já estaria nos esperando do outro lado e que o passeio seria feito. No final da história, tivemos que esperar até mais de 17h00 para o busão chegar. Durante nosso ócio, aproveitamos mais uma vez o sol para secar nossas toalhas, e conversamos com muitos outros turistas. O ônibus chegou e quando pensávamos que o pior já tinha passado, o senhor que recolhia as passagens nos disse que a agência do Juan 171 Carlos não tinha

pagado nossa parte. Queria que nós descêssemos do busão e tudo mais. Falei grosso com ele, aquilo tudo era problema dele e do Juan 171 Carlos, nossa parte havia sido feita, ele que cobrasse o nó cego filho-da-puta. Ficamos no ônibus. De tão cansado que estava, adormeci e acordei somente na rodoviária de Puno.

A fome me corroia as entranhas. Chegamos às 20h00 em Puno e nosso bumba para Cuzco sairia às 20h30. Sobrava exatamente meia hora para comer. Como já era esperado, não havia muitas opções saudáveis. Engolimos um misto quente péssimo, empurrando com refrigerante igualmente horrível. Compramos também uns pães e umas *salteñas*. No mostrador da vendinha, devia ter umas 30 *salteñas* e eu fui escolher justamente as de vento, me disse o Anselmo. Rimos muito. As malditas *salteñas* tinham cheiro de queijo e recheio de ar. Acabamos sentados todos no fundo do ônibus, nós dois e os três novos companheiros. Antes de dormir, ainda assisti a um filme tão ruim que nem me lembro o nome. Dormi. Ou pelo menos, tentei.

9º Dia – Projeto Primeira Quarta – O meu Cuzco ninguém tasca

Cuzco, 05/01/05.

Tive a pior noite de sono em toda a viagem. Fez muito frio durante a madrugada toda e atrás de mim tinha uma senhora tipicamente trajada, uma das muitas *cholas*. Ela estava carregando umas sacolas enormes, ocupavam o lugar vago ao seu lado, o chão e também seu colo. Devia ter incontinência urinária, caganeira ou formiga na bunda, sei lá. Ela levantou a noite toda para ir ao banheiro, e para conseguir fazer isto, ela me cutucava para que eu subisse minha poltrona. A velha não falava espanhol, somente quíchua. Antes de me acordar, ela batia em meu banco e resmungava palavras incompreensíveis. Levantou umas 15 vezes na noite. Chegamos em Cuzco umas 4h30 da manhã, como estava muito escuro, nós ficamos dormindo no ônibus até às 6h00. Levantamos e rachamos um táxi até uma pousada. Ainda na rodoviária, achei o espanhol falado no Peru mais difícil de compreender do que o falado na Bolívia. Mas isto não se tornou, de maneira alguma, um empecilho maior na nossa viagem. Segundo o escritor mexicano Carlos Fuentes, o espanhol latino-americano é uma língua órfã. Os argumentos do escritor são consideráveis, pois o espanhol entrou na América como língua paterna, falada pelos exploradores. A língua materna era o quíchua, o aimara, e outras línguas e dialetos falados pelas mulheres violentadas. Ou seja, para Carlos Fuentes, o espanhol latino-americano nasceu e cresceu órfão e desamparado, e assim se construiu perante o pai e a mãe. Apesar de o espanhol ser a língua oficial dos dois países, os dialetos ainda são muito praticados pelos bolivianos e peruanos.

O meu encantamento com a beleza do centro de Cuzco foi imediato. Pedro, que já conhecia o local, havia nos alertado que Cuzco é, sem dúvida, uma das cidades mais bonitas da América Latina. É mesmo. A fusão do catolicismo espanhol com o politeísmo inca produziu uma arquitetura única no mundo todo. É algo ostentoso e impactante. Por sobre os templos, casas e muros incas que os espanhóis não conseguiram por abaixo, eles construíram as igrejas, os prédios e os palacetes. O sol brilhava e a luminosidade estava simplesmente cinematográfica. As ruas estreitas de calçamento de pedras, ora inca, ora espanhol ainda estavam vazias, e mesmo assim emanavam um clima e uma comodidade ímpar. Não há como não lembrar da cena do *Diários de Motocicleta* em que o jovem Ernesto visita o Peru. Um guia ainda menino aponta para os muros e diz: “aqui está o muro dos incas, e aqui muro dos incapazes”. Se não era exatamente isto, era algo parecido. Não importa. O que os espanhóis fizeram com a cidade foi um crime inestimável, destruíram a capital inca. É surpreendente como a cidade conserva um ambiente amistoso e agradável mesmo depois da violenta passagem espanhola. Para todos os lados que olhamos, encontramos uma igreja. Em todas as direções que caminhamos, deparamos com uma praça. Pelas vielas estreitas, que mal passam um carro, andamos por entre restos de construções incas e casarões espanhóis que remetem muito a Madrid, ou a Barcelona. Os casarões estão muito bem conservados e pintados, e quase todos têm sacadas e balcões bem espanhóis, exatamente como vemos nos filmes do Almodóvar.

Depois de uma pesquisa de preços e condições dos hotéis, encontramos um com banheiro privativo, camas boas e preço justo. Saímos para tomar nosso *desayuno* e iniciar a exploração da cidade. A primeira parada foi Qorikancha, ou Igreja de Santo Domingo. Lá era a sede do império inca e ainda há muita coisa da arquitetura inca clássica. Este tipo de arquitetura é o mais refinado e impressiona pela precisão milimétrica. Não há cimento, ou outro tipo de rejunte, apenas encaixes perfeitos. São tão perfeitos que não são visíveis. As pedras são recortadas em diferentes formas geométricas. São todas lisas e, em alguns lugares, todas simétricas. As portas e janelas são em forma trapezoidal, sendo que esta maneira de construção é a mais resistente aos terremotos. Os templos que formavam o centro do governo inca foram categoricamente destruídos, mas ainda restou muita coisa. E por sobre e entre estas ruínas e muros, os espanhóis construíram uma igreja colossal e um mosteiro. No pátio central podemos ver algumas salas remanescentes dos incas, uma fonte e altares. Do lado de fora, há ainda muitos muros e fortificações também incas. O jardim dos imperadores incas foi assassinado e hoje não passa de um imenso gramado com pedras. Em 1950, Cuzco sofreu um violento abalo sísmico. Muitas construções espanholas ruíram, enquanto as construções incas ficaram todas em pé. Santo Domingo tem uma história interessantíssima, dividida em três partes: antes dos espanhóis, depois dos espanhóis e depois do terremoto. Há partes espanholas remanescentes do século XVI, há partes recentes que foram construídas depois do terremoto e há os setores incas que resistiram ao ataque espanhol e ao forte tremor.

O choque entre culturas deve ter sido algo muito forte, inimaginável nos dias de hoje. A imposição do catolicismo e do modo de vida europeu foi brutal. Foi uma luta em todos os campos, inclusive no campo simbólico. Para impor sua cultura, os espanhóis tiveram que construir algo à altura dos incas. Por isso, as igrejas são enormes e imponentes. Tinham que dar o troco na mesma moeda. A catedral de Cuzco é o terceiro maior templo católico do mundo, perdendo apenas para as catedrais de Aparecida do Norte e de São Pedro, no Vaticano. As medidas desproporcionais não são ao acaso, os invasores europeus tinham que mostrar para os nativos e para eles mesmos, seu poderio, sua força. Uma necessidade de auto-afirmação diante de uma cultura tão diferente e tão desenvolvida. Não podendo co-existir em comunhão com a diferença, os “colonizadores” exploraram, estupraram e destruíram os diferentes. O que aconteceu na América Latina foi o maior genocídio da história da humanidade. Assassinar não apenas homens e mulheres, também suas diferentes culturas.

Depois da nostálgica Qorikancha, fomos ao Museu Inka. No caminho passamos mais uma vez pela espetacular Plaza das Armas, a belíssima praça principal. Em seu entorno há igrejas, universidade, museus, restaurantes, bares e lojas. Dezenas das ruas estreitas confluem na Plaza das Armas, fazendo com que ela seja passagem obrigatória. Não importa para onde íamos, sempre passávamos por lá. A catedral, como já disse, é gigantesca. Sua nave central é desproporcional e, evidentemente, ela é decorada da maneira mais luxuosa possível. Muita prata, ouro e esculturas em pedras, bronze e madeira. Hei de admitir que os espanhóis fizeram um bom trabalho tocando seu projeto de

disseminação do catolicismo e dominação dos nativos pagãos. Nossa passagem pelo Museu Inka nos rendeu uma longa e densa aula de história. Conseguimos uma guia excelente que nos explicou diversos pontos. Gostei muito do repertório e da abordagem dela, totalmente histórica e antropológica. Em nenhum momento ela mencionou as diversas teorias sobre contato dos incas com extraterrestres, esoterismo e outras correntes alternativas, digamos assim. Um dos pontos que gostei bastante foi sobre a mitologia que percorreu milhares de anos e centenas de culturas. Os povos andinos, desde muito tempo antes dos incas, já cultuavam a serpente, o puma e o condor. Os três animais têm toda uma importância mitológica e simbólica. Basicamente a serpente representa o reino debaixo da terra, obscuro, sombrio e traiçoeiro. O puma representa o reino terrestre, vivaz, perspicaz e matreiro. Já o condor representa o reino dos céus, livre, misterioso e amplo. A trinca seguiu sendo admirada e respeitada em diferentes culturas, até chegar entre os incas. A força simbólica dos três animais é impressionante. No museu, não faltam objetos que os representam ou fazem alguma forma de referência aos três. A guia também relatou a origem mítica dos incas, falando sobre Manco Kapac e Mama Ocllo. A última parte do museu é dedicada à conquista espanhola. Há gravuras e relatos das torturas e humilhações que os povos nativos sofreram, algo assustador. Há também uma seção que mostra a interessantíssima influência da cultura européia nos artesanatos dos incas, produzindo peças únicas e curiosas, como representações católicas com feições nativas, mantos e batinas com bordados incas, prataria com motivos religiosos e locais, e muitas outras coisas. Saímos do museu encantados e satisfeitos.

O Peru notadamente apresenta melhores condições de vida que seu vizinho, a Bolívia. O povo é mais bem cuidado, melhor alimentado e até mais alto. As cidades são mais limpas e mais organizadas. O turismo no Peru é uma atividade mais profissional e com melhores estruturas. Há uma maior presença de multinacionais. Não que seja positivo, ou negativo, é apenas uma constatação. Enfim, é um país um pouco mais justo e hospitaleiro. A pobreza infelizmente também é marcante, mas como aqui no Brasil, é algo mais segregado. Em Cuzco, por exemplo, há muita miséria nos bairros mais afastados, não no centro, como em muitas cidades brasileiras.

Ainda em La Paz, eu cometi algo instintivamente que me custou caro. Arranquei com os dentes um pedacinho de pele que sobrava ao lado da minha unha do indicador esquerdo. Inflamou, inchou e em Cuzco o dedo latejava como uma bateria de escola de samba. Doía muito. Um tormento. Parecia que latejava a mão inteira. Uma dor aguda e lancinante. Dois comprimidos de dipirona sódica depois, eu consegui sair do hotel e encarar a primeira quarta. Não sem antes também tomar outras duas drágeas de diclofenaco de potássio. O Projeto Primeira Quarta (PPQ) é uma iniciativa conjunta de alguns amigos. É um projeto fraterno-etílico-futebolístico, não necessariamente nesta ordem. É o seguinte, toda primeira quarta de cada mês, a gente se reúne em São Paulo para tomar cerveja, conversar e ver jogo de futebol. Há uma rotatividade e cada mês acontece em alguma casa diferente. Basicamente, o público é majoritariamente masculino, procedente de Assis e residente em São Paulo. Muitas vezes há exceções e

surpresas, alguns PPQ já contaram com míseras três pessoas, enquanto outros, mais abastados, já viram mais de 50 pessoas desfilarem no interior de alguma casa que o abrigue. Em Cuzco, não tinha como passar em branco, o PPQ iria acontecer e em versão internacional.

Não sei qual Cuzco é mais bonita. De dia, com o sol; ou de noite, com a lua. A Plaza das Armas iluminada é belíssima, as ruas estreitas e cheias de pessoas também. É uma cidade muito turística e muito boêmia que oferece muitas opções para a noite. É impressionante o assédio do pessoal que trabalha nos bares e casas noturnas. A concorrência é acirrada e cada turista é disputado aos berros, literalmente. Muitas vezes, o pessoal até nos puxava pelo braço e pelas roupas. Um grupo de cinco pessoas, como no nosso caso, era um prato cheio que gerava discussões entre os promotores. As baladas de Cuzco fazem uma promoção atrativa, não cobram nada para entrar e ainda dão uma bebida grátis. Fizemos uma via-crúcis experimentando os drinques na faixa. Passamos pelo Tacuba Club, Extreme, Mythology e Mama Amerika antes de terminar a noite no mais famoso, o Mama Afrika. Eram baladas todas muito parecidas e não me lembro direito como é que foi em cada uma delas. Lembro-me que as primeiras baladas estavam caídas, muito vazias. E as duas últimas estavam lotadas, bombando. A bebida grátis começou com uma caipirinha que mais parecia limonada fria e depois passou para uma Cuba Libre. Teve outra coisa entre as duas, mas não me recordo, Bacardi, Martini, sei lá. As duas últimas estavam cheias de turistas, muitos argentinos e chilenos. Muitos americanos e europeus. A minoria era composta de peruanos. Dançamos muito e nos divertimos pela madrugada adentro. Tocou até axé da Bahia. Confesso que dancei coreografia e tudo mais, que vergonha. O que o álcool não faz com uma pessoa, não é mesmo? Continuei o tratamento químico do meu dedo com algumas cervejas a mais. Fui dormir com duas dores desmedidas. Uma na alma, de saudades da minha Marina, e outra no maldito dedo. Nunca pensei que uma pessoa me faria tanta falta. Também nunca pensei que a ponta de um dedo pudesse doer tanto.

10º Dia – Expurgo moral

Cuzco, 06/01/05.

8h00, ou mais cedo, tanto faz. Acordei de tanta dor no dedo. Uma dor insuportável e aflitiva, bem chata. Até me esqueci que estava de ressaca. Decidi tomar um banho quente e abusei da água pelando no meu dedo enfermo. Saí do banho decidido, iria lanciná-lo. Peguei meu canivete e.. zás! Uma mistura de dor, alívio e pus. Foi uma pequena incisão cirúrgica ao lado da unha, sobre o amarelo do pus. O líquido putrefato saiu aos borbotões. Massageava e pressionava meu dedo com lágrimas nos olhos de tanta dor, não parava de sair pus. O indicador (ou o indica a dor) estava muito inchado, bem maior que o polegar, não parava de sair pus. Algo que não me seduz. Depois de muito pus, fortes e cortantes dores, veio o sangue; então eu pus um curativo e pronto. Já era.

Tomamos um *desayuno* que tinha omelete bom, porém sem sal. Tinha também o pior café que já provei na minha vida. Café agora, só no Brasil. A partir de agora vai ser só chá. Serviram-nos um composto viscoso e muito preto que misturado à água quente deveria ter gosto de café. É claro que a alquimia peruana não deu certo e virou um “chafé” horrível e além de tudo, malcheiroso. Fomos andando até a Plaza das Armas e iniciamos nossas pesquisas para descolar a melhor maneira de chegar em Machu Picchu. A famosa trilha inca estava infelizmente descartada. Era muito caro e consumiria muito tempo. Em outros tempos havia como fazer a trilha sem necessitar de agências de turismo, hoje já não há mais esta possibilidade. Mesmo no passeio sem fazer trilha de quatro dias, os preços variavam de US\$80,00 à US\$120,00. Achamos tudo muito caro e nada muito seguro. Um cara cômico e muito bom ator tentou de todas as maneiras nos convencer que sua agência era a melhor, que seu preço era imbatível, prometeu mundos e fundos. Sentamos nos bancos da Plaza de Armas e conversamos por uns 10 minutos sob um sol chato e irremittente. Resolvemos ir nos informarmos no Centro de Informações Turísticas (CIT). Foi uma das decisões mais oportunas da viagem toda. Iríamos para Machu Picchu por conta própria e gastaríamos uns US\$40,00. Cogitamos até a possibilidade de alugar um carro e encarar as estradas peruanas para fazer os passeios passando pelas muitas ruínas incas da região de Cuzco, o chamado Vale Sagrado dos Incas. Mas de ônibus ficava tudo mais barato, obviamente. Tivemos um almoço ruim e muito engordurado. Comemos *pollo*, só para variar. Foi péssimo e o barato acabou saindo caro. Durante à tarde iríamos fazer uma caminhada pelas ruínas mais próximas de Cuzco. No CIT, adquirimos um passe turístico que nos dava direito de entrada em vários locais legais.

Chegamos ao terminal e a excelente impressão da organização de Cuzco que eu tinha até o momento, começou a desaparecer no ar. Mais precisamente, desaparecia na fumaça negra dos microônibus velhos e na fumaça úmida e pesada das frituras que estão em muitas barracas das ruas. O terminal é patético. Chão de terra batida, sem conforto nenhum para os usuários, sem lixos, sem banheiros e com apenas um portão para entrada de ônibus, algo que prejudicava muito o trânsito na região e a funcionalidade do próprio terminal. Uma zona

imunda onde ninguém sabia dar uma informação que não contrariasse a informação anteriormente recebida. Todo mundo queria tirar proveito do nosso aspecto de turistas. Depois de nos desvencilhar de alguns aproveitadores de plantão, conseguimos pegar um ônibus até a ruína de Tambomachay. Este passeio foi indicação do Pedro, que já o conhecia. Proporcionava-nos a possibilidade de visitar quatro ruínas. Iríamos de ônibus por uma estradinha que ligava Cuzco a Pisaq, desceríamos perto da ruína de Tambomachay, e depois andaríamos de volta até Saqsaywaman, já bem perto de Cuzco, passando por Pukapukara e Q'enqo. A caminhada teria algo em torno de 7 km.

Tambomachay é um conjunto de ruínas com umas fontes que funcionam até hoje, e a água é potável. O complexo era usado para banhos e rituais religiosos. Parece-me que as maiores construções incas eram usadas para rituais religiosos, foi uma impressão que tive na viagem. Como se ninguém se divertisse e mundo era trabalhar e rezar. Desconfio seriamente que não era assim. É evidente que a vida cotidiana inca era orientada pela religiosidade marcante e pela fé nas crenças míticas. Tudo era feito respeitando os deuses, seguindo presságios e através de oferendas. Desde os plantios rotineiros, até construções complexas ou guerras. Mas em meio a tudo isso, tinha vida normal: brigas de casais, paqueras, crianças brincando, adolescentes se achando, passeios, descansos, tudo. Portanto, duvido dessa historinha que Tambomachay era usado apenas para banhos e rituais religiosos. Eles devem ter se divertido à beça lá. Quem sabe não rolou até umas orgias incas.

No caminho de volta nós atravessamos um pobre vilarejo cheio de crianças simpáticas que carregavam filhotes de cachorros. Senti que iniciei uma purificação pessoal logo após atravessar o povoado. Tudo convergia para isto, o clima ensolarado e frio, o silêncio espectral, a cor exuberante do céu e das montanhas, as ruínas geometricamente construídas, a confiança nas minhas companhias, tudo. Comecei a refletir sobre minha vida de rápidos 25 anos. Comecei a viajar sobre como havia chegado até aquele dia, e o que iria fazer dali pra frente. Pensava na minha família, nos meus amigos, em minha carreira. Pensava mais no passado que no futuro. Vivia o presente. E que presente! Meia hora depois e estávamos em outra ruína, Pukapukara.

Depois de visitar a ruína de nome mais simpático e infantil da viagem, entramos na parte mais longa e bela da jornada. Foram quase duas horas de caminhada passando por entre montanhas de todos os tons de verdes possíveis, por vales alagadiços e floridos. Por caminhos milenares, sempre pensando nos significados da vida, da minha especificamente. Acho que são justamente as questões que movem a humanidade, qual é a origem da vida? Qual é o seu significado? E como é fim? São as três questões metafísicas talvez mais discutidas em nossa efêmera existência e vã filosofia, blá, blá, blá. O Anselmo falou algo que procede, disse que estava se sentindo no cenário do *Senhor dos Anéis*. É verdade, as paisagens lembravam sim a Terra Média evocada e cantada por Tolkien. Teve até um cavalo branco que, do nada, passou correndo pela gente. Era o próprio Scadufax, o cavalo branco de Gandalf (puta observação

nerd!). A região também era palco de passeios eqüestres para turistas. O curioso é que os turistas seguiam trotando em seus cavalos e os guias peruanos iam correndo atrás! Durante o trajeto, nós nos distanciávamos e até nos perdíamos de vista. Esta sensação de solidão e paz era também uma força motriz para seguir meu embate íntimo. Chegamos à ruína de Q'enko.

De novo o poder inca me arrebatou. Totalmente. Q'enko é um templo labiríntico que aproveita formações rochosas naturais e acrescenta construções e intervenções incas. Pouco antes de alcançarmos as ruínas de Q'enko, passamos por um cachorro moribundo que tinha sido recém atropelado, ou estava muito doente mesmo. Agonizava e tropeçava na própria morte. Todos nós ficamos tristes ao ver o cachorro. Depois, fiquei ainda mais triste ao me lembrar da compaixão que tivemos com o cão. É triste, mas é a realidade. Mesmo em São Paulo, deparamos muitas vezes com flagelos humanos que se arrastam e imploram moedas para sobreviverem, vemos crianças magras trabalhando e mendigando. Vemos amputados, deformados e outras terríveis mazelas da carne. Vemos o inferno à nossa porta e nos acostumamos com isto. Passamos a achar que é normal. Fazendo agora uma sessão de autocrítica, vejo o quão bruto e insensível que o ser humano pode tornar-se. Na viagem mesmo, já tínhamos visto muita pobreza e abandono, ficamos chateados e impressionados. Um cachorro a mais e foi o suficiente para ver que já estávamos ficando acostumados com a tragédia humana, passando a encarar como se fosse algo natural.

Mais uns 30 minutos de caminhada e estávamos próximos da maior ruína inca da região de Cuzco, Saqsaywaman. No caminho, vi uma cena que me alegrou. Passando por um povoado, vimos um campo de futebol improvisado e muita gente jogando bola. Era uma alegria festejada sem grandes motivos aparentes. Estavam felizes e ponto final. Celebravam nada mais além da própria vida. Crianças, idosos, mulheres, adultos, todo mundo no mesmo jogo. Não queriam ganhar nada. Queriam rir, se divertir. Pedro e Anselmo, em momentos diferentes, também comentaram a cena. De tão poucos sorrisos que vimos nos povos bolivianos e peruanos, aqueles vistos no futebol foram muito reconfortantes.

Dizem que a cidade de Cuzco vista de cima tinha antigamente a forma de um puma. Saqsaywaman seria a cabeça do puma. Nem os castelos europeus me impressionaram tanto quanto Saqsaywaman. É algo maiúsculo, poderoso e gigantesco. Um complexo que servia muitos usos. Em um setor há anfiteatros que eram usados para grandiosas cerimônias festivas e religiosas. Também poderia servir para uma reunião de líderes com seus exércitos, pois é bem provável que Saqsaywaman era a principal muralha de defesa da capital inca. Havia três imponentes torres que proporcionavam uma visão panorâmica e estratégica de todas as entradas e saídas de Cuzco. As torres foram meticulosamente destruídas e suas pedras perfeitamente cortadas foram usadas na construção da catedral católica dos espanhóis. Saqsaywaman é algo tão importante que, para construí-la, os incas fizeram até maquetes para atingir o resultado desejado. Vimos algumas maquetes antiqüíssimas no Museu Inka. As pedras que sustentam as muralhas são desproporcionais e precisamente encaixadas. A maior tem um peso estimado

em 180 toneladas. A muralha segue uma forma semicircular, com muitas arestas pontiagudas, como se fosse a boca aberta de um puma, com os dentes à mostra.

Apesar da destruição sistemática promovida pelos exploradores, as ruínas estão muito bem conservadas. Ficamos conversando e imaginando como seria Saqsaywaman completa, antes da chegada dos espanhóis. Durante a visita às imensas escadarias das ruínas, eu, Anselmo e Breno nos sentamos e iniciamos uma conversa muito franca. O clima de sentimentalismo, busca interior e redenção não estava apenas na minha cabeça, atingiu a todos. Pedro chegou um pouco depois e conversamos sobre decepções amorosas, arrependimentos, planos malfadados e saudades. A conversa final foi o último estágio da minha purificação. Um expurgo. Eliminou, como do meu dedo, o pus da minha alma. Sentia-me leve, exausto e apaixonado. Não me restavam mais dúvidas, a Marina era a pessoa que eu queria que tivesse ao meu lado naquele momento. Voltamos ao hotel dividindo um táxi. Eu trajava uma dessas calças de material sintético, leves e quentes. Seus bolsos eram lisos e pouco confiáveis, já haviam me deixado na mão em outra oportunidade. Aconteceu que meus óculos escuros deslizaram do bolso direito para o banco, e de lá, encarregaram-se de deixar-se cair no chão do carro; não contente ainda, chutei-os para debaixo do banco do motorista. Pronto, estavam devidamente escondidos. Só me dei conta quando cheguei ao hotel, por muita sorte, tínhamos pegado o número do celular do taxista para eventualmente utilizarmos seu serviço no dia seguinte, na ida para o terminal, de mala e cuia. Saí do hotel e liguei para o maluco. A conversa em portunhol ao telefone foi bem truncada, mas ele entendeu e, muito solícito, disse que retornaria exatamente no mesmo local onde tinha nos deixado há uns 15 minutos atrás. Voltou e recuperei minhas *gafas*, como eles dizem. A sorte, desta vez, prevaleceu. Hotel. Banho. Janta. Internet. Diário. E cama. Foi um dia especial. Amanhã iniciaremos a jornada para Machu Picchu. O auge da viagem, o apogeu do que restou da cultura inca. Estou ansioso. Estou feliz. E meu dedo, que vazou o dia inteiro, de noite estava são.

11º Dia – Dia que ganhou asas

Cuzco/Urubamba/Ollantaytambo/Aguas Calientes, 07/01/05.

Há dias em que eu realmente me surpreendo com a precisão bio, físico e psicológica do corpo humano. Despertei precisamente às 5h30, exatamente no horário previamente combinado. E nem precisei de despertador. Descobri que nosso corpo, entre outras coisas, pode ser também programável quando necessário. Táxi para o terminal. Ônibus para Urubamba. E no caminho percebemos que a periferia de Cuzco é tão pobre quanto a da Bolívia, ou do Brasil. Dormi a viagem inteira. Acho que não durou mais que duas horas. Lá em Urubamba ficamos apenas o tempo suficiente para pegar outra van até a cidade de Ollantaytambo. Chegamos cedinho e fomos direto para a estação de trem comprar passagens para Aguas Calientes.

Abre-se aqui um parêntesis para explicar a sacanagem que acontece no caminho para Machu Picchu. Todo mundo no Peru, o pessoal das agências de turismo, o povo nas ruas, os guardas, o pessoal do CIT, os funcionários dos terminais, os taxistas, enfim, todo fala que só dá para chegar em Aguas Calientes de trem. Mentira. Aguas Calientes é a cidade mais próxima de Machu Picchu. Em Machu Picchu tem um hotel luxuosíssimo, mas a maioria absoluta dos turistas fica em Aguas Calientes. No fatídico governo Fujimori, enquanto ele dissolvia o congresso, o judiciário e instituiu uma ditadura “democrática”, segundo a curiosa classificação da Organização dos Estados Americanos (OEA), ainda sobrou tempo para privatizar a estrada de ferro que liga Ollantaytambo a Aguas Calientes. Uma empresa americana a comprou. O resultado é que aquilo se transformou numa máquina de fazer dinheiro, pois a empresa põe os horários que achar conveniente e os preços que achar necessário. O fluxo de turistas é ininterrupto durante os 365 dias do ano, e todo mundo é obrigado a pegar o trem. Todo mundo menos uma minoria que eu não saberia informar em porcentagem. Trata-se do pessoal que faz a trilha inca, que chega em Machu Picchu por outro caminho. Todo mundo diz que não chegam carros em Aguas Calientes, que não há estradas, que isso, que aquilo. É mentira. Lá na cidade é lotado de vans, carros e ônibus. Agora me respondam, como é que os veículos chegaram até lá? Será que foi de helicóptero? Ou será que foi nos mesmos discos-voadores que pousam em Machu Picchu? É evidente que existe uma estrada, mas eles escondem as informações justamente para obrigarem os turistas a pagarem a passagem de trem, assim o moto-contínuo de fazer dinheiro não pára o ano todo. Os preços das passagens são todos em dólares, repito, em dólares. As mais baratas custam US\$12,00. Ida e volta sai por US\$24,00. Depois de tentar conversar com a única funcionária do único guichê da estação de trem turística talvez mais freqüentada da América Latina, conseguimos comprar a ida no trem mais barato, mas na volta tivemos que comprar uma passagem de US\$35,00, pois as “baratas” já tinham se esgotado. A mulher que nos atendeu tratava todo mundo com desdém e ficava fechando portinhola na nossa cara, assim, sem mais nem menos. Bom, ela não precisa ser educada, naquela altura do trajeto não resta outra opção para os turistas. Ou você vai trem, ou você vai de trem. Na estação, se é que dá para assim chamá-la, havia dois bancos de madeira e um teto de zinco suficiente para abrigar umas 10

peessoas, não mais. O chão era de terra batida e com as chuvas estava todo lamacento. Apesar de ser freqüentada durante todos os dias do ano, a estação não tinha banheiro, lixo, lanchonete, nada. Nada mesmo. Um absurdo incompreensível. Demonstra um amadorismo e precariedade que contrasta com o profissionalismo turístico de determinados locais em Cuzco. Contrasta também com o preço que eles cobram nas passagens. Cobram alto e não oferecem um serviço à altura.

Era uma sexta-feira, curtiríamos Machu Picchu no sábado e gostaríamos de retornar no domingo para passar pelo mercado de Písaq antes de retornar à Cuzco. O mercado acontece aos domingos, terças e quintas. Dizem que é imperdível. Portanto, como queríamos ver para crer, pagamos a passagem de volta mais cara, no domingo de manhã. Saímos da estação com a Glória praguejando contra a desorganização total que havíamos encontrado. “Como é que a América Latina quer se organizar se não conseguem acertar algo simples como uma estação?”, dizia a européia. “Quem é que disse que a América Latina quer se organizar?”, retrucava Pedro. “Glória, você está em crise de identidade”, alfinetava Breno. E para concluir, Glória fulminava: “É uma vergonha! Uma vergonha!”. Esfriados os ânimos, esquentamos os corpos com mate de coca e pães num agradável *desayuno* ao ar livre. Enquanto comíamos fomos surpreendidos por uma linda e colorida procissão cristã. Como aconteceu no Brasil, principalmente no Norte e Nordeste, com rituais e ícones pagãos sendo incorporado nas festas católicas, ocorreu o mesmo no Peru, e também certamente deve ter ocorrido pela América Latina afora. A procissão era composta por alas e cada uma delas estava devidamente fantasiada. Máscaras de pumas, serpentes e condores, diversas máscaras antropomórficas, roupas coloridas, espadas, arcos e flechas. Havia até um sujeito que carregava dois grandes galhos de coca, dançando e protegendo a Virgem da procissão. Tamborins, flautas e instrumentos de corda dos quais não me recordo os nomes. Só dei que não eram violão, viola e nem cavaquinho. Muito se assemelham ao nosso cavaquinho, porém com seis cordas duplas, como a nossa viola caipira. Muitas crianças entoando as músicas e muitos estandartes e flâmulas. Um espetáculo visual que pegou-nos de supetão e nos rendeu muitos comentários e sorrisos. No confortável restaurante onde tomávamos café, descobri o que veio a ser, sem o menor resquício de dúvida, o melhor banheiro encontrado em toda a viagem. Era limpo, cheiroso, tinha assento e papel bom, água corrente e sabonete, azulejos nas paredes, janela para ventilação e toalha. Um banheiro digno e completo. Depois do banheiro, digo, depois do restaurante, fomos explorar as gigantescas ruínas de Ollantaytambo.

As impressionantes ruínas de Ollantaytambo eram majoritariamente usadas para a agricultura e estocagem de alimentos. Mas é claro que elas também eram dotadas de uma parte religiosa e outra residencial. Os incas aproveitaram a montanha e construíram enormes degraus na sua encosta. Eram bem largos e muito compridos. Plantavam seus produtos nestes degraus. Duas longas escadarias de pedra cortavam verticalmente as plataformas de plantio e seguiam para o topo da montanha. Lá em cima ficava o templo e outras construções também usadas para rituais. Subimos. A vista era deslumbrante, víamos o rio

Urubamba correndo por entre as montanhas. Víamos também toda a cidade de Ollantaytambo. Naquela região a mata é vigorosa e bem cerrada, muito diferente do deserto avermelhado que domina os Andes. Conversando com os locais, descobri que a mata existente é a “sobrancelha” da floresta tropical. Não chega a ser uma mata atlântica, até porque estávamos mais perto do Pacífico. Chamemos de sobrancelhas, me apeguei a este termo. Seria algo intermediário entre a rala vegetação andina e a exuberante floresta tropical. Andamos por mais de três horas nas ruínas de Ollantaytambo. As construções e a geografia nos faziam sentir como o próprio Indiana Jones, ou um personagem de um vídeo game em um jogo de plataforma. Há muitos pontos para subir, escalar e pular. Um local perfeito para brincar de pique-esconde, o sonho arquitetônico concretizado (petrificado, melhor dizer) de qualquer criança de 10 anos. Voltamos à nossa infância irresponsável e despreocupadamente. Escalamos por caminhos íngremes e tortuosos para alcançar o cume da montanha. Foi uma aventura arriscada e lenta. Glória ficou. Eu, Pedro, Anselmo e Breno fomos. A morte era uma possibilidade real, estava a um escorregão de distância. No topo ainda tinha um muro inca e um caminho rente às paredes de rocha, interdito. O perigo do caminho interdito era visível, só mesmo com equipamentos de alpinismo daria para andar por aquele estreito caminho. Sentamos e ficamos apreciando a vista. Tomávamos fôlego e coragem para descer. Ainda deu tempo de conversar com um sujeito que se expressava por meio de um inglês latino, péssimo em vocabulário e rico em gírias. Claramente tratava-se de um mexicano, ou porto-riquenho, seus fortes traços indígenas denunciavam suas origens. Disse que era “espanhol da Califórnia”. Foi o maior eufemismo patriótico que eu já ouvi. “Espanhol da Califórnia” é preconceituoso, eufêmico, mas é ótimo! Será que ele tinha vergonha de se assumir latino? Ou será que assumir uma nacionalidade européia e uma residência norte-americana massageava seu alto ego e sua baixa auto-estima? Seus amigos que subiram logo em seguida, disseram-nos que eram mexicanos e confirmaram nossas suposições. O “espanhol da Califórnia” ficou envergonhado. Não nos dirigiu mais a palavra.

Descemos até o setor dos templos e de lá partimos para descer ainda mais, por outra escadaria, que dava numas amplas casas que deveriam ser usadas para armazenamento dos bens alimentícios. Descemos de novo e chegamos no chão por outra encosta da montanha, estávamos agora em um setor curiosíssimo, repleto de plataformas e canaletes. Pronto, saltando sobre as plataformas e divertindo-me, sentia-me definitivamente um dos irmãos Mário, ou o próprio Alex Kidd. Mesmo depois de séculos e séculos, havia água correndo por entre os encanamentos incas. Digo encanamento por força do hábito, pois os incas não usavam canos, eram galerias e canaletes de pedra. Aproveitamos para nos refrescarmos nas bicas de água gelada e leve. Tipo um mini-banho, molhando a cara, braços e pescoço. Depois de três horas subindo e descendo montanha com o sol sob nossas cabeças, foi ótimo. A meta agora era descolar um restaurante barato para almoçarmos. Conseguimos depois de uma pesquisa rápida. Pedi peixe, fui o único. No restaurante tinham vários CDs e um aparelho de som. Assumimos o comando da bagaça e mandamos Beatles, Nirvana e Pearl Jam. As conversas do almoço foram pautadas pelo som e descobri muitas afinidades

musicais com o Breno. Conversamos também sobre cinema e carnaval. Caímos fora e andamos sem rumo para matar o tempo e fazer a digestão. Desta vez o papo foi mais para o lado escatológico, precisamente desceu até os confins do intestino grosso. Ficamos conversando sobre os prazeres de uma cagada. “Cagar é cultural”, dizia Breno. “É sério! A posição que você senta, a relação entre você, seu corpo e a merda, tudo é cultura!”, bradava o estudante de antropologia. A conversa nos animou. Voltamos ao mesmo restaurante, aquele com banheiro bom, e pedimos umas cervejas para acompanhar a conversa. Enquanto conversávamos, nosso grupo se revezava nos dois banheiros da casa. Percebemos que os banheiros eram bem requisitados, vários turistas entravam lá só para ir cagar. O banheiro era a vedete do restaurante. A cerveja de um litro também era requisitada e ajudou a manter a conversa animada até 15 minutos antes da partida do trem. Conversamos sobre violência urbana, política, cinema e drogas. Um bate-papo com pessoas inteligentes é sempre interessante, há argumentação, defesas e ataques. O auge da conversa foi, mais uma vez, quando começamos a falar sobre culinária. Era engraçado, durante a viagem, conversando o tempo todo, sempre a conversa rodava, rodava, rodava e caía na seara da culinária. Conversávamos sobre comida o tempo todo. Breno adorava cozinhar e comer, eu também. Anselmo, Glória e Pedro também desnudavam suas receitas secretas e prediletas. Conversamos até sobre o saboroso capítulo do *O Povo Brasileiro*, do Darcy Ribeiro, que fala sobre a culinária mineira e sertaneja. É um deleite e serviu para abrir nosso apetite. Jantamos. Os pratos no Peru são quase todos precedidos por sopas. Tomei muita sopa na viagem, minha mãe ficaria contente ao ler isto, ela fala que eu detesto sopa. E o dia que tínhamos por sua duração, que poderia ser uma espera chata e entediante, ganhou asas e voou.

Saímos correndo em direção à estação de trem. Cinco minutos de caminhada e percebi que estava sem minha máquina fotográfica. Voltei correndo enquanto o pessoal seguia para a estação. Nunca mais vou ralhar com jogadores e técnicos que culpam a altitude por maus resultados. É impossível correr mais que 100 metros na altitude. Parava a todo instante para respirar e puxava o ar com força, mas o ar simplesmente não vinha. Um tormento. Entrei no restaurante com os bofes de fora, fui logo perguntando pela minha máquina. Nada. Fui até a mesa que estávamos e nada. O restaurante estava vazio, todos os turistas já tinham partido para a estação. O pessoal do restaurante se desculpou muito e disseram que freqüentemente encontram coisas esquecidas pelos turistas e sempre as devolviam para seus donos. Convenceram-me, afinal eles precisam tratar bem os turistas para sobreviverem e agüentarem a forte concorrência com as dezenas de outros restaurantes. Percebi que fui roubado por turistas mesmo. Um grande vacilo de cinco minutos foi suficiente para perder a minha máquina. Fiquei putíssimo. Mais pelas fotos do que pela máquina. Perdi as melhores fotos da viagem, em Cuzco, Saqsaywaman e da procissão. Iria para Machu Picchu sem máquina. Não poderia registrar o ponto alto da viagem. Ainda tínhamos a máquina do Anselmo, porém ele a achava não muito confiável, já era muito rodada. Voltei correndo do restaurante e senti que não daria tempo de pegar o trem, estava em cima da hora. Peguei carona com um triciclo que partia em frente de uma

pousada. Esqueci-me de mencionar sobre os triciclos. É o seguinte, no Peru, os caras transformam, por meio de uma gambiarra master, uma moto em um triciclo. É uma versão peruana do riquixá oriental. Fazem isto com bicicletas também. Rachei a fatura do carreto com uma gringa. Encontrei com o Anselmo à minha espera, com a minha mochila e já aflito do lado de fora do vagão. Entramos e o trem já estava apitando, nervoso. A esta altura eu já tinha mudado meu semblante e estava muito triste por ter perdido a porra da máquina. Decidi trocar umas idéias para me distrair e tentar calar o grilo que ficava martelando minha consciência. Na minha frente tinha um casal de alemães, Klaus e Marget. Troquei umas frases com eles, mas meu alemão está péssimo. Acabamos conversando em inglês mesmo. O casal era boa gente. Notei que o pessoal atrás de mim conversava com outros brasileiros, estavam eufóricos. Conhecemos uma família catarinense, de Brusque. Nilton, sua esposa Silvana e seus filhos Leandro e Mônica. Todos eram gente finíssima e parecia que nós já nos conhecíamos há tempos.

Chegamos em Aguas Calientes depois de 1h15 de viagem. Estava frio e caía uma garoa de serra. Mais uma vez nós fomos aliciados por diversos agentes de diversas pousadas e hotéis. Conversamos com vários e fechamos um bom preço. O hotel era razoável. Pegamos um quarto com cinco camas e um banheiro, íamos ficar todos juntos. O banheiro era péssimo, fedia esgoto. As camas também eram péssimas e o meu colchão era o pior de todos, parecia que tinha sido escavado, tamanho a depressão no seu centro. Antes de tomar um banho, me dirigi ao banheiro coletivo, fora do quarto, e vi o estrago que o peixe (provavelmente) tinha causado em meu organismo. Uma diarreia cortante e dores de barriga que me fizeram curvar sobre minhas pernas. Se ontem foi o expurgo moral, hoje era o expurgo intestinal. Caguei até suar e cansar. Devo ter saído pálido do banheiro. Nada como um bom banho quente para recompor-se. Anselmo e Breno ainda iriam tomar umas brejas com o Nilton e o Leandro, tinham combinado um horário na praça central, a duas quadras distante do hotelzinho. Não queria deixar o abatimento causado pela perda da máquina estragar a minha viagem. Decidi acompanhá-los na cerveja. Estava deitado pensando nas fotos perdidas, refazendo-as e lembrando em minha mente. Senti uma baita saudade da Marina e antes mesmo de levantar da cama, já tinha desistido das cervejas. Estava triste, fraco e cansado. E ainda tinha que encarar uma noite na pior cama da viagem.

12º Dia – Machu Picchu

Aguas Calientes/Machu Picchu, 08/01/05.

Enfim, chegamos ao dia que certamente é o clímax da viagem toda. Durante o trajeto eu já estava ansioso para chegar em Machu Picchu. Agora, transcrevendo minhas anotações, também estava apreensivo para chegar aqui. Depois deste dia, quem quiser, pode até abandonar a leitura e dar por encerrado o relato. O resto é a ida para Lima e a viagem de volta. Adianto que muitas coisas aconteceram em Lima e, principalmente, em La Paz. No final ainda pretendo fazer uma conclusão, sei lá, dar um nó em todas as pontas soltas destes fios do destino. Corro o risco de criar uma cama-de-gato e cair na minha própria armadilha. Veremos. Escrevi muitas páginas do meu caderno, mas a transcrição é na verdade uma “transcrição”, como diriam os irmãos Campos. Estou modificando muito minhas garatujas e o resultado disto, apesar dos originais já estarem escritos, eu sinceramente não sei como vai sair. Veremos. Aviso de antemão que este dia vai ser longo e cansativo. Preparem-se.

Pulamos da cama. Todos estavam com Machu Picchu na cabeça e não foi nada difícil acordar às 7h30. Vesti minha melhor roupa para o dia especial, tinha previamente separado minha camiseta do Corinthians para passar o dia em Machu Picchu. Fizemos umas compras e tomamos café no mercado municipal de Aguas Calientes. Compramos água, pães e bananas, e seria nossa refeição durante o dia todo. Na praça encontramos o Leandro e a Mônica nos esperando, eles iriam a pé conosco. Seus pais iriam de ônibus. Leandro fazia cursinho em Curitiba e planejava prestar vestibular para Desenho Industrial, Mônica estudava Administração. Envolto numa neblina e caminhando sob a garoa, partimos. O caminho é agradabilíssimo. Seguimos andando 1,8 Km às margens do agitado e turbulento rio Urubamba. É um rio ideal para esportes radicais como rafting, bóia-cross e outras modalidades. O empecilho maior é a altitude que faz quase explodir pulmões não acostumados e a temperatura das águas, extremamente gelada. Depois de cruzar uma ponte sobre o Urubamba, começam as escadas incas. É uma subida de uns 40 minutos. Os degraus são altos e distantes uns dos outros, exigindo mais esforço para subir. O caminho entre a mata é viçoso e bem fechado, contribuindo para aumentar a umidade do ar. Logo após os primeiros metros, nós já estávamos encharcados de suor. Paramos algumas vezes para descansar e retomar o fôlego. Cruzamos na subida com uma dupla de americanas e uma turma de brasileiros. Percebemos que tempo foi se abrindo e o sol já estava forte, fazendo-nos suar ainda mais. Eu, Anselmo e Breno abrimos certa dianteira e chegamos na entrada do parque nacional onde está a antiga e misteriosa cidade inca. Tive um choque ao chegar à entrada do parque.

Lá em cima, há boutiques sofisticadas, lanchonetes, restaurantes refinados e até um luxuoso hotel cinco estrelas. Um padrão altíssimo e tudo, evidentemente, com preços astronômicos, para lá de abusivos. Para vocês terem uma idéia, em Aguas Calientes, pagamos 2,50 soles (S\$) numa garrafa de 1,5 litro. Na lanchonete do parque, a mesma garrafa custava S\$8,00. E uma cerveja de 300 ml

custava S\$3,50 normalmente, mas lá estava pela bagatela de S\$12,00. Não compramos nada. Ficamos sentados nuns bancos à sombra, papeando e esperando o resto da turma chegar. Estava cheio de turistas de todas as partes do mundo, inclusive muitos brasileiros. Nos 15 minutos de espera aproveitamos para comer uns pães. Com a gangue completa, fomos comprar as entradas do parque. Bom, não poderia ser diferente, os preços eram em dólares, US\$20,00 inteira e US\$10,00 para estudantes. Eu, Anselmo e Pedro estávamos com carteirinhas de estudante. Breno se virou com uma carteirinha cabrita e vencida, de um clube lá em Vitória. Já a Glória estava sem nada que comprovasse que ela era estudante, pagou o preço total. O tempo estava ótimo, ensolarado, céu azul e nuvens brancas muito perto da gente. A primeira vista de Machu Picchu é arrebatadora, foi uma sensação surpreendente. Por mais fotos e postais que eu já tinha visto, nada se compara à realidade. A entrada é mais alta que a cidade, proporcionando uma visão completa de todas as edificações lá embaixo. A cidade é construída num platô que fica a 2.500 metros de altitude, atrás do platô há montanhas com formações rochosas pontiagudas. No cenário de fundo, uma das formações rochosas, a mais alta, lembra bem vagamente o Pão de Açúcar, a diferença é a que o morro carioca é praticamente liso, e Wayna Picchu (o nome da montanha) é bem talhada e repleta de sulcos.

Wayna Picchu é o nariz do índio. Sim, as montanhas do fundo formam a face de um índio na horizontal, como se estivesse deitada, olhando para os céus. É impressionante e os limites entre uma grande coincidência e alterações deliberadas ficam muito tênues. Abrindo brecha para uma gama de teorias esotéricas e pseudo-históricas. Para um povo tão desenvolvido como os incas, que construíam templos e cidades magníficas, não seria impensável pensar que eles possam ter alterado as rochas para se parecerem com o uma face. Não sei. Andamos quietos e cada pessoa do grupo, instintivamente, seguiu um rumo diferente, procurávamos algum ponto de equilíbrio. Sentei-me numa pedra e fiquei admirando a maravilha diante dos meus olhos. O sol batendo nas encostas das montanhas, a cidade toda iluminada, as diferentes colorações de verde das matas que pareciam brilhar. Silêncio apaziguador. Olhei para cima e quase conseguia tocar nas nuvens, de tão próximas que elas estavam, movendo-se lentamente e carregando suas sombras pelas paredes verdes das montanhas, formando desenhos e formas inusitadas. Além de toda a precisão e ousadia arquitetônica, a área de Machu Picchu (ou a Montanha Velha, em português) também é muito bonita geograficamente. É um exagero visual, quase um desperdício. Há beleza em qualquer direção que você possa olhar. A abóbada celestial para cima, a cidade a mata e as montanhas para os lados, de novo a mata, os vales e o caudaloso rio Urubamba para baixo. A mata é ainda mais vistosa do que em Ollantaytambo, muito úmida e com árvores de um ótimo porte, muito diversificada, mas não tanto como a nossa ainda resistente Mata Atlântica. Toda a beleza, séculos e mais séculos de uma cultura ainda oculta e pouco estudada. Sabe-se muito pouco sobre a real função da cidade. Em uma escavação encontraram cerca de 6.000 ossadas femininas e apenas umas 300 ossadas masculinas. Há quem diga que Machu Picchu era a cidade sagrada dos incas, porém esta tese é rebatida por estudiosos que dizem que para os incas, todas suas cidades eram

sagradas. Tem outra corrente que defende Machu Picchu como uma enorme “fazenda de descanso” dos imperadores incas, um spa, por assim dizer.

Esforçava-me para não pensar em nada, tentava em vão esvaziar minha mente. Não adiantou, pois os julgamentos e as reflexões interiores já tinham tido espaço durante a caminhada feita em Cuzco. Cada um encara Machu Picchu do jeito que lhe achar conveniente. Muitas pessoas dão importância para o lado místico, para as eventuais energias que por lá circulam. Eu não. Prestava atenção nos detalhes e me concentrava em imaginar o modo de vida daquela cidade. Pela beleza natural e pelo clima mais agradável do que no restante da região andina, eu penso que Machu Picchu devia ser uma cidade muito ativa e festiva. Há vastos espaços gramados que eram usados para festas e rituais. São verdadeiras praças que também poderiam ter sido usadas para grandes reuniões. A multidão ruidosa de turistas atrapalhava minhas divagações. Turistas riem muito e falam alto. Sem combinarmos, nossa turma se reencontrou em um dos caminhos da cidade, tiramos umas fotos e decidimos pegar uma trilha que levaria a uma ponte inca. Partimos eu, Anselmo e Breno. Foi fácil, 15 minutinhos de caminhada e chegamos. Não dava para atravessar pela ponte, o caminho era muito acidentado e estava interdito. Era uma trilha feita com pedras sobrepostas umas sobre as outras, que acompanhava uma encosta rochosa gigantesca. O paredão de pedra era muito legal, e o destino do caminho da ponte era um mistério, pois a mata tomou conta do restante da trilha. A vista também era privilegiada e lá embaixo víamos um rio cortando um vale. Era o rio Urubamba, que dava uma imensa volta por trás da face do índio e abraçava todo o entorno da montanha onde fica Machu Picchu.

Voltamos e nós três fomos dar umas bandas pela parte urbana e religiosa da cidade. Também em Machu Picchu encontramos a clássica divisão inca, o setor urbano, o setor religioso e o setor agrícola. A parte agrária seguindo a arquitetura vista em outras ruínas, é composta por encostas e plataformas preparadas para o plantio. Podem ser enormes faixas de terra, formando uma arquibancada gigante; ou faixas estreitas, ainda assim bem compridas. O setor urbano é a área residencial propriamente dita. As muitas casas foram projetadas e construídas para sobreviverem abalos sísmicos, e ainda muitas estão em pé. São casas de um cômodo apenas. Não sei dizer se os moradores faziam divisões de palha ou madeira, os mesmos materiais dos telhados. É claro que os telhados originais apodreceram depois de séculos de intemperismo, mas há réplicas para ilustrar como eram feitos. Aparentemente os incas faziam quase todas as atividades ao ar livre, os tetos serviam para se protegerem do frio, do sono e da chuva. A seção religiosa é a mais bem elaborada, com o milimétrico estilo arquitetônico do período inca imperial, o apogeu da existência do povo andino. As pedras, assim como as encontradas em alguns locais de Cuzco, são cortadas com exatidão e encaixadas com uma precisão que dispensa cimento, concreto ou qualquer outro tipo de argamassa. Os templos são em forma trapezoidal, visando maior resistência aos terremotos. Inclusive as portas, janelas e reentrâncias são feitos na forma de trapézio. As paredes trazem reentrâncias que eram usadas, provavelmente, para colocar suas estátuas e outros utensílios usados nos rituais. Tudo o que tinha de

ouro e prata foi sorrateiramente surrupiado há séculos atrás. O interior e o exterior dos templos, com pedras e altares, foram construídos em sintonia com os pontos cardeais, astros e estações do ano. Preciosismo e apuro técnico que despertam a curiosidade dos turistas e contentam os prestativos guias, que se inflam e esmiúçam os pormenores. Solstícios, equinócios e outros fenômenos astronômicos eram muito conhecidos e respeitados pelos incas. E eu olhava tudo aquilo com admiração e respeito. Olhava com olhos de peixe morto, apaixonado. Queria que a Marina estivesse comigo.

A cidade é cheia de altos e baixos, escadas, plataformas, bem labiríntica mesmo, e há certas passagens bloqueadas por motivos de conservação, aumentando ainda mais a sensação de labirinto. Se perder por lá é uma delícia. Andamos bastante e resolvemos encarar a subida até o topo de Wayna Picchu. Não sei dizer quantos metros acima da Machu Picchu, mas afirmo que a caminhada foi longa. Antes de subir, aproveitamos para sentar por perto da famosa “pedra energética”. É uma pedra enorme que está colocada como se fosse um painel, todos os turistas passam a mão nela, dizem que ela tira as energias negativas e substitui por positivas. Não fugimos à regra e também encostamos. Não custa nada tentar. De onde estávamos sentados podíamos ver o portão de entrada para Wayna Picchu. O povo ia saindo e os comentários eram todos muito próximos. Algo como “quase morri”, “quero água” e “preciso descansar”. No portão há uma cabana que, por medidas de segurança, registram o nome das pessoas que sobem e o horário. O parque fecha às 18h00, e o caminho para Wayna Picchu fecha mais cedo, às 16h00, pois se alguém subir depois deste horário, quando retornar já vai ter passado das 18h00. Ou seja, o tempo mínimo de caminhada é duas horas para ir até o topo e voltar. No topo há o templo do sol, umas casas e também um pequeno setor agrícola. O povo que morava lá não devia subir e descer todo dia para a cidade, isto seria algo muito exaustivo. Demos entrada na cabana às 12h15 e encontramos uma família de Ribeirão Preto que acabava de descer. “Vocês são novos, vocês agüentam. Se eu agüentei, vocês também podem”, dizia a mulher do casal, que julgando pela idade do seu filho, ela deveria ter mais de 50 anos. Seguimos.

A primeira parte da caminhada foi moleza, somente descida por entre as matas seguindo uma trilha composta por escadarias de pedras. Depois do mamão com açúcar inicial, vem uma subida ininterrupta de uns 45 minutos. Falando assim, pode soar como algo fácil. Mas é difícilimo, e a altitude não nos permite respirar normalmente. Meus pulmões ardiam, meu coração pulsava como uma britadeira querendo abrir caminho e sair do meu corpo. Raramente as escadas tinham corrimões ou cordas improvisadas. Era uma subida perigosíssima e ainda bem que o dia estava ensolarado, não devia ser fácil subir com chuva ou garoa, pois as pedras ficariam um sabão. É até uma temeridade deixar os turistas subirem até o topo, pois o perigo é real e podem acontecer muitos acidentes. Desde os banais, como uma torção no tornozelo, até os fatais. Em algumas partes tinham escadas de madeira e a inclinação da subida era quase 90º. A umidade da selva também atrapalha muito na respiração, aumentava a sensação de calor e suávamos como bicas. No caminho nós nos juntamos com outro grupo de

brasileiros. Duas meninas de Curitiba e um cara de Piedade, no interior paulista. Recordo-me apenas que uma das meninas chamava-se Carol, o nome da minha irmã. A última parte da subida foi bem extenuante, era muito íngreme e com os degraus bem distante uns dos outros. No último platô antes do cume de Wayna Picchu, existiam duas possibilidades, o caminho mais abrupto, subindo uma escadinha estreita e traiçoeira; ou o caminho que dava uma volta e subia por trás, mais leve e persuasivo. Escolhemos o caminho mais difícil, é claro. “*No pain, no gain*”, dizem os gringos. Numa tradução mais que livre, poderíamos dizer: “ajoelhou, tem que rezar”. Chegamos.

O céu estava aberto e reluzia um azul intocável. A vista era realmente indescritível. Víamos toda a cidade de Machu Picchu de um lado e a natureza nos arredores. Procuramos uma sombra e sentamos para nos recompor. Tiramos nossas meias, calçados e camisetas. O calor ardia e refletia nas pedras do topo da montanha rochosa. Minha camiseta estava molhada de suor e aproveitei para esticá-la sob o sol. O Anselmo chegou até a dormir por uns bons 15 minutos. Depois de um tempo sentados sendo devorado por pernilongos, subimos pelas pedras até a última ponta da montanha. Não havia mais escada, e era tudo na base da raça e coragem mesmo. Brincava com meus amigos: “se minha mãe souber que eu estou aqui, vou tomar uma bronca”. E de fato, o coração da minha mãe deve ter palpitado de forma diferente. O instinto materno muitas vezes é capaz de sentir quando o filho está em perigo. As pedras estavam quentes e os passos tinham que ser lentos e, como diria o Chapolín, friamente calculados. Sim, estávamos no topo de toda a região de Machu Picchu, não havia como ir mais alto. Somente de avião, helicóptero ou, como acreditam alguns, de disco-voador. E toda a vez que eu ver alguma foto ou imagem de Machu Picchu, vou poder me encher de orgulho e dizer: “Eu subi lá no topo”. Lá na ponta do nariz do índio. Praticamente a catota da napa do índio. Sim, eu consegui. Fui lá. E agora eu queria descer.

Juntamente com os outros brasileiros, decidimos seguir uma placa que indicava um caminho ao templo da lua. Foi uma longa descida, passando por escadas de madeira, trilhas escorregadias e caminhos quase completamente tomados pela mata. Andamos mais de uma hora até chegar ao tal templo da lua, que deveria ser muito interessante se não estivesse completamente pelado, sem estátuas e ornamentos. Hoje não passa de um buraco escavado entre as rochas, com alguns altares e outras pedras espalhadas. O lugar era escuro e emanava um forte cheiro de urina, certamente deixado por turistas vândalos. Sentamos, tiramos umas fotos, conversamos um pouco partimos. Seguimos a trilha indicada, e não aquela que usado para chegar. Agora sim. Foi nesta volta justamente o trecho mais complicado. Subíamos trilhas e escadas que pareciam não ter fim. Nunca tinha me cansado daquela maneira e, por mais de uma vez, achei que não fossemos conseguir chegar ao fim. Estávamos todos mortos e uma das meninas chegou até a chorar. Parávamos a cada 10 minutos de caminhada e eu sentava-me de cócoras, tentando recuperar meu fôlego. Nossa água tinha acabado e já começávamos a fazer piadas da nossa condição. “Hoje nós vamos ter que ser resgatados”, dizia um. “Vamos sair nos jornais”, respondia outro. Meu coração

parecia prestes a explodir. Inclusive meu pulso latejava com força e minha pressão arterial devia atingir níveis astronômicos. Os músculos superiores das minhas pernas doíam como se estivessem rasgando a cada passo e mais abaixo, as panturrilhas estavam tesas e ardentes, numa espécie de câibra constante. Os passos hesitavam e os pés rastejavam roçando o solo. Os braços também já não respondiam prontamente os comandos e tive que me concentrar para não acabar escorregando e caindo de bobeira e cansaço. Sentia-me entorpecido pela ausência de oxigênio e extrema fadiga corporal. Pensávamos que depois da longa e estafante subida, já estaríamos próximos do fim. Grande erro foi o tal do templo da lua. A verdade é que tivemos que subir até muito próximo do topo para depois voltar pela trilha principal. Quando percebemos isto, bateu um desânimo. Eu estava com a sede do Ceará, cansado, dolorido, e ainda tinha um longo caminho pela frente. Não tinham mais muitos turistas, estava ficando tarde e o pessoal já tinha descido. Sem muita disposição, seguimos claudicantes e lentamente. Nem conversávamos para não gastar energia desnecessária, mas o olhar de todo mundo demonstrava um cansaço absoluto. Depois de muitas paradas para descanso, enfim, chegamos.

Eram precisamente 3h45. Tínhamos entrado às 12h15 e ficamos mais de três horas subindo e descendo o morro. O alívio da chegada foi visível em todo o grupo. Aproveitamos para descansar deitados sobre uns bancos. Junto com o alívio, vieram as risadas, os comentários e as confissões. Senti-me melhor em saber que não fui o único a sentir vontade de chorar de cansaço. Bom, fica a dica para quem deseja ir para Machu Picchu e subir em Wayna Picchu. Não vá ver o templo da lua, não compensa. É um desgaste absurdo para ver uma ruína depredada, escura e fedida. Ainda demos umas bandas pela parte urbana e reencontramos a Glória, o Leandro e a Mônica. Já se passavam das cinco da tarde, o parque estava praticamente vazio. Fomos embora. E o dia mais esperado da viagem também tinha criado asas e alçava vôo. Na saída, pagamos para ir ao banheiro e bebemos água da torneira mesmo. O preço da água da lanchonete era um acinte. Com as pernas doendo e o corpo todo muito fraco, eu, Anselmo e Breno optamos ir embora de ônibus e pagamos US\$6,00 para um viagenzinha de 20 minutos até Aguas Calientes. Pois é, em Machu Picchu paga-se para entrar e também para sair. O Pedro, a Glória e os dois irmãos catarinenses descerem a pé mesmo. Apaguei e só acordei quando chegamos em Aguas Calientes.

Passamos rapidamente no hotel e saímos para almoçar/jantar. Estávamos famintos e não era por menos, o dia fora totalmente além para nossas condições físicas. Exigimos muito do nosso corpo e para compensá-lo, decidimos comer bem e ir até o balneário de *aguas calientes* da cidade. Pois é, o povoado não tinha este nome impunemente. Além de ser próximo de Machu Picchu, a cidade também contava com uma estância de águas termais. Escolhemos um restaurante bem transado, que contava até com uma lareira. De dia tinha feito muito calor, mas de noite, as ruas estavam gélidas. Comemos bem, com direito a sopa de entrada, salada e prato principal. Bebi uns três refrigerantes e mais um suco. Ainda estava desidratado e com uma sede fora do normal. Antes de irmos relaxar nas águas quentes, passamos novamente no hotel e pegamos nossas toalhas e outras

tralhas. Aproveitamos também para trocar meu colchão. No hotel tinha um quarto vazio com a porta aberta e não hesitamos, fomos lá e pegamos um colchão bom. O pico das águas quentes não ficava longe, uns 10 minutinhos de caminhada. O local era até mais arrumado que nossas expectativas e já estava lotado de turistas. Tinham quatro piscinas. Uma vazia, de água fria. Duas de águas quentes. E uma quarta de água muito quente. Tinham também cascatas artificiais e duchas espalhadas. Nadar de noite, sob as estrelas é sempre uma experiência agradável. Ficou ainda mais interessante com o clima frio e a água quente da piscina. Definitivamente estávamos precisando de um relaxamento muscular. As águas quentes foram uma grande idéia, todo mundo que se acabava de tanto andar em Machu Picchu, depois ia para dentro das piscinas termais. Depois do cansaço intenso e brutal, aquelas águas eram um batismo, sentindo novamente minhas pernas, me senti nascendo de novo. Reencontramos as cocotas paulistanas que havíamos conhecido no ano novo. Mais uma vez, elas nos trataram com soberba e nos olhavam por sobre os ombros. Não demos muita bola. O Pedro chegou e fomos conversar com os brasileiros que tinham feito a fatídica caminhada ao templo da lua conosco. A piscina mais quente não me agradou, sentia-me num caldeirão de sopa. Era demasiado quente e no chão depositaram uma areia fina, deixando a água escura. A água era muito oleosa e parecia azeitada, aquilo tudo lembrava um sopão de gente mesmo. Um verdadeiro banquete antropofágico. Como todos nós estávamos cansados, partimos cedo. Sem antes passar num bar e tomar algumas cervejas, é claro. Tomamos com calma e relembrando os melhores momentos do dia que estava chegando ao fim. Sentamos em um bar na praça central e ficamos observando o movimento que começava a se formar. Um trem estava para chegar e o pessoal dos hotéis e pousadas iniciavam suas manobras para pegarem os turistas. Apesar de ser tarde, havia ainda havia presença de crianças brincando, rindo e falando alto, bem do jeito deles. A lua sorria, as estrelas brilhavam e a cerveja fluía fácil. Fomos dormir satisfeitos e enfatiados. Tínhamos que acordar cedo. Apaguei.

13º Dia – Nada como um dia após o outro

Aguas Calientes/Ollantaytambo/Urubamba/Pisaq/Cuzco, 09/01/05.

Nosso trem partiria às 08h35, portanto acordamos umas 06h30, pois ainda tínhamos que arrumar nossas mochilas. Levantamos. Banho. Arrumação. Fechamos a conta do hotel e rua. Não estava com nenhuma dor nas pernas e o resto do povo também não. Temi pelos efeitos do acúmulo de ácido láctico em meus músculos. No dia anterior, me cansei tanto que pensei que não ia conseguir ficar em pé. Se bem que já estávamos acostumados a andar bastante, desde o começo da viagem não tínhamos feito outra coisa. Saímos para tomar um café da manhã e partimos para pegar o trem. A estação de Aguas Calientes, apesar do pouquíssimo tempo que ficamos nela, era mil vezes melhor que a “estação” de Ollantaytambo. Ao menos tinha mesas, cadeiras, bancos para sentar, lanchonete e banheiros. Entramos no trem e ficamos surpresos ao ver que ele só tinha um vagão, não muito confortável e em nada justificava seu custo de US\$35,00. Sentei-me ao lado do Breno e fomos ouvindo o espetacular álbum de estréia do Mundo Livre S/A, o *Samba Esquema Noise*. Foi bom escutar música brasileira de qualidade depois de tanto tempo. A viagem foi bem agradável, passando por bonitas paisagens e mais algumas ruínas. Também atravessamos alguns vilarejos paupérrimos. Em pouco mais de uma hora e já estávamos em “Ollanta”, como dizem os peruanos. Era evidente que uma cidade com um complicado nome de Ollantaytambo precisava ter um apelido diminutivo. Na saída do trem, nós nos despedimos da família catarinense e rumamos para pegar a van para Urubamba. Foi uma viagem apertadíssima, nem um pouco acolhedora, e eu fui piscando duro durante todo o percurso. Agora sim o cansaço começava a me castigar de maneira implacável. Em Urubamba, mais uma vez, ficamos apenas o tempo suficiente para pegar um ônibus até Pisaq. Eu e o Breno fomos escutando música brasileira novamente, agora era Chico Buarque. Escutei as duas primeiras músicas, acabei dormindo novamente. Um sono monstruoso se apoderava do meu corpo. Acho que era capaz até de dormir em pé. Chegamos em Pisaq junto com o sol, que agora ocupava o lugar de nuvens cinzentas e instáveis. Rapidamente descolamos um local para deixar as mochilas. Chegamos ao tal mercado.

Era um mercado montado para turistas, para inglês ver mesmo. A maioria das barracas era de artigos para turistas, objetos de decoração, jóias e bijuterias, roupas típicas de lã de alpaca, souvenirs e mais uma porção de quinquilharias. Depois de meia hora andando, todas as barracas ficavam parecidíssimas e, de fato, assim eram. É um mercado dilatado, que ocupa uma praça e as ruas adjacentes, mas é muito repetitivo. Apenas a minoria das barracas era de gêneros alimentícios, como bolos, pães, frutas, batatas, carnes, peixes. Também havia barracas restaurantes, que serviam pratos com muito arroz, batata e frituras. As carnes expostas no chão, rodeadas de moscas. Os peixes, também no chão, exalando aquele odor característico não nos animou para comer. Passeamos longa e calmamente. Comprei um jogo de xadrez decorativo, com peças que representavam os incas contra os espanhóis. Comprei também um gorro para a Sofia, minha recém chegada afilhada. Víamos as barracas com calma, mas não

nos empolgamos muito com o mercado. Se soubéssemos como seria, não teríamos pagado a passagem mais cara apenas para poder passar por lá. Poderíamos ter ficado mais um dia em Aguas Calientes para descansar e depois pegar o trem mais barato. Enfim, não podemos acertar todas.

Almoçamos decentemente, também um prato com salada e sopa de entrada. A forte pimenta peruana quase estragou nosso paladar. Com o tempo nos habituamos e o resultado final foi satisfatório. As cervejas desciam com facilidade e ficamos mais tempo que o necessário no restaurante, bebendo e conversando. Todo mundo estava muito cansado e resolvemos voltar para Cuzco antes do anoitecer. Pegamos novamente nossas mochilas e entramos num ônibus para Cuzco. A trilha sonora foi uma tortura. Tocava uma fita de uma banda boliviana chamada Los Puntos (ou seria Los Putos?), conforme os outros passageiros nos contaram. Era uma gritaria infernal que acompanhava um ritmo maçante, marcado por malditos teclados eletrônicos. A banda devia ter uns cinco vocalistas, era uma zorra insana. Pior, era uma gravação ao vivo e o furdúncio do palco misturava-se à algazarra do público. Não éramos os únicos no ônibus incomodados com a música e com o volume altíssimo. Outros passageiros também estavam visivelmente incomodados. Aquilo ia entrando na minha cabeça como um mantra do mal e não me deixava pensar, dormir, nada. Era uma música entorpecente, no pior sentido tóxico da palavra. Contamina os ouvidos, o humor e a alma. Temos que agradecer todos os dias pela presença dos negros na nossa cultura. Sem a influência africana, certamente nossa música seria mais pobre e, em alguns momentos, tão ruim quanto o pior do pop peruano e boliviano. Temos o samba, o chorinho, a bossa nova, o maracatu e muitos outros ritmos; e temos também a antropofagia tupiniquim que devora influências externas e vomita algumas pérolas.

Paramos em Cuzco e agora havia chegado o momento que todos nós, em diferentes proporções, mas ainda assim invariavelmente, odiamos: a despedida. Foi triste e alegre. Triste por nos separar de nossos amigos Breno, Pedro e Glória. E alegre por termos conhecido estas pessoas fantásticas. Iríamos direto para a rodoviária na tentativa de embarcar para Lima. Nossos amigos retornariam ao mesmo hotel que nos hospedamos na primeira estadia em Cuzco, com um preço bem camarada. Na rodoviária não foi difícil descolar passagens para Lima. Escolhemos uma empresa que se apresentava em um guichê maneiro, assim a possibilidade do ônibus ser melhor seria aumentada. Na hora de pagar a atendente recolhe minha nota de S\$50,00, analisa, olha-a na contra-luz e diz que é falsa. “Como?”, eu disse espantado. “Falsa, sem validade”, respondeu a atendente. Peguei a nota de volta e comprovei que era uma falsificação muito grosseira, com textura e cores diferentes. “Putá que o pariu, caralho!” Fiquei irado. Só tínhamos trocado dinheiro em uma casa de câmbio de Cuzco, e notas grandes como uma de S\$50,00, eu não tinha conseguido de troco, foi trocada na casa de câmbio mesmo. Nosso ônibus sairia às 19h00 e ainda eram um pouco além das 17h00. Fui trocar a porra da nota. O Anselmo ficou com as malas na rodoviária e eu parti em direção à casa de câmbio falsária. Peguei um táxi e logo quando fui entrando no local, ainda da calçada, pude ver a mulher deixar seu posto rapidamente e sair em disparada para a parte de trás da loja. Era uma loja que

vendia filmes, câmeras, postais e outros produtos relacionados à fotografia. Num dos cantos tinha um balcão onde acontecia o câmbio. Igual a esta, tinham muitas outras lojas em Cuzco, na mesma rua inclusive, a poucos metros de distância. Expliquei a situação para a funcionária e ela me respondeu dizendo que o câmbio era totalmente independente da loja, que “nem conhecia a outra mulher”. Tudo bem, me engana que eu gosto. Esbocei pular o balcão e dirigir-me à parte de trás da loja para tentar achar a funcionária fujona do câmbio. Pensei melhor e desisti, seria uma demonstração de força inútil, a funcionária do câmbio já deveria ter fugido. Saí para chamar algum policial. O guarda encontrado poderia muito bem ter participado do exército de Brancalione. Era um tipo nanico, franzino e não demonstrou o menor interesse em me ajudar. Eu o ouvi falando em seu rádio, “mais um problema com notas falsas”. Pela naturalidade de sua voz, eu percebi que o acontecimento deveria ser algo pra lá de corriqueiro. Contei o caso e o levei até a loja. Ele fez exatamente as mesmas perguntas que eu já tinha feito e obtive também as mesmas respostas. Perguntei se não poderíamos entrar na parte de trás da loja. “Não, sem um mandato”. Perguntei se ele não poderia fechar a loja ou lacrar a barraca de câmbio. “Não, sem uma autorização”. Não perguntei mais nada, saí de lá com vontade de estapear a dissimulada funcionária e surrar o gambé de merda. A grana perdida nem era tanta, mas a raiva por ter sido enganado em um lugar que deveria ser confiável, a raiva pela funcionária mentirosa, e a raiva pela incompetência e complacência do policial, motivaram-me tomar outras atitudes. Segui até o Centro de Informações Turísticas para fazer uma reclamação e tentar, ao menos, fazer algum barulho e alguma propaganda negativa da loja desleal. O CIT estava fechado. A nota era uma falsificação tão rudimentar que eu não teria a menor chance em tentar passá-la para frente. A hipótese até passou pela minha cabeça, mas depois de olhar para a nota novamente, prontamente desisti. Antes de voltar para a rodoviária, ainda passei no hotel para tentar encontrar o pessoal. Falei com o tio responsável e ele me disse que os brasileiros estavam lá sim, mas tinham saído, achava que tinham ido comer. Na *LAN house* ao lado do hotel eu encontrei o Breno. Contei a história e deixei a nota falsa com ele. No dia seguinte ele iria lá na loja com outro policial e iria tentar trocar a nota. Iria também fazer a reclamação no CIT, como eu havia tentado. Nos despedimos mais uma vez e voltei para a rodoviária.

Reencontrei o Anselmo e desabafei com ele. Eu estava realmente muito puto comigo mesmo. Primeiro foi a máquina, agora era a grana. E tudo por vacilo meu. Erros exclusivamente meus. “Idiota”, vocês devem estar falando. Sim, podem xingar. Foi assim mesmo que eu me senti. Um idiota, um vacilão, um *loser*. E toda aquela bobagem de purificação espiritual e física escorria para dentro de um ralo da minha auto-estima. Provação? Renascimento? Para quê? De nada adianta. Nada. Entrei no ônibus emputecido. Fazia muito frio. Antes de dormir ainda assisti ao filme *Tróia*. Tinha lido e ouvido críticas devastadoras, mas não poderia imaginar que o filme fosse tão ruim. As críticas foram leves. É péssimo, horrível. Bateu o sono forte. E o frio, também forte, não deixou de bater até a manhã do dia seguinte.

14º Dia – Suco e bagaço da Lima

Estradas/Lima, 10/01/05.

O ônibus de Cuzco até Lima, apesar da distância não ser tão longa, demora mais de 20 horas. Ele segue descendo a cordilheira por uma estrada desértica, erma e sinuosa. O itinerário do busão era bem lusitano, pois ele voltava até Nazca, já no nível do mar, aí depois, seguia acompanhando o oceano Pacífico até a capital Lima. Mal conseguíamos dormir de tantas curvas que o ônibus fazia na descida dos Andes, sentia-me viajando em algum destes brinquedos desagradáveis de parques de diversões. O frio da madrugada venceu minhas roupas e tremi durante boa parte da estrada. Quase congelei na madrugada mais fria da viagem.

Por volta das 8h30 o bumba parou em um restaurante sujo e soturno, bem perto de Nazca. Pensei que no dia anterior tivesse chovido urina lá pelas bandas do restaurante, pois o odor estava fortíssimo, dentro e fora, em cima e em baixo, em todos os lugares. Um cheiro acre envolvente que contaminava o ambiente todo. Na tevê passava Chaves. Por diversas vezes vimos Chaves ou Chapolin nas telas, eram programas muito populares e pareciam ser televisionados o dia todo, manhã, tarde e noite. Os passageiros tinham direito a uma refeição. E era uma refeição mesmo, arroz, batatas, molho e alguns escassos nacos de carne. Não tivemos disposição de bater um PF logo no *desayuno*, os trocamos por dois chás de coca e quatro pães com ovo. Sem sal. Ficamos rindo impressionados com o tamanho do prato de um tiozinho. Era uma montanha de arroz com a mistura transbordando pelos lados. Era só o café da manhã, imaginem como seria o almoço. Não contente, o tiozinho ainda pediu uma cesta de pães para acompanhar e reforçar seu pratinho. De volta ao ônibus tivemos que encarar mais um filme. Desta vez foi uma fita peruana, chamada *Flor de Aratama*, dirigida por Martín Landao. Animei-me com a possibilidade de ver um filme peruano, algo até então inédito para mim. Assisti ao filme com atenção redobrada. Foi péssimo. Muito pior que *Tróia*. Um novelão ridículo gravado em película, um desperdício. A história era mais ou menos assim: um sujeito (branco) de meia idade herda uma fazenda e resolve mudar-se para lá juntamente com sua bela filha jovem e sonhadora. O sujeito, que é sempre tratado como “El Patrón” pelos funcionários, consegue fazer a abandonada fazenda “prosperar”. Organiza os trabalhadores (todos com feições indígenas, é claro) e aí vem uma infundável seqüência de cenas mostrando o pessoal trabalhando sorrindo, com uma trilha sonora mais que piegas, constrangedora. Enquanto todo mundo trabalha, El Patrón passeia pelos campos doutrinando sua jovem filha bela e sonhadora, “isto tudo um dia será seu”. A serelepe jovem e sonhadora, como todas as demais belas jovens saltitantes e sonhadoras, gosta muito de passear pelos campos, colher flores silvestres, fazer amizade com coelhinhos e tomar banho nua nos rios. Um amontoado de clichês. Como era de se esperar, a adorável jovem sonhadora acaba envolvendo-se e apaixonando-se por um rapaz trabalhador índio. O filme alega ser baseado em fatos reais e se passa no princípio da década de 80. Há também uma personagem muito ambígua mal acabada, uma índia mucama que trata El Patrón como rei e os empregados como cachorros, aos berros e impropérios. Em determinado

momento do filme, depois de muita pasmaceira e uma avalanche de lugares-comuns, guerrilheiros do Sendero Luminoso começam a rodear a fazenda planejando uma invasão, todos muitíssimos caricatos, com cara de mau e lenços vermelhos em seus pescoços, quase cômicos. O líder deles era um sujeito hediondo, um banguela que carregava uma bandeira vermelha em um braço e um fuzil no outro. Depois de um conflito armado, no faroeste final, morrem todos os guerrilheiros malvados e alguns trabalhadores honestos; sobrevivem El Patrón, sua jovem filha bela e sonhadora, o namorado dela, e também a índia mucama. Um filme chapa-branca. Exalta e defende valores como “trabalho honesto”, “prosperidade” e “respeito”. Nada contra estes valores, pelo contrário, o problema é que o filme passa por cima de outros valores, como a exploração do trabalho humano e o respeito aos índios, para exaltar os já mencionados. E, se não bastasse, o filme ainda abusa de clichês, lugares-comuns e estereótipos. A “mensagem final” é clara, uma dispensável defesa da propriedade privada. Filme idiota para espectadores idiotas. Dormi.

Acordei já bem próximo de Lima, e a visão não foi nada agradável. Soldados pararam o ônibus e fizeram uma revista procurando drogas. Truculentos chegaram e truculentos saíram. Logo na entrada já deu para sacar que Lima era grande e pobre, tal como as demais capitais da América Latina. Grandes avenidas, rodovias largas. Pontes, entradas, saídas e cebolões. Muitos carros, ônibus velhos. Muita sujeira e muita pobreza. Chegamos pelas beiradas, pela periferia, e com mais de três horas de atraso. Este é outro ponto muito peculiar na Bolívia e no Peru, os ônibus nunca saem no horário marcado e sempre se atrasam, muitas vezes a diferença é de horas. Uma total desorganização e um total desrespeito. A primeira impressão de Lima foi de uma cidade em colapso estrutural e social, como se estivéssemos atravessando uma zona de guerra. Pobreza e sujeira saltavam aos olhos. O trânsito era uma corrida maluca e as ruas estavam tomadas por barracas e multidões. Acreditem, a cidade de Lima, capital do Peru, não possui rodoviária. E cada ônibus pára em um lugar diferente do centro. Paramos numa espécie de 25 de março de Lima. Estava uma loucura só, camelôs e muita gente nas ruas, e nós sem a mínima idéia onde podíamos estar. No centro de Lima, assim como no centro de La Paz ou São Paulo, a economia informal é dominante. Certa vez eu li um artigo do Delfim Neto, que pode ser tudo, ter todas os passivos e rabos presos que conhecemos, mas ainda é um dos caras que mais conhecem a realidade econômica brasileira. No texto, ele falava da importância da economia informal na circulação de capitais no mercado interno brasileiro. O peso da economia informal é muito importante, é imprescindível. Penso que este peso, na Bolívia e Peru, deva ser tão, ou até mais imprescindível para suas respectivas economias. Pegamos um táxi e fomos para uma pousada de mochileiros que tínhamos o endereço conosco. Ficava num bairro chamado Miraflores.

Vimos que Lima, apesar da péssima impressão inicial, tinha alguns atrativos. A avenida principal era bonita, com prédios antigos bacanas, praças arborizadas e um atraente parque, com museus, anfiteatro e fontes. O taxista era falastrão e muito simpático. Não tinha a menor idéia da língua que estávamos falando e perguntou se éramos americanos. “Não, brasileiros”. Ainda insistiu: “E que língua

vocês falam no Brasil, inglês?” “Não, português”. Há um mistério lingüístico muito curioso entre falantes do português e do espanhol. Entendemos o espanhol com relativa facilidade, mas o inverso não acontece. Quando o pessoal não queria que nós escutássemos alguma coisa, eles falavam em línguas nativas, como o quíchua e o aimara, por exemplo. O caso da língua portuguesa é interessante, não sei se é o ritmo, a velocidade, os sons nasais, ou se são os “nhás”, e “nhe nhe nhens” que dificultam o entendimento dos nossos hermanos falantes de espanhol. Deve ser um pouco de tudo, mas a verdade é que o português é uma língua incompreensível para eles. Salvo o pessoal da fronteira, ou que está acostumado a lidar com turistas brasileiros, o resto não entende uma vírgula. É muito curioso, perguntaram se éramos chilenos, argentinos, bascos, americanos, franceses... Até que surpreendiam com nossa resposta: “brasileiro”. Há ainda, segundo o Claudismar (ou seria Cleudismar?), uma maneira de tornar o português mais incompreensível ainda, elevá-lo à categoria de código secreto. Basta falar tudo no diminutivo e eles não entendem bulhufas quando abusamos dos sons “inhos” e “inhas”. Tentamos até arriscar a dica; “Anselminho, você não acha que o precinho deste restaurantezinho está carinho?” “Acho Dieguinho, e a comidinha está uma porcariazinha”. Desistimos. Como vocês puderam notar, parecíamos um casal de bichonas trocando afagos e confissões. Quando queríamos ter certeza absoluta que não estávamos sendo compreendidos, bastava falar rápido e cheio de gírias. Ou ainda, quando queríamos tirar um sarro e desvencilhar vendedores insistentes que tentavam nos empurrar as mais variadas quinquilharias, conversávamos com palavras em tupi-guarani. “Pacaembu pipoca no asfalto do Anhangabaú?” “Morumbi e Maracanã de ponta cabeça em Ubatuba!” “É verdade! Itanhaém tem Tietê de bicicleta em Pirajuí”. Os vendedores caíam fora com cara de tacho. Evidentemente eles não entendem nada de tupi-guarani, tampouco nós.

Perguntamos ao taxista se ele tinha idéia de quantos habitantes teria a cidade de Lima. O homem fez uma pausa teatral, pensou, e disse que já deveria estar em torno dos 40 mil habitantes. “40 mil?” Respondeu afirmativamente. “Anselmo – disse eu – 40 mil cabem no estádio”, passávamos exatamente perto do estádio nacional de Lima, onde em 2004 o Brasil ganhou a Copa América vencendo a Argentina nos pênaltis. O tiozinho não tinha a menor idéia do que estava falando. Não fizemos mais perguntas difíceis, ficamos conversando amenidades. Futebol, mais precisamente. Saíamos do centro e seguíamos em direção ao mar, andamos por uns bons 15 minutos e chegamos em Miraflores. É o melhor bairro de Lima, moradia da classe média alta e elite peruana. É muito arborizado, limpo e organizado. Lembra os bairros Jardins, em São Paulo. Tem ruas, avenidas e rotatórias claramente inspiradas no projeto urbanístico de Paris. Todas as grifes famosas estão lá. Todos os bancos poderosos também. Embaixadas e consulados. Agências internacionais de publicidade, escritórios de design, arquitetura e advocacia. Supermercados, rede de cinemas, shoppings e rede de fast-food. Restaurantes, pet shops, cafés e boates. Sedes de multinacionais, hotéis e cassinos. Luxuosos prédios residenciais e condomínios. Casa maneiras e ruas exclusivamente para residências. A piada infame não tardou a aparecer. Primeiro vimos o bagaço, agora sentíamos o suco de Lima. Era

um suco com gosto industrializado, bem artificial. A disparidade é abissal, um contraste até mais violento que em cidades brasileiras.

A pousada de mochileiros estava lotada. Fomos bem recebidos e nos disseram que ao lado havia uma senhora vizinha que locava quartos para viajantes. Acabou saindo mais barato e melhor que a pousada, com um quarto com banheiro privado e uma área de serviço com máquina de lavar roupas. A simpática senhora atendia pelo nome de Maria Noriega e sua casa era incrustada entre a pousada e um prédio de três andares. O vão livre era uma vila fechada, com portão independente, e além da casa de Maria Noriega, havia também mais umas quatro ou cinco outras. Saímos para trocar dinheiro e fazer compras no Sta. Isabel, que é uma rede de supermercados que muito se parece com a rede Pão de Açúcar, que por sua vez, assemelha-se muito à rede Carrefour... É a tal globalização, não é? Homogeneização capitalista do pensamento e do modo de vida. Miraflores, São Paulo, Paris, Nova Iorque ou Berlim, tanto faz. As lojas, restaurantes, supermercados, bancos e outras coisas são todas exatamente as mesmas. O cheiro, o visual e o paladar também. Para ver isto não precisava ter saído do Brasil. Antes de dormir, ainda demos umas bandas e andamos até o mar. Vimos o Pacífico de uma encosta transformada em jardins. O mar estava logo mais abaixo, teríamos que pegar uma trilha, descer e atravessar uma movimentada autopista. Como já era tarde da noite, não tivemos disposição. Ficamos apenas admirando e conversando sobre como tínhamos a atravessado horizontalmente o continente. Pouco antes do Natal, Eu, Anselmo, Marina e Andréa passamos um final de semana no Guarujá, às margens do oceano Atlântico, e lá conversamos muito sobre o planejamento da viagem. Agora, pouco tempo depois, lá estávamos nós, relembando o fato, do outro lado do continente. Conversamos sobre a não mais existência da África como referência à frente, agora a Ásia é que ocupava o lugar de referência. Discutimos sobre os primórdios da colonização americana, com a possível chegada dos homens asiáticos. Falamos sobre as viagens dos povos andinos, que retornaram comprovadamente até a Oceania e, quem sabe, até a Ásia. Voltamos à casa da Senhora Noriega com a cabeça cheia de interrogações e pouquíssimas certezas. A única era o sono. Fomos dormir.

15º Dia – Redescobrimo o bagaço

Lima, 11/01/05.

Dormimos e acordamos num forno. O quarto era bem apertado e ficava com suas paredes e teto expostos ao sol o dia todo. As duas frestas da janela não refrescavam muita coisa. Lima, situada ao nível do mar, fica na mesma latitude que Salvador e faz um calor tão forte e baiano quanto. Antes de sair para o supermercado e comprar nosso café da manhã, ainda retiramos as roupas do varal, secas e esturricadas. Algumas até bem duras. A máquina de lavar da Sra. Noriega foi um bom negócio, eu e o Anselmo estávamos com pouquíssimas roupas limpas. O calor apertava e já me fazia temer por um dia tão quente como em Puerto Quijaro. Sempre prestativa e atenciosa, a Sra. Maria Noriega não só nos ensinou qual ônibus deveríamos pegar para irmos até o centro, como também nos levou ao ponto, parou o busão e deu orientações ao motorista. Ficamos um pouco constrangidos, mas não cortamos o barato dela. O bumba fez um caminho completamente diferente do táxi do dia anterior e deu para sacar que Miraflores é praticamente outra cidade, completamente distinta de Lima. Passeios de ônibus em cidades que não conhecemos são proveitosos. Presenciar o cotidiano das pessoas trabalhando, andando, indo e vindo – por mais banal que possa ser – em uma cidade desconhecida, é sempre uma experiência bacana.

Descemos no local indicado pela Sra. Noriega, perto que de um grande hotel de uma cadeia internacional. Andamos em uma rua transversal à avenida principal até a agência onde poderíamos comprar passagens de volta. Nossa intenção era ir até Arequipa. Poderíamos sair no dia seguinte, de noite, chegar em Arequipa pela manhã, aproveitar a praia de lá e zarpar para La Paz de noite. Compramos a passagem em um local e teríamos que embarcar em outro. Como já disse, por mais irracional que possa soar, Lima não tem rodoviária e cada agência tem uma garagem em algum lugar da cidade, que serve de ponto de embarque e desembarque. Sempre a pé, e sempre envoltos em uma bruma de calor, andamos até o parque onde ficava o Museu de Arte de Lima. O Parque de Exposición foi construído para uma grande feira mundial que aconteceu em Lima no ano de 1872. La Paz tem o Mirador Laikakota; Berlim, o Tiergarten; Nova Iorque, o Central Park; São Paulo, o Ibirapuera; e Lima, o Parque de Exposición. O parque é bem cuidado, com vielas e alamedas floridas, árvores frondosas, fontes, lanchonetes e bem vivo, como devem ser todos os parques. O local estava vibrante, tomado por famílias, casais de namorados e adolescentes. Era uma alegria visível, pulsátil, e senti-me muito bem com a energia que circulava por lá. O museu era do tipo arquitetônico “bolo de noiva”, todo simétrico, com marquises que pareciam babados e ornamentos que se assemelhavam a confeitos. Um ótimo museu, com um acervo relativamente pequeno, espalhado em apenas um andar, porém muito abrangente e consistente. Conseguimos ter um excelente panorama das artes peruanas, pré-colombianas e pós. Belo passeio.

Tão ou mais belo que o museu, foi o seu subsolo. Lotado de salas de aula e lotado de jovens e crianças. Havia diversos cursos e oficinas acontecendo ao mesmo tempo. Pintura, cerâmica, desenho, fotografia, bijuterias, e muitas outras

coisas bacanas. Uma excelente iniciativa da administração do museu do governo ou de sei lá quem financiava aquilo tudo. Saímos do museu e vagamos embaixo de um sol perverso. Estávamos sem soles, sem um puto nos bolsos. Custou para acharmos uma casa de câmbio. Pelo menos a busca serviu para conhecer o centro de Lima, com praças, ruas estreitas e muitos prédios governamentais. Trocamos uma grana e sentamos numa espelunca para tomar um refrigerante e, para não perder o embalo, uma cerveja. Depois, fomos até o mosteiro de São Francisco. Construído em 1553, o mosteiro impressiona pela robustez e beleza ainda bem conservadas. O tour completo, acompanhado por um guia, saía por apenas S\$2,50 para estudantes. E a relação custo/benefício acabou sendo a melhor possível. Há uma biblioteca linda, forrada de livros antiqüíssimos, dos pés à clarabóia do teto. Todos pessimamente acomodados, juntando poeira sob o sol que invadia através da clarabóia. Deveriam estar aclimatados numa temperatura constante, protegidos do sol e da umidade. Deveriam ser microfilmados e fotografados antes que se estraguem. Deveriam ser salvos! Há muitos aposentos com móveis e quadros antigos. O pátio central tem azulejos e painéis bíblicos da época colonial. Suas salas e aposentos são cheios de passagens secretas; umas vão para outros quartos, que, sabe-se lá que fins teriam em um local cheio de homens castos; outras davam para o subsolo das duas igrejas do mosteiro. Igrejas muito bonitas e com a aquela temperatura frescal típica. Os vitrais varados pela luz vespertina pareciam ter vida e queriam descer das paredes. O local na nave da igreja reservado aos monges era todo em madeira de lei, como uma grande escultura, toda talhada nos mínimos detalhes. Os órgãos também impressionavam pelo porte.

Porém, a vedete do mosteiro ainda estava por vir, as catacumbas. Embaixo do mosteiro há uma rede de catacumbas onde estão ossadas de mais de 25 mil mortos. Isso mesmo, não é erro, são 25.000! São milhares de ossos e crânios espalhados em centenas de tumbas e câmeras mortuárias. Há ainda muito que se descobrir, o subsolo do mosteiro ainda conserva setores desconhecidos. É uma imagem pungente e inesquecível. Poderia servir de cenário para um filme do Indiana Jones, ou um jogo da Lara Croft. A maioria das ossadas é de nobres, burgueses ou pessoas do clero. O guia nos explicou que o fêmur, o crânio, o rádio e o úmero são os ossos mais presentes, pois são os que apresentam maior resistência à deterioração natural. A quantidade assusta qualquer um. O cheiro é algo umedecido, mofado e metálico. Minha alergia se manifestou e espirrei, no mínimo, umas 73 vezes. Saímos de lá e partimos andando sem rumo pelas ruas do centro. Caímos em uma rua sinistra, habitat de malandros e falsários. Perguntavam-nos sobre nossos passaportes e documentos. Todos falavam muito rápido e ao mesmo tempo. Pela primeira vez na viagem, eu me senti ameaçado. Com quatro ou cinco malucos te rodeando e te puxando, não há muita coisa a se fazer, era estufar o peito, respirar fundo e apertar o passo sem olhar para trás. Conseguimos sair da zona de risco e pegamos um ônibus de volta a Miraflores. Trocamos de roupa e fomos à praia. O bairro termina em um barranco. Abaixo deste enorme barranco de areia e pedras, há uma pista expressa. Para chegar à praia, é preciso descer o barranco por um caminho tosco e atravessar a estrada na curva e sem visão de onde vinham os carros velozes e furiosos. Uma

insanidade. Perigosíssimo. Não há faixa de pedestre, semáforos ou passarelas. Sobrevivemos.

Adianto e digo que a praia é feia. Aliás, bem feia. É uma praia de pedras, com uma faixa de areia muito estreita. Não há calçadas, quiosques, estacionamentos, banheiros, salva-vidas e nenhuma outra estrutura turística ou comercial. A maior diferença que eu notei entre o Atlântico e o Pacífico é o horizonte. O oceano Pacífico não tem linha do horizonte. Dificilmente dá para diferenciar onde termina a água e começa o céu, e vice-versa. Além das tonalidades próximas, há também uma névoa, como se alguém tivesse passado um esfuminho na linha do horizonte. A água não é gelada, afinal estávamos praticamente em Salvador. Porém, a água é mais salgada. Notavelmente mais salgada. As pedras do solo são de um tamanho propício para machucar os pés e causar tombos. Quase todos os surfistas que se aventuravam no mar estavam com aqueles calçados especiais de neoprene ou sandália de borracha. Entramos na água e nos arriscamos em alguns jacarés. Depois da praia, passeamos pelo bairro, passando por um sofisticado clube de tênis e por uma galeria à beira-mar infestada de redes de fast-food, fliperamas e outras bobagens que todos nós em diferentes momentos da vida – ou durante a vida toda, depende de cada um – adoramos. Voltamos para tomar um banho e saímos para jantar. O papo temperado com algumas cervejas foi do ríspido ao confessional. O Anselmo é uma das únicas pessoas que eu consigo discordar em alto e bom som sem que isto prejudique nossa amizade. O respeito mútuo e a história de mais 15 anos falam mais alto. Terminamos a conversa numa boa, falando de nossos amores. A Marina nunca esteve tão presente como nesta noite. As pessoas que mais se fazem presentes são justamente as mesmas que sentimos mais falta. É o paradoxo da saudade.

16º Dia – Limando a paciência

Lima, 12/01/05.

Não acordamos tão cedo. *Desayuno*. Refazer as malas. E um bumba até o centro de Lima. Deixamos nossas mochilas no “terminal” e saímos para andar. O dia estava quente, não tanto quanto o dia anterior. Enquanto passávamos por três quadras imundas e superlotadas, abriram nossa “mochila de ataque”, uma menor que usávamos nos passeios, e roubaram o caderno de anotações/diário do Anselmo. Portanto, o único relato escrito que sobrou é este aqui. Foi tudo muito rápido e quando olhei para as costas do Anselmo, notei que o bolso de zíper estava escancarado. Lá dentro tinha uma pequena lanterna, um canivete e o diário. Levaram-nos justamente o artigo sem valor comercial e com maior valor sentimental. Filhos da puta. Vacilamos e cometemos um erro. É preciso ficar atento durante o dia todo, 24 por 48 mesmo. Desconfiamos da audácia dos malandros e dançamos. Ficamos putos e muito chateados. Principalmente o Anselmo. Refizemos em vão o caminho de volta na esperança de tentar encontrar o diário jogado no chão, afinal só era um bloco com anotações escritas, tinha serventia para nós e mais ninguém. Vão-se os anéis e ficam os dedos. O velho e conformista ditado foi pronunciado pela terceira vez na viagem.

Nossa intenção era visitar o Museu do Ouro. No entanto, cidade que não é turística é foda. Como São Paulo, Lima não é famosa pelo turismo, é mais uma cidade administrativa, centro comercial e financeiro. Ou seja, não havia informação alguma para turistas e ninguém nas ruas sabia informar nada. Ninguém mesmo, nem pedestres, nem policiais, nem taxistas. Muitas pessoas até desconheciam a existência do museu, nunca tinham ouvido falar. Voltamos ao Museu de Artes de Lima e, depois de falar com quatro funcionários diferentes, uma boa alma nos passou o endereço, os preços e o horário de atendimento do Museu do Ouro. Desanimamos. Na capital do Peru não havia como chegar de transporte público no museu mais famoso e comentado entre turistas do mundo inteiro. Somente de táxi. A entrada era cara, S\$30,00 e o táxi sairia mais caro que isto. Pesamos os prós e os contras. Não fomos. Não sou e nunca fui atraído por jóias, ouro e prata. As mulheres que me desculpem, mas tenho a impressão que elas se encantam muito mais com estas coisas do que os homens. Não estou dizendo que as mulheres são mais gananciosas que os homens, de forma alguma. Por favor, não me entendam mal. Na mesma proporção que a maioria dos homens se encanta mais por futebol, a maioria das mulheres se encanta mais por jóias. E ponto. Não sei se eu iria curtir muito o museu. O museu que merecia ser visitado, o de artes, já fora visto. Ainda nos arredores do Museu de Arte de Lima, fiquei contente de ter presenciado a enorme fila que se formava para fazer inscrições nos diversos cursos oferecidos pelo museu.

O Estádio Nacional não era muito longe, dava até para vê-lo de onde nós estávamos. Fomos caminhando até o palco da última decisão de Copa América, entre Brasil e Argentina, em 2004. Era um desses estádios redondinhos, tipo coliseu, muito simpático. Não foi nada difícil entrar e ir até as arquibancadas. Sentamos, vimos, sentimos e nos encantamos. O estádio era espetacular, muito

bem conservado e com um gramado impecável. Certamente foi reformado para abrigar a Copa América, pois tudo era novo e de cores vistosas. O calor irresolúvel nos guiou para um bar na frente do estádio. Era um boteco firmeza com várias fotos e pôsteres dos grandes jogadores atuais. Tomamos sei lá quantas cervejas e saímos para andar sem rumo. Foi uma caminhada desorientada e sem destino, apenas seguíamos por lados por ainda não tínhamos passado. Sem muito que fazer e também sem muita disposição, andávamos com calma para matar o tempo e a paciência. Aproveitamos para almoçar uma comida engordurada e de gosto repugnante. Ainda fizemos uma hora sentados numa praça e vendo o dia acabar, triste e cabisbaixo.

De volta ao local de onde partiria nosso ônibus, ainda tivemos que esperar. O atraso todo foi de 1h15. Entramos no busão e vimos que não tinha janelas. Quero dizer, até tinha, mas não abriam. Era um ônibus com ar-condicionado e as janelas eram vidros inteiriços, não abriam. Mas, como já era de se esperar, o ar-condicionado não funcionava e, conseqüentemente as janelas também não. Somente duas aberturas superiores que serviam mais para fazer barulho do que como entradas de ar. Antes de dormir na sauna, ainda assistimos mais um filme americano bobo que nos rendeu dois ou três esboços de sorrisos. Não fiz questão de guardar o nome. Era com aquele Martin Lawrence.

17º Dia – Dia besta

Estrada/Arequipa, 13/01/05.

Caro leitor, estimada leitora. O presente capítulo realmente não acrescenta absolutamente nada ao desenrolar da narrativa. Sintam-se à vontade para pulá-lo e não ler. Não haverá revelações deslumbrantes e nem constatações pertinentes. Salvo um pequeno e insólito episódio ocorrido na madrugada, não aconteceu mais nada de interessante. Bom, que fique por sua conta e risco. Quem avisa, amigo é.

Lutando e resistindo contra o calor, eu dormia a prestações, suando muito. Pelas frestas das escotilhas superiores entrava muita poeira e meus olhos já estavam irritados. Minhas lentes de contato pareciam duas lixas. Meu nariz estava seco, assim como minha garganta. Da minha testa minava um suor espesso e viscoso, tão salgado quanto às águas do Pacífico. Acordava a cada 10 minutos e abria olhos para um pesadelo. As janelas estavam embaçadas das respirações ofegantes das quase cinquenta pessoas que também suavam. O que no início era uma sauna seca, com algumas horas de viagem, virou uma sauna a vapor. O ônibus parecia envolto numa neblina nefasta de calor e odores sudoríparos. Sem um motivo aparente, o ônibus parou no meio da estrada. Quando iniciou sua reduzida na velocidade, eu pensei que iríamos passar por um pedágio, parar num posto, sei lá. Parou também o movimento de ar que entrava pelas aberturas no teto. O calor atingiu níveis insuportáveis, despropositais para a vida humana. Já havia muita gente do lado de fora do busão, então resolvi descer também. Estávamos na beira de um vilarejo pobre e poeirento, e, por algum motivo desconhecido, estava acontecendo um protesto há quilômetros de distância. O suficiente para paralisar a rodovia toda. Tudo parado. A fila de veículos era desanimadora, não dava para ver o fim.

Muito cansados, suados e com o saco pra lá de cheio, eu e o Anselmo sentamos na mureta de uma casa e ficamos praguejando o infortúnio. Vimos que aquilo tudo iria se estender por horas. Cachorros latiam, crianças saídas dos ônibus gritavam e corriam por todos os lados, alguns imbecis inutilmente buzonavam e nós dois lá, parados no meio do nada. Tirei as meias e os calçados, tirei a camiseta e deitei na mureta tentando descansar e espantar o calor. “O que mais nos falta acontecer?” – indagamos. Em determinados momentos, há certas perguntas que devem ser cautelosamente evitadas, a questão há pouco formulada era uma delas. Catapowrwr! Um estrondo rápido e vibrante pipocou no ar. Barulhos elétricos e toda a luz elétrica do vilarejo se foi. Um apagão! Não nos restou outra opção a não ser rir. Rir muito. Gargalhamos até escorrerem lágrimas. Com calor, com sono, cansados, fodidos, famintos, sujos e rindo. Rindo como não se fosse nada. Rindo uma boa risada. O estrondo e o apagão serviram para amedrontar e calar as crianças. Muitos outros barulhos também se cessaram. Foi uma piada da providência divina. Deus tem um ótimo senso de humor. Depois de quase três horas parados, o fluxo de carros começou a esboçar uma lenta movimentação. Entramos no busão e tentei dormir. Até consegui por curtos espaços de tempo, mas pessimamente, muito incomodado pelo calor. Logo depois do raiar do dia, paramos exatamente no mesmo local imundo que já havíamos

parado na viagem de Cuzco a Lima, um restaurante perto de Nazca. A pedida foi a mesma da estadia anterior, dois pães com ovo e um mate de coca para cada. O forte cheiro de urina, podridão, mofo e descaso não contribuía em nada no nosso paladar. Eu também estava todo suado e me sentindo sujo. Dois perdidos sujos numa lanchonete ainda mais suja. Sim, era mais um *desayuno* no inferno.

Depois da parada, nada mais relevante aconteceu, passamos o dia todo no busão e só chegaríamos em Arequipa com o sol já se pondo, por volta das 18:30. Foi o trecho mais entediante de toda a viagem. Eu estava louco para tomar um banho. As paisagens só me agradavam quando era possível avistar o mar. No mais era uma visão desértica, arenosa e monocromática, muito extenuante. Muita poeira. As frestas do combalido ônibus pareciam cuspir mais poeira do que ar. O fino pó pegajoso grudava em tudo e em todos, dando uma aparência desgastada e uniforme nas feições e mesmo nas roupas dos passageiros. Não conseguia pregar os olhos e me retorcia de tédio e cansaço. Implorava para que colocassem um filme na tevê, por mais imbecil que fosse, implorava por um walkman, implorava por qualquer coisa que ajudasse a distrair e passar o tempo. Foi uma viagem duríssima. Chegamos exaustos em Arequipa, exaustos. Conseguimos comprar passagens para Desaguadero, já na fronteira com a Bolívia, para as 20:00 horas. Restava-nos então pouco mais de uma hora para providenciar um banho e comer alguma coisa. O banho foi facilmente negociado num hotel na própria rodoviária, e a comida ficou a cargo de *salteñas* de ar e pães velhos e secos. Embarcamos para mais uma viagem de ônibus e antes de dormir ainda assisti a mais um filme idiota. Novamente não fiz questão de lembrar o nome.

18º Dia – Alto preço da honestidade

Arequipa/Desaguadero/Guaqui/La Paz, 14/01/05.

Por volta das 4h00 da madrugada nós chegamos em Desaguadero. Poderia ser mais tarde, ou mais cedo, tanto faz, o frio que fazia não teria mudado muito. Nem nossa disposição. Subimos novamente os Andes e o frio voltou com toda força. Dessa vez acompanhado de um vento cortante, afiado como uma navalha, e de uma gélida chuva, bem fininha. Desaguadero fica bem na fronteira, a poucos metros adiante podíamos ver a ponte que cruzava para Guaqui, já na Bolívia. Nem vimos direito as cidades, que aparentemente eram também muito pobres e não apresentavam atributos que chamassem atenção. A pobreza em certos locais é tão brutal que chega a parecer um castigo perpétuo; é como se fosse endêmica. Saímos do Peru sem problemas, com os oficiais apenas olhando nossos passaportes e nossos cartões de saída, sem carimbar nada, ou trocar uma palavra sequer. Eles também estavam com muito frio e visivelmente sonolentos. Entramos na Bolívia também sem maiores percalços. Os guardas da fronteira deram uma olhadela rápida em nossos documentos e nos deixaram passar. Perguntamos pela *Migración*. Responderam que estava fechada e abriria somente às 9h00. Nem cogitamos a hipótese de esperar a *Migración* abrir. Poderíamos carimbar nossos passaportes em La Paz.

Montamos numa van lotada e fedorenta. Dentro de mais ou menos duas horas passando frio, cansados e famintos, estaríamos em La Paz. Pisquei duro e apaguei em muitos trechos. Chegamos em La Paz e ficamos no mesmo hotel que já conhecíamos. Eram mais de 7h00 quando eu caí na cama e, em oito segundos, já estava praticamente em estado vegetativo. Foi praticamente um coma, dormi e acordei na mesma posição, sem sonhar e sem sobressalto algum. Esquecemos que havíamos perdido uma hora ao cruzar a fronteira, pois o fuso boliviano é uma hora a mais que no Peru. Nosso relógio marcava 10h00, mas descobrimos depois que já eram 11h00. Saímos, trocamos uma grana, tomamos café e fomos para a *Migración* carimbar nossos passaportes. Tentar fazer as coisas direito muitas vezes é mais custoso. Os honestos quase sempre pagam mais caro. Sei que esta última frase parece e soa como um ranço de moral pequeno-burguesa duvidosa, como num contexto niilista onde só os trapaceiros são vencedores. Ou pior, prolongando a mesma linha de raciocínio sofista, poderíamos afirmar já que nada e ninguém se salvam, tudo está permitido. É a lei do salve-se quem puder, se é que podemos chamar um preceito tão socialmente destrutivo de lei. Se eu tivesse ignorado as leis e as autoridades bolivianas na mesma medida que elas me ignoraram, nada teria acontecido. Toda a divagação foi para dizer que eu me arrependi de tentar o procedimento virtuoso, legalmente falando. Enfim, prossigamos.

Um bosta de um funcionário público, todo engomadinho em seu terno mal cortado, reteve nossos passaportes. Pois é, perdemos na Bolívia nossos únicos e vitais documentos. O merdinha não aparentava mais que 30 anos. Disse-nos que havíamos invadido ilegalmente o território boliviano, furando a fronteira e ignorando as austeras leis do tão nobre país. Explicamos longa e calmamente a

situação toda, havíamos chegado de madrugada, a *Migración* estava fechada, os oficiais viram nossos passaportes, não nos barraram e nem fizeram objeções a nossa entrada. O aprendiz de barnabé corrupto tentava nos envolver numa teia burocrática absurda e sem lógica nenhuma. Um pesadelo kafkiano. No seu entender, teríamos que desembolsar B\$150,00 cada um para ele liberar os passaportes. Pedimos para ele nos mostrar a legislação onde estaria expressa nossa infração e também onde estaria o valor exato da multa. É óbvio que não tinha nada. Era apenas um idiota amparado por um cargo de merda – e por uns quatro ou cinco oficiais do exército – tentando tirar uma grana fácil. A raiva preenchia todos os poros do meu corpo e minha vontade era quebrar o filho-da-puta no meio. Agora escrevendo me lembro da cara de asco e paisagem do idiota e sinto a mesma raiva. Tentamos raciocinar com frieza e dissemos que iríamos ao hotel pegar dinheiro. De fato nós fomos ao hotel, mas pegamos nossas passagens de Arequipa a Desaguadero, que poderiam comprovar que tínhamos chegado de madrugada, quando a *Migración* estava fechada. Varados pela fome que corroia nossas entranhas, almoçamos um bife digno de um Fred Flintstone. Se o prato não primava pela qualidade, satisfez-nos na quantidade. Depois do almoço fomos até a embaixada brasileira.

Depois de uma habitual dificuldade para entrar no prédio, ficamos esperando a funcionária atender uma menina que foi roubada por colegas de quarto e estava totalmente sem grana, sem destino e sem paciência. Chegada a nossa vez explicamos o ocorrido para a funcionária. Não me lembro o nome dela, mas afirmo que a mulher era a irmã gêmea do Hélio de La Peña, do Casseta & Planeta. A sócia do Hélio não acreditou na petulância do funcionário boliviano, chamou o seu superior. Chegou então o primeiro-secretário da embaixada, um tipo que atendia pelo suspeito nome de Pedro Miguel de Costa e Silva. O sujeito foi muito prestativo e solícito, também ficou indignado com o ocorrido. Disse-nos o que esperávamos: que a retenção dos passaportes era um processo ilegal, em outras palavras, extorsão. Pelas normas internacionais, temos 24 horas para apresentar nossos passaportes depois de entrar em algum país. Tem mais outra, como estávamos na Bolívia antes de irmos ao Peru, nosso primeiro visto de 30 dias ainda estava válido, independentemente de um carimbo de saída. Resumindo, foi sacanagem mesmo. O pessoal da embaixada falou que nós fomos usados de bodes expiatórios, pois os bolivianos estão reclamando muito do tratamento que recebem da Polícia Federal brasileira ao cruzarem as fronteiras. Ah bom, é essa a principal diretriz da diplomacia internacional, a reciprocidade. Fodemos os bolivianos por aqui e eles procuram fazer o mesmo com a gente por lá. E assim caminha a humanidade.

O primeiro-secretário ligou na *Migración*, falou grosso com o chefe de lá, discutiu, mas não teve jeito, não liberariam os passaportes se não pagássemos a “taxa”. Não pagamos. Antes pagar para tirar outro passaporte a pagar uma propina ilícita para um sacana de merda. O chefe burocrata boliviano chegou a falar com todas as letras para o primeiro-secretário, “é o meu país, são as minhas leis”. Então está feito, como prosseguir discutindo frente a um argumento irrefutável como este? O tal Costa e Silva nos assegurou que nossos passaportes

seriam cancelados, não teria risco de falsificação e também que iram fazer uma reclamação formal, numa esfera mais alta, nível ministerial, coisa e tal. Na embaixada mesmo fizeram-nos um salvo-conduto e abandonamos nossos passaportes. Mesmo que decidíssemos pagar a “multa”, não poderíamos. Já se passavam das 16h30 e a *Migración* estava fechada. Detalhe, eles trabalham das 11 às 16h30, parando por mais de uma hora de almoço, afinal ninguém é de ferro. Se quiséssemos reaver os passaportes teríamos que esperar até segunda, e iria atrasar muito a viagem, já que estávamos na sexta. É claro que ficamos chateados por perder nossos passaportes, mais pelo um valor sentimental e simbólico.

O dia transcorreu rapidamente com as ocupações burocráticas e a noite já saía carregando as estrelas e o frio. Restava-nos apenas uma única coisa a fazer, beber. Caímos num mesmo local que já havíamos estado antes. Um boteco copo sujo, bem boliviano. Todas as vezes que passamos por lá, éramos os únicos forasteiros. Para mim, isto é um bom sinal. Éramos finalmente tratados como pessoas normais e não como turistas gastadores, falastrões e desastrados. Decoração tosca, músicas locais, banheiro imundo, serviço preguiçoso, cinzeiros transbordando, névoas de fumaça, homens sem muito futuro, mulheres com muito passado e cerveja gelada a um preço digno. Bares assim, com esse clima, há em todas as cidades, ainda bem. Bebemos, voltamos ao hotel, tomamos um banho e para não deixar o desânimo imperar, saímos para dar umas bandas e beber mais um pouco, mesmo embaixo de chuva e enfrentando o frio. Passamos rapidamente por um barzinho ajeitado chamado Luna. Estava vazio, mas, como já estávamos confortavelmente sentados, tomamos umazinha. Zarpamos descendo o Paseo de El Prado olhando os tipos notívagos da fauna *paceña*. Como em muitos outros lugares do mundo, a noite é dominada pelos jovens. Já não havia muitos turistas como da primeira vez, mas La Paz é definitivamente uma cidade interessante. Compramos numa bodega algumas cervejas Bock e fizemos o caminho de volta. Já na rua do hotel uma faixa nos chamou a atenção. Era um anúncio de um bar chamado Pachamama, que dizia ter música ao vivo e cerveja barata. Comentei com o Anselmo que vários locais têm a palavra “mama”. É curioso. Não perdi mais que 37 segundos especulando, estava sem disposição. Viva o matriarcado! Entramos no bar.

Mais se parecia com um salão de dança do que um bar. Tinha mesas dispostas em semicírculo e no meio uma pista de dança, bem em frente ao palco onde uma banda de músicas típicas bolivianas se apresentava. Deviam ser músicas bem conhecidas, pois muitos cantavam junto com a cantora. E assim, ao vivo e em cores, a música boliviana não é tão ruim quanto soava nos rádios. O violão e outro instrumento já mencionado nesse relato, um “cavaquinho” de seis cordas duplas, faziam o acompanhamento e marcavam o ritmo nas batidas e passadas. A percussão era bem discreta, feita por uma bateria eletrônica. E os solos eram executados por uma flauta nativa, daquelas que estamos acostumados a ver sendo envergada por bolivianos e peruanos no centro de São Paulo. O vocal feminino estava entrosado com a banda e afinado, utilizando alguns falsetes, sustentava os prolongamentos. E tudo isso junto era agradável, serviu para

desfazer a péssima impressão que tínhamos da música local. Conversamos, bebemos, e quando o sono bateu forte, voltamos ao hotel.

19º Dia – Compras

La Paz, 15/01/05.

Despertamos. Banho. Café. Malas no saguão. Rua. Parada na rodoviária para comprar passagens para Santa Cruz. Certificamos que o busão tivesse janelas e arrumamos boletos para as 19h30. Ainda nos restava um dia em La Paz. Saímos em busca da sede da Empresa Ferroviária Andina, tínhamos, depois de muito custo, conseguido o endereço na internet. Percebemos claramente por quantas anda a inclusão digital na Bolívia. Péssimo. Vejam só, procurávamos pela empresa em sites de busca que informam as páginas por ordem de acessos. Ou seja, as mais acessadas aparecem primeiro. E as páginas que encabeçavam as listas eram praticamente todas do governo. Daí deu para ter uma idéia de quem tem maior acesso à internet na Bolívia, ninguém menos do que a própria máquina estatal. Duvido muito que a população entrasse nas páginas do governo com assiduidade, quem iria se interessar por assuntos técnicos e meramente burocráticos onde se tratavam de legislações e licitações? Não foi nada fácil localizar a informação que buscávamos.

Chegamos com a intenção de garantir antecipadamente passagens de Ferrobús de Santa Cruz até Puerto Quijaró. Não foi possível. Esse trecho era operado por outra empresa, a Ferroviária Oriental. Não souberam nos informar se esta empresa tinha uma representação em La Paz. Na Bolívia ninguém sabe de nada e as informações são sempre fragmentadas e, muitas vezes, até contraditórias. Arriscamos um palpite inteligente. Entramos no maior e mais luxuoso hotel de La Paz, e, como em muitos grandes hotéis, lá havia uma agência de turismo. Depois de uma esclarecedora conversa de uns dez minutos fomos informados que era impossível comprar passagens com antecedência em La Paz. Nem mesmo por telefone, usando cartões de crédito. O tal Ferrobús é a categoria mais luxuosa do trem, tem apenas dois vagões com 24 lugares cada. Provavelmente não conseguiríamos passagens no dia seguinte, lá em Santa Cruz. Era um risco.

Voltamos ao centro e fomos às compras. Presentes para a minha querida Marina. Presentes para minha querida mãe e minhas queridas irmãs. Presentes para a minha mais nova querida, a Sofia. E presentes para mim, ninguém é de ferro. O Anselmo também fez compras. Depois da sessão de consumismo, era a fome que nos consumia. Almoçamos em um restaurante familiar e novamente éramos os únicos estrangeiros. Bom sinal. Ou não, na Bolívia nunca se sabe. Fomos atendidos muito bem e até com certa cerimônia por destoarmos da paisagem geral. Comemos bem e decentemente, até salada, algo raríssimo na viagem. Retornamos ao hotel e demos uma pausa de uns 15 minutos no saguão. Sem muita paciência para sentar e esperar a banda passar, voltamos à rua. Andamos sem rumo pelas estreitas ruas do centro e quando nos demos conta estávamos próximos a Plaza Murillo, onde fica a sede do governo boliviano. Os prédios antigos e a catedral eram bem bonitos, agradaram-me. Porém, a praça me causou indignação. Infestada por pombos e lixo, o local abrigava uma enorme estátua/monumento hedionda, repleta de plumas e ornamentos rococós. Era algo

que homenageava a república, de um mau gosto ímpar. O monumento é uma ofensa à cultura e ao povo boliviano. Todos os bustos e estátuas têm feições e roupas européias e estavam protegidos, vejam vocês, por leões. Índios, pumas e quaisquer outras referências à verdadeira Bolívia foram esquecidos pelo monumento. Não tiramos uma foto sequer, não merecia. No caminho de volta ao hotel ainda fizemos um providencial *pit stop* etílico no nosso simpático bar boliviano. Sim, depois de umas quatro ou cinco vezes, já nos considerávamos *habitués* do boteco. Cervejas para passar o tempo, espantar o tédio e animar a alma. O álcool muitas vezes é um placebo e uma panacéia no mesmo remédio. Quase perdemos a hora. Saímos correndo, pegamos as malas e partimos à rodoviária. Rapidamente compramos água, bolos e *salteñas*. Montamos no busão. Destino: Santa Cruz.

20º Dia – Volta do calor e volta da sorte

Santa Cruz, 16/01/05.

Chegamos em Santa Cruz por volta das 11h00. O clima não era diferente das nossas mais tristes esperanças, um calor fortíssimo. O terminal integrado de ônibus e trens estava bem mais tranquilo. Fomos direto à bilheteria dos trens e confirmando nossas mais pessimistas expectativas, o Ferrobús estava lotado. A vantagem dessa classe de trem é que a viagem é direta, sem parada alguma, durando 12 horas, dentro de um vagão confortavelmente equipado com ar-condicionado, tevê e até serviço de bordo. E não tinha mais vagas, merda! Pronto, agora sim estávamos enrascados. O Anselmo tinha que voltar o mais rápido possível para trabalhar e não havia como esperarmos até terça, quando sairia o outro Ferrobús. Nem mesmo esperar até o dia seguinte, na segunda, para pegar o Trem da Morte novamente. Sobrava a opção de pegar um ônibus e encarar mais de 600 km sob um calor ultrajante, sendo a maior parte do percurso em estradas de terra. Calejados com péssimas experiências em ônibus anteriores, ficamos muito ressabiados. Seria mais uma viagem duríssima, talvez ainda mais difícil que as anteriores. Nos guichês que vendiam passagens até Puerto Quijaro os preços e as promessas variavam. Alguns diziam que saindo entre 17h00 e 17h30, estaríamos no destino final antes das 11h00 do dia seguinte. Outros diziam ser impossível chegar antes das 14h00. Conversamos com um motorista muito cara-de-pau que nos assegurou que a viagem só levaria mais que 16 horas se acontecesse algum imprevisto. Certamente a viagem iria demorar um dia inteiro, tanto quanto ou mais que as 21 horas de Trem da Morte.

Não restava alternativa, compramos passagens para as 17h30 e, enquanto isso, nós iríamos preparando-nos psicologicamente para enfrentar a viagem. Saímos do terminal, atravessamos a rua e caímos num ambiente multicolorido das barracas e pessoas que circulavam por lá. O povo de Santa Cruz não usa os típicos trajes andinos e, devido ao calor, preferem roupas mais leves. Muitas barracas vendiam absolutamente tudo, como numa feira livre de alimentos, roupas e milhares de quinquilharias falsificadas. Andamos um pouco e encontramos um local onde poderíamos tomar um banho e deixar nossas mochilas guardadas durante nossa espera. Conseguimos somente o banho, as mochilas iriam nos acompanhar durante a tarde. Os chuveiros não eram muito melhores e nem muito mais limpos que os da rodoviária, mas mesmo assim o conforto causado pela sensação de água gelada escorrendo pela minha cabeça e nuca foi bem-vindo. Saí do banho mais leve, disposto e limpo. Deixamos nossas toalhas secando ao sol e saímos para descolar alguma coisa para comer. Não descobrimos nada muito agradável nas redondezas, somente alguns bares sujos com mesas nas ruas ocupadas por muitas pessoas suando e mandando bala na cerveja. Voltamos para comer na rodoviária. Também lá não tivemos muita sorte e acabamos almoçando um prato-feito gorduroso com arroz, batatas, uma salada ínfima e um bife de procedência duvidosa. Foi uma péssima refeição.

Mais uma vez não restava nada a fazer senão tomar algumas geladas. E para tal tarefa, as mesas na rua do lado de fora da rodoviária eram mais atraentes.

Sentamos numa mesa de metal e pedimos uma variante inédita da Paceaña, a Tropical. Entornamos os copos com facilidade, o clima contribuía. Uma tevê gigantesca no interior do bar estava passando algum show de música profundamente irritante, com o barulho nos incomodando e impedindo nossa conversa. Caímos fora e fomos beber dentro da rodoviária mesmo. Demos sorte, pois nas tevês de lá estavam transmitindo um jogo ao vivo do Real Madrid. Compramos uns pães de queijo e ficamos prestigiando o time de Zidane, Ronaldo, Beckham, Figo, Raul derrotarem seu adversário por 3 X 1. O jogo caiu como uma luva e o tempo passou despercebido, quando acabou já estava praticamente na hora de embarcar.

Quando estávamos seguindo para a plataforma de embarque, passamos em frente ao guichê do trem e o funcionário nos chamou. “Duas pessoas desistiram da viagem e os locais estão vagos, querem?” É lógico que aceitamos! Foi uma cagada providencial! Cagada nos dois sentidos. Explico. Pouco antes de embarcar, eu e o Anselmo demos uma passada no banheiro para cagar e evitar que sentíssemos vontade no busão. Acontece que por um vacilo meu, acabei derrubando – depois de me limpar, ainda bem – nosso papel no vaso sanitário. Não queríamos de maneira alguma embarcar numa viagem de um dia inteiro sem papel higiênico, então fomos comprar outro. E foi logo depois de comprar o papel, quando passávamos em frente do guichê, o cara nos chamou. Contamos nosso dinheiro e vimos que faltava. Enquanto o Anselmo ficou no guichê segurando as passagens, eu saí em disparada para tentar devolver nossas passagens de ônibus e recuperar nossa grana. O ônibus já estava na plataforma, pronto para partir. Não queriam devolver o dinheiro de jeito nenhum, mesmo porque tinha um aviso expresso dizendo que só aceitavam devoluções de passagens com duas horas de antecedência. Já estava me conformando e desistindo quando entrou em cena um senhor baixinho esbaforido e todo suado. Queria embarcar. Vendi uma das minhas passagens para ele e recuperei pelo menos a metade da grana. Já era o suficiente para pagar o restante dos bilhetes do trem. Voltei correndo feito um louco pela rodoviária, me desviando de malas e pessoas por todos os lados. Encontrei o Anselmo e compramos as passagens de Ferrobús. Sorte, muita sorte.

O trem já estava apitando, impaciente. Entramos. O vagão não era lá tão deslumbrante quanto haviam nos dito, mas era sim infinitamente melhor que o Trem da Morte. O ar-condicionado era uma benção e foi fácil nos acomodar nas poltronas reclináveis. O serviço de bordo era regular e nos serviram frango com molho agridoce. Nada a ver. Tentaram fazer algo refinado, com sotaque francês, sei lá, mas erraram feio. Teve ainda chá e bolachas. Bom, ao menos tive a oportunidade de assistir ao pior filme da carreira do Robert De Niro. Chama-se *Showtime* e ele contracena com o Eddy Murphy. É um péssimo filme, com uma péssima história. Um desperdício de talentos e dinheiro. Teve ainda outra sessão com uma comédia idiota muito mais risível que o filme anterior. O ar-condicionado gelou e só consegui dormir depois de me cobrir com meu poncho boliviano. Capotei.

21º Dia – O início do fim da viagem

Puerto Quijaro/Corumbá/Campo Grande, 17/01/05.

A viagem e o sono foram tranquilos, sem interrupções. Fomos despertados muito cedo pelo serviço de bordo com o café da manhã. A ansiedade em chegar apertou e o trecho seguinte foi um saco. Estava com pressa para voltar para casa. A proximidade torna ainda nossa ansiedade mais incontrolável. Desembarcamos na infeliz Puerto Quijaro por volta das 9h00. Nosso plano era ficar o menos possível por aquelas bandas. Combinamos um bom preço com um taxista e fomos até a fronteira. A travessia era também motivo de preocupação. Afinal, estávamos sem nossos passaportes e as digníssimas autoridades bolivianas poderiam querer tirar alguma casquinha. Junto com o passaporte, o Anselmo também perdeu o comprovante de vacinação internacional e isto poderia vir a criar um empecilho. Tínhamos escutado histórias de pessoas que tiveram que deixar uma grana para que os bolivianos liberassem a saída sem o comprovante. Optamos em cruzar a fronteira sem parar na *Migración*, fazer como os corumbaenses e quijarenses fazem. Há um movimento constante de ida e volta na fronteira. Muitos bolivianos trabalham no Brasil e vice-versa. Andamos sem olhar para os lados e ignorando os chamados de taxistas, aproveitadores que gritavam se queríamos visto. Foi mais fácil do que pensávamos. Por aquela fronteira passa absolutamente tudo. Vista grossa e descaso é a norma usual. Acredito que se um dia passar por lá um elefante roxo de bolinhas amarelas também vai entrar e sair sem ser incomodado.

Já no lado brasileiro, colamos numa vendinha em frente ao ponto de ônibus e tomamos um guaraná. Tentei usar o orelhão, mas não funcionava. Esperamos, contentes de estar no Brasil, por uns 20 minutos. Montamos no busão e partimos para Corumbá. Andamos algumas centenas de metros e paramos em frente à Polícia Federal. Alguns guardas entraram revistaram algumas bolsas dos bolivianos e pediram os documentos de todo mundo. Mostramos nossos salvo-condutos e o cara até riu. Não sei se foi minha foto, ou nossa situação que o sujeito achou engraçado. Babaca. Quando a gente está com pressa parece que tudo conspira contra nossa vontade. Assim, nosso ônibus caiu atrás de um funeral. Uma fila de carros se arrastava a menos de 10 km/h e nosso ônibus não conseguiu realizar uma ultrapassagem pelas estreitas ruas de Corumbá. Só depois de passar pelo cemitério que conseguimos progredir. A cobradora nos informou o ponto perto da rodoviária. Não era tão perto assim. Ainda mais com mochilas pesadas nas costas sol na cabeça. Nosso plano era comprar passagens para o fim da tarde. Poderíamos aproveitar o dia em Corumbá para comer um bom peixe e dar umas bandas pelos mirantes que ficam nas margens do rio Paraguai.

Conseguimos uma passagem para Campo Grande, às 13h00. O peixe e o passeio em Corumbá ficaram para a próxima. O tempo que nos restou serviu para tomar banho num hotelzinho e almoçar num restaurante por quilo. Foi ótimo comer arroz e feijão bem temperados, carne de verdade e uma boa salada de alface com tomates. Nós dois repetimos os pratos, as comidas mais corriqueiras pareciam novidades frente à nossa voracidade. Enquanto comíamos acompanhamos no jornal a morte do sambista nas horas vagas e malandro profissional, Bezerra da

Silva. Montamos no bumba. O ar-condicionado e os vidros escurecidos atenuavam os efeitos do sol. Conversamos bastante e não conseguimos pregar os olhos. Estávamos muito excitados e inquietos. Fizemos uma parada num posto perto de Miranda e seguimos ora conversando, ora nos distraíndo com outras atividades. Eu ia atualizando meus relatos, ou então fazia palavras cruzadas. As paisagens já não me atraíam mais, tudo me parecia enfadonho e fugaz. A viagem de mais de seis horas foi bastante corriqueira.

Aportamos em Campo Grande quando já se passavam das 19h00. Conseguimos adquirir passagens para Assis num ônibus que partiria às 23h00. Era o tempo necessário para passar na casa dos meus avós, filar uma bóia e tomar outro banho. Pegamos um táxi e em poucos minutos estávamos atravessando os portões do modesto condomínio Tupinambás. Meus avós ficaram muito contentes com a visita e nos esperavam com bifés acebolados, arroz de avó – quem já provou, sabe que não há outra comida igual – e salada farta. Findamos as cervejas da geladeira e conversamos com meus avós a respeito de algumas impressões e peripécias da viagem. Fiz alguns telefonemas para minha mãe, para a Marina e para o André. Meu primo André também apareceu por lá e papeamos até a hora de seguir novamente para a rodoviária. Despedimos-nos e cinco minutos depois já estávamos novamente com latas de cerveja nas mãos. Nosso ônibus iria atrasar, mas nada que o conteúdo líquido em nossas mãos não refrescasse. Bebíamos rapidamente para atingir um grau de sonolência necessária para dormir rapidamente. Menos de dez minutos depois de embarcar, o ônibus parou na garagem da empresa para abastecer e lavar o banheiro. Tempo para mijar e tomar mais duas ou três latas cada. Recostei minha cabeça sobre o banco e apaguei. Foi sem dúvida a melhor noite de sono em todos os ônibus e trens que eu peguei na viagem toda.

22º Dia – Chegada

Assis, 18/01/05.

Pela primeira e única vez na viagem eu fui acordado pelo Anselmo, o normal era justamente o contrário. “Chegamos” – disse, me cutucando. Abri os olhos e reconheci a paisagem em minha volta. Estávamos na rodoviária de Assis, minha Macondo. E agora, terminada a jornada, segue o final e uma talvez esperada conclusão. Não vou dizer que a desigualdade social da América Latina é abissal. Não vou dizer que nosso continente é uma bomba relógio. Estas observações seriam óbvias e esperadas. Não vou perder meu tempo e nem aborrecer possíveis leitores e leitoras com ideologias desgastadas e utopias em frangalhos. Não.

Vou apenas dar um conselho, se é que tenho o direito. Acho que sim, depois de 20 dias de relatos, acredito poder dizer ao menos um conselho. Faça sua mochila e vá viajar. Não importa aonde você vá; não interessa com quem você vá; não importa o que você faça. Pedras que não rolam criam limbo. Caia na estrada. Rápido.

Nota final

Para quem teve paciência em chegar até aqui, não entendeu o título e acha necessária uma explicação, aí vai:
Iracema é um anagrama de América, ou seja, as mesmas letras, reordenadas, formam duas palavras diferentes. Mon amour é frescura minha mesmo, referência ao filme "[Hiroshima, mon amour](#)" (Alain Resnais, 1959), clássico da Nouvelle Vague francesa.